STEPHEN KING: “SMITH É UM GÊNIO CULTURAL”

STEPHEN KING: “SMITH É UM GÊNIO CULTURAL”
SÓ SE
MORRE DUAS
VEZES
CHRISTOPHER
SMITH

Para Virgil.

http://www.christophersmithbooks.com

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

Por sua ajuda com este livro, o autor é particularmente grato a Erich Kaiser; aos seus pais, Ross Smith e Ann Smith; a Margaret Nagle; a J. Carson Black; a Kate Cady; a Jim Ashley; a Kimberly Llewellyn; a Tyler e Stacy Thiede; a Martine Bound; a Kevin Brockus; a Laura Baumgardner; a Ellen Beck; a Jackie Kennedy; a Judi Warrington; a David B. Nemeth; a Mary Ravida; a Trish Luckett; a Angel Davis; a Anna Dobson; aos amigos da família do Facebook; à equipe em Odyl; aos amigos do *Bangor Daily News* e da UMaine; a Sandy Phippen; a Debra McCann; a Diane Cormier; a Lisa Smith; a Deborah Rogers; a Howard Segal; a Brandi Doane e a seu incrível contador e conselheiro finaiceiro, Jaime Berube. A todos vocês, meus agradecimentos.

O autor também gostaria de agradecer aos seus leitores pelo encorajamento, pela paciência e pelo apoio. Vocês são o primeiro e o último motivo para todas as primeiras horas da manhã e as horas tardias da noite. Cada livro é escrito tendo vocês em mente. Vejo vocês no Facebook.

Obrigado.

Psicopata: pessoa que sofre de distúrbio mental crônico, com comportamento social anormal ou violento.

Assassino em série: indivíduo que matou três ou mais pessoas em um período superior a um mês, com um intervalo entre os assassinatos, e cuja motivação para matar é normalmente baseada em uma satisfação ou recompensa psicológica.

Fanático: pessoa com entusiasmo extremo e não crítico, como o relacionado à religião ou à política.

"Eu só estava seguindo as ordens de Deus." —**Joseph Kallinger**, que, com o filho Michael, de 13 anos, assassinou três pessoas e torturou quatro famílias.

"Acredito que a única maneira de corrigir as pessoas é matá-las." —**Carl Panzram**, que cometeu vinte e dois assassinatos e sodomizou mais de mil homens.

"Se alguém julga ter entendido as Escrituras divinas ou partes delas, mas se com esse entendimento não edifica a dupla caridade — a de Deus e a do próximo —, é preciso reconhecer que nada entendeu."
— **Santo Agostinho de Hipona**

"A Bíblia é uma excelente fonte de inspiração para aqueles que não a entendem."
— **George Santayana**

SÓ SE MORRE DUAS VEZES

Um suspense

De Christopher Smith

CAPÍTULO 1

No começo, tudo que ela percebia era uma umidade gelada contra a bochecha e clarões de luz ao longo da visão periférica. Conseguia ouvir alguém falando com ela, um homem, mas não conseguia entender o que ele dizia.

Ela sentiu o corpo sendo sacudido. Chutado. Socado.

A cabeça doía.

Havia sangue na boca. E mais alguma coisa. Alguma coisa espessa e redonda, que dificultava a respiração.

A perna esquerda começou a se contrair.

Os *flashes* de luz continuaram até que a dor na cabeça ficou forte demais para que aguentasse.

Alguma coisa foi colocada em sua mão direita. Ela sentiu os dedos sendo fechados em torno do objeto e, de alguma forma, ele foi preso à mão.

Ela ficou imaginando o que seria. Onde estaria. Tinha morrido novamente? Ou estava prestes a morrer de novo?

Ela sabia tudo sobre a morte.

Já a enfrentara antes e caíra bem fundo no poço da morte.

Estava lá novamente?

Ela desmaiou e foi em direção à sua luz particular.

CAPÍTULO 2

Quando acordou de novo, Cheryl Dunning piscou. Apesar de a cabeça ainda estar zonza e a visão turva, ela conseguiu processar que a escuridão que via não tinha nada a ver com morte ou com estar inconsciente, mas com o fato de que era noite.

Ela estava do lado de fora e viva, mas onde? Como chegara lá? Ela tentou entender o que estava acontecendo, tentou se lembrar dos eventos que a levaram àquela situação, mas não conseguiu.

A mente estava vazia.

Ela precisava sair, chegar em casa. Mas onde era "casa"?

Tentou erguer a cabeça, mas o esforço foi excruciante e ela percebeu que não conseguia. Apoiou-se na mão esquerda e tentou empurrar o corpo para cima, mas gritou de dor e caiu de volta no chão.

Ela não conseguia se mover. Pelo menos, não naquele momento. O instinto assumiu o controle. Aquela parte dela que ainda conseguia raciocinar percebeu que talvez tivesse quebrado algum osso. Ou, pior, vários deles. Precisava ter cuidado. Parecia que tinha levado uma surra.

Enquanto estava deitada lá, ela se deu conta de que estava no solo úmido de uma floresta. Sentia o cheiro de madeira molhada, da decomposição abaixo dela e tinha ciência de que estava chovendo. A água batia em seu rosto e encharcava as roupas. Não era uma chuva pesada, mas era constante, e ela estava alerta o suficiente para saber que estava em uma situação terrível.

Estava sozinha e exposta aos perigos em alguma floresta desconhecida. Os pensamentos se voltaram para os animais selvagens que ela sabia que estavam por perto. Cercando-a. Sentindo seu cheiro. Querendo destroçá-la e devorá-la. O medo que sentiu naquele momento fez com que tivesse vontade de se levantar e correr, mas o corpo não respondia. Havia algo de errado com a

cabeça. Não parava de latejar. Parecia que tinha levado um chute.

Portanto, ela ficou deitada lá, prisioneira do que tinha acontecido. Ouviu os barulhos da noite, com sons de farfalhar nas árvores. Que predador estaria lá naquela noite? Pois havia um predador. Sentiu-se totalmente sem esperança e sabia que estaria morta antes que tivesse chance de se salvar.

Ela fechou os olhos. Tentou se lembrar de sua vida, mas não havia vida a lembrar. Era como se alguém a tivesse apagado de sua mente e, em seu lugar, deixado uma dor que nunca sentira antes. A dor já a consumira antes e o fazia novamente.

Ela cambaleou no precipício daquela dor, entregou-se a ela e deslizou para a inconsciência.

CAPÍTULO 3

A manhã chegou e, com ela, o fim da chuva.

Cheryl Dunning abriu os olhos e, dessa vez, conseguiu ver claramente. Não havia neblina nem névoa, apenas claridade. O corpo ainda doía, mas a dor não era excruciante. Por um momento, a ideia de que sobrevivera à noite devolveu-lhe a esperança que perdera horas antes.

Com um lado do rosto enterrado no chão molhado, ela olhou em torno e viu que estava em uma área com árvores. Uma floresta. Acima, havia uma cobertura de árvores iluminadas pelo sol, o esplendor fulgurante dos bordos sendo seduzidos pelo toque gelado de outono nas sempre-vivas que desafiariam o inverno que se aproximava e que sobreviveriam até a primavera. Era fim de setembro no Maine, as agulhas dos pinheiros compunham o tapete sobre o qual estava deitada e ela estava congelando.

Também estava com sede. A boca estava repleta do gosto de ferro do sangue seco e ela desejou estar perto de uma fonte de água, mesmo que fosse apenas para lavar a boca.

Como chegara ali? Ela fechou os olhos, tentando se lembrar, e os pedaços de um quebra-cabeça que estivera perdido na noite anterior começaram a se juntar.

A última lembrança era que passara um tempo com a amiga Patty no bar local favorito, The Grind, virando doses para celebrar o trigésimo aniversário da amiga, que ela chamara de um evento marcante porque nunca achou que chegaria aos vinte e sete. Não com a sorte que tinha.

Cheryl raramente bebia, mas Patty a convenceu por ser seu aniversário. Sem querer estragar a diversão da amiga, Cheryl concordou com a comemoração. Patty era amiga de longa data e, depois de tudo pelo que passara na cidade — e tudo o que fizera por Cheryl muitos anos antes, quando ela morrera pela primeira vez —, merecia uma noite divertida. Juntas, tomaram várias doses de

tequila, apesar de Cheryl saber que pagaria por isso no dia seguinte.
Mas não daquele jeito. Não fazia sentido. Por que ela estava lá? Quem a levara para aquele lugar?
Ela precisava se levantar. Precisava sair dali. Permaneceu deitada, de barriga para baixo, e cuidadosamente ergueu uma das pernas, que estava bem. Ela moveu a outra perna e, apesar de sentir uma dor terrível, ficou claro que não estava quebrada. Começou a erguer a mão direita, naquele momento, viu o celular preso a ela com uma tira de borracha.
Confusa, ela ficou olhando para o aparelho.
Foi quando ele começou a tocar.
Sobressaltada, ela ergueu a cabeça do chão da floresta e algumas folhas presas ao rosto caíram. Com esforço, ela se sentou e limpou o restante das folhas com a mão livre. O celular tocou novamente.
Ela o arrancou da mão e o jogou longe. Olhou em torno da floresta, vendo o vapor subir das áreas em que o sol conseguia passar pelas árvores para aquecer o chão frio e úmido. Ela se sentiu como se estivesse sendo observada. Ouviu as folhas caindo das árvores. Uma brisa leve tocou suas costas.
E o celular tocou novamente, vibrando logo à frente dela, no chão. Parecia tremer, de forma parecida com o tremor que ela sentia.
E Cheryl Dunning, de Bangor, Maine, que por dez anos trabalhara como secretária no Departamento de Inglês da Universidade do Maine, recebendo um salário medíocre, e que nunca terminara a faculdade por motivos que poucos conheciam por causa da profunda vergonha que a incapacitara por anos, sabia que estava em uma situação pior do que jamais imaginara.

CAPÍTULO 4

Foi a curiosidade que a empurrou.

Movendo-se através da dor, ela esticou a mão para pegar o celular. Quando fez isso, viu os cortes e machucados no antebraço, o que a fez recuar quando as entranhas se contraíram em preocupação.

Como estava a aparência do resto do corpo? Ela ainda estava usando as roupas com que fora ao bar. Uma camiseta branca justa que mostrava as curvas do corpo, calças jeans azuis justas que comprara por sete dólares em uma liquidação e botas que Patty dissera que tinham sido feitas "para pegar qualquer homem que quiser, e você precisa de um homem, Cheryl. Minha nossa. Já faz um milênio desde que saiu com alguém. No mínimo, essas botas, com esses saltos, a colocarão no banco traseiro do carro de alguém. Amém."

Como se Cheryl buscasse isso. Ela não estivera com ninguém desde aquela noite, e Patty sabia o motivo. Ela sabia que Cheryl tinha cicatrizes emocionais, mas Patty sofrera com os próprios problemas e sabia que, mesmo assim, a vida tinha que continuar.

— Há duas coisas que você pode fazer, Cheryl — disse Patty um dia. — Pode viver no passado e morrer por causa dele. Ou pode deixar o passado informar o presente para que tenha um arremedo de futuro. É conversa de terapeuta, mas é verdade. O passado não vai desaparecer, mas você pode fazer o melhor possível para aprender com ele e seguir em frente.

No decorrer dos anos, aconteceram outros sermões, que Cheryl tolerara porque sabia que a amiga só estava preocupada. Mas, depois do que acontecera com Cheryl durante o primeiro ano da faculdade, e que fora o motivo para nunca ter terminado o curso, não tinha certeza se conseguiria estar com um homem novamente. Não depois do que passara.

Ela ficou pensando nas botas e nos saltos. Se tivesse que correr, como conseguiria fazer isso com aquelas botas? A ideia a deixou quase tão preocupada quanto o celular, cuja superfície brilhava, pois capturara um raio de sol e o jogava de volta em direção ao céu.

Ela avançou e o pegou. Virou-o nas mãos e quase gritou quando ele vibrou novamente, o que confirmou a crença de que, em algum lugar naquela floresta, alguém a observava. Brincava com ela. Cheryl não entendia o motivo, mas alguém estava por perto e, dada a condição dela, era claro que planejava machucá-la ainda mais ou matá-la.

Por quê?

Ela não fazia ideia. Talvez não houvesse um porquê. Talvez estivesse lidando com a loucura, algo com o qual já lidara antes.

Ela queria se lembrar mais do que acontecera na noite anterior. Alguém colocara algo na bebida delas quando não estavam olhando? E, se alguém fizera isso, quem fora? Não houvera mais ninguém na noite anterior além dela e de Patty, houvera? Ela não se lembrava de ter falado com ninguém mais além do garçom e, mesmo assim, apenas rapidamente. The Grind era um lugar lotado. Ele estava ocupado. Quando ela ou Patty o chamava, era apenas para pedir outra rodada.

Ela estava pensando em Patty, imaginando onde ela estava, quando o celular vibrou novamente em sua mão. Era um iPhone, quebrado na lateral, com a superfície arranhada, mas era um dos modelos mais novos. Ela tinha uma versão mais antiga e, pelo menos, sabia como usá-lo.

Ela pressionou o botão embaixo da tela e viu que, apesar de não haver mensagens de voz, havia oito mensagens de texto. Ela tocou no ícone e leu a primeira. "Você não pode dar um telefonema. Você não pode enviar mensagens de texto. Os mapas foram desativados. O rastreamento foi desativado. O acesso ao navegador foi desativado. Está claro? Este celular foi *hackeado* e serve como minha linha de contato com você. Eis sua primeira orientação. Selecione o ícone *iPhotos* e olhe as fotos." Ela percorreu as outras sete mensagens e todas diziam a mesma coisa, mas a última era mais urgente. "Selecione o ícone *iPhotos*, Cheryl. Agora. Não me provoque."

A pessoa sabia o nome dela. Como sabia o nome dela? Ela

conhecia essa pessoa?

O celular vibrou novamente e outra mensagem de texto apareceu na tela. Ela a abriu. "Realmente não quero matar você, Cheryl. Pelo menos, não agora. Então, abra o maldito ícone."

Nervosamente, ela saiu da janela de texto e selecionou *iPhotos*. O que viu ao abrir o aplicativo foi uma série de eventos. As fotos começavam no The Grind. A qualidade era baixa, como se não tivesse sido usado *flash*, o que fazia sentido, pois as pessoas teriam notado um *flash*, incluindo ela e Patty.

Ainda assim, havia luz suficiente para ver que ela estava tomando uma dose de tequila com Patty no bar. Ela deslizou o dedo na tela para avançar para a próxima imagem. Nela, ela e Patty estavam dançando no centro da pista, uma multidão à volta delas, algumas com as mãos erguidas acima da cabeça. Ela ficou olhando para a foto. Não se lembrava de ter dançado na noite anterior.

Ela avançou para a próxima foto e viu que ela e Patty estavam na parte de trás do bar, tomando mais uma dose. Ela estava suada e rindo. Patty estava com o corpo dobrado para a frente e parecia estar às gargalhadas. O garçom, um homem de boa aparência com cabelos escuros e um rosto masculino, olhava para elas divertido.

Na próxima foto, só ela aparecia, sozinha, parada ao lado do bar. Patty não estava à vista. Olhando para si mesma, ela conseguia ver a insegurança estampada no rosto. Mas ela sempre se sentia desconfortável quando estava sozinha. O rosto parecia grave. Os braços estavam dobrados à frente do corpo. Ela olhava para a esquerda, para o local onde ficavam os banheiros. A multidão era consideravelmente menor. A noite avançava.

Próxima.

Patty estava de volta, dessa vez com um homem. Do mesmo modo como ela própria estava encostada no bar para se apoiar, Patty estava encostada no estranho pelo mesmo motivo. O braço dela estava em torno do pescoço dele. Ele era grande, mais jovem que elas, musculoso. Parecia sóbrio e elas, muito bêbadas. Cheryl passou para a próxima foto e, nela, estavam do lado de fora, no estacionamento, com o homem. Estavam parados ao lado do Jetta branco de Patty, parado perto de um poste de luz que os iluminava, e Cheryl fumava um cigarro. O homem beijava o pescoço de Patty e

as mãos dele seguravam as nádegas dela. Cheryl olhou para si mesma na imagem e viu que tinha o dedo levantado, como se o estivesse balançando para eles, apesar de estar rindo.

Próxima.

Patty estava no carro com ele, a mão acenando pela janela aberta ao se afastar de Cheryl, que ainda estava parada sob o poste, segurando-se para não cair enquanto olhava por sobre o ombro. Pela primeira vez, estava de frente para a câmera. Apesar de a boca estar entreaberta, a expressão do rosto era vazia.

Seu coração bateu mais rápido. Ela passou o dedo sobre a tela novamente e, dessa vez, não estava preparada para o que viu. Estava deitada no asfalto. O sangue se espalhava como uma rede sobre o rosto. Havia um olhar confuso no rosto, como se alguma coisa tivesse acabado de acontecer. A bota de um homem, grande, suja e gasta a ponto de parecer velha, cobria a boca dela e esmagava seu rosto contra o chão.

Ela estava muito perturbada para olhar as outras fotos, mas sabia que precisava, nem que fosse para ver a história que elas contariam e como poderiam ajudá-la a sair da situação em que estava. Ela percorreu as fotos. Viu-se na parte de trás da caçamba de uma caminhonete, as mãos e os pés amarrados atrás do corpo com uma corda, uma mordaça em torno da cabeça com uma bola enfiada na boca, fita adesiva sobre os olhos para mantê-los fechados.

Outra foto, bem iluminada. Naquele ponto, ele obviamente sentira-se seguro o suficiente para usar o *flash*. Ela estava na floresta, deitada de costas, a mordaça ainda sobre a boca. Mas a fita fora retirada e, com os olhos arregalados e expostos, eles refletiam puro terror.

Ela percorreu o restante das fotos e, em cada uma delas, o rosto e o corpo pareciam expor mais sangue e ferimentos. Ele a estava espancando deliberadamente à medida que tirava as fotos. No último grupo, ela estava de barriga para baixo, a cabeça virada para a direita, os olhos fechados, a mordaça fora removida da boca machucada e a água brilhava em seu rosto, que estava cheio de terra.

Ela estava inconsciente.

Mas, naquele momento, estava viva. Talvez não por muito tempo,

pois, atrás de si, ela ouviu movimento entre as árvores.

CAPÍTULO 5

Antes de morrer pela primeira vez, cerca de nove anos antes, quando estava no primeiro ano do curso de inglês na Universidade do Maine, Cheryl Dunning era outra pessoa.

Ela via o mundo com olhos diferentes. Tivera seu quinhão de altos e baixos, como todo mundo, mas certamente nada que mudasse sua vida. Nada que a fizesse questionar o mundo e redefinir quem era e foi por isso que aquilo aconteceu.

Até o dia em que a sua vida terminara, ela era como muitos dos amigos que tinha, razoavelmente feliz. E, algumas vezes, quando escrevia algo de que gostava, lia algo que adorava ou conhecia um rapaz que achava bonito, ficava irracionalmente triste.

Em vez de ter um único amigo, como Patty era naquele momento, Cheryl tinha muitos amigos. Ela era popular. Era considerada bonita. Algumas pessoas no curso admiravam o que escrevia. Diziam que ela tinha talento. "Consigo ver você escrevendo romances um dia", diziam alguns dos colegas de redação mais confiantes. "Você tem jeito para os diálogos." Os professores concordavam.

E Cheryl Dunning enxergava um futuro para si mesma.

Fora na casa da amiga Diane, em um jantar que consistira em pizza da Domino, vinho tinto e cerveja dispostos sobre uma mesa iluminada por velas verdes, que ela conhecera Mark Rand.

Ele parecia legal. Era alto, cabelos escuros, olhos azuis — o tipo dela, até a covinha no queixo. Jogava beisebol, o que a teria desmotivado se ele não fosse tão bom. Como ela, ele gostava de ler. Como ela, Fitzgerald era seu autor favorito. Como ela, achava que as pessoas davam importância demais a Kerouac. Ele admirava "Ulysses" e ela achava que não tinha valor algum, mas Mark tinha o próprio ponto de vista que o deixava ainda mais interessante.

Antes de ser estuprada, ter a garganta cortada e ser deixada para morrer atrás do complexo de apartamentos em que Diana morava, onde um vizinho ouvira seus gemidos e fora inteligente o suficiente

para questioná-los, ela gostara da companhia e do charme dele.
Ela flertara com ele. Ele flertara com ela. Eles se beijaram do lado de fora do banheiro de Diane. Ele encostou o corpo no dela, que o sentiu contra a perna. Ela não pretendia fazer sexo com ele, mas uns amassos não estavam fora de cogitação. Quando saíram da festa uma hora depois, os dois estavam meio bêbados de cerveja e totalmente embriagados pela atração mútua.
— Quero foder você — disse ele quando saíram do prédio.
Ele disse aquilo de forma tão direta que a fez rir.
— Brincadeira — disse ele.
— Muito engraçadinho.
— Mas acho você atraente.
Ela sorriu.
— E adoraria se me fizesse um boquete.
Ela não respondeu, pois não tinha certeza se era o álcool falando ou ele tentando ser engraçado. Simplesmente fez de conta que não ouviu. *Rapazes e seus boquetes*. Ela gostava dele, mas tinha regras rigorosas quando se tratava de ir para a cama com alguém, e nunca as quebrava. Ela concordaria com alguns amassos. Nada além disso. Se decidissem se encontrar novamente, resolveriam o que fazer a partir daí.
Talvez depois do quinto encontro, se ele acontecer.
O prédio do apartamento de Diane era em uma rua quieta, com fundos para um bosque. Era o início do outono e ainda estava razoavelmente quente. Estava escuro, portanto, eles entraram no bosque e encontraram um pinheiro alto no qual se encostar.
No início, ele foi gentil. Segurou o rosto dela nas mãos e beijou-a de leve nos lábios. Sussurrou no ouvido dela, disse que era linda e ela começou a sentir um certo prazer. Levou algum tempo para que ele colocasse a língua na boca dela, mas a maneira como o fez foi tão *sexy* que ela resolveu que não se importava, e o beijou de volta intensamente.
Foi um erro.
Ele colocou a mão entre as pernas dela e começou a apalpá-la. Ela empurrou a mão dele e disse em seu ouvido: — Só assim. Assim está gostoso. Só isso, ok?
— E isso? — Ele pegou a mão dela e colocou-a sobre sua ereção. —

E isso? Não pode ignorar isso agora. Você causou isso. — Ela sentiu o cheiro do vinho no hálito dele, que não a incomodara antes, mas agora parecia podre, provavelmente por causa do tom de voz.

— Mark — disse ela. — Pare com isso. Estamos apenas começando a nos...

Ela se lembrava do primeiro soco que acertou o lado da cabeça. Mas, quando o segundo a atingiu, não havia mais nada além da escuridão. Em retrospecto, ela preferia pensar que o corpo a protegera de se lembrar da violência que acontecera a seguir.

Três dias depois, no quarto particular no Centro Médico do Leste do Maine, ela acordou do coma. Dois dias depois, contaram que ela morrera por ter perdido muito sangue. O médico dissera que ela fora estuprada e que sua garganta fora cortada. Os policiais queriam falar com ela, mas o médico adiou a conversa por mais um dia para que pudesse recuperar as forças.

Quando vieram, contaram a ela que Mark Rand estava preso e que o juiz negara fiança. Como ela fora considerada morta por dois minutos antes que conseguissem revivê-la, Rand estava detido por assassinato em segundo grau, estupro e uma série de outras acusações.

Quando saiu do hospital, ela deixou a faculdade e foi morar com os pais.

Seis semanas depois, descobriu que estava esperando um filho dele.

Um aborto foi agendado para a semana seguinte, mas não chegou a acontecer. Seja porque o corpo passara por tanto abuso físico e ainda estava sendo curado, ou porque a notícia da gravidez lhe causou um impacto emocional enorme, Cheryl Dunning perdeu o bebê no banho.

Quando a hemorragia começou, ela foi levada novamente para o hospital, onde ficou por mais quatro dias antes de deixar o lugar como uma pessoa diferente, mais dura, mais sábia.

CAPÍTULO 6

O movimento veio da esquerda.

Ela olhou para lá e tudo o que conseguiu ver foi uma infinidade de árvores, algumas tão largas que não podia ver além delas, especialmente os pinheiros e os abetos. Eles se entrelaçavam de tal forma que pareciam conspirar contra ela. A pessoa que a trouxera aqui provavelmente estava logo atrás das árvores, observando-a e esperando que fizesse algum movimento.

Ela colocou os pés sob o corpo e se levantou. A dor continuava lá, martelando em busca de atenção, mas o que estava acontecendo com ela agora a abafou. A própria sobrevivência superava tudo.

Ela ficou parada, ouvindo. Estava quieto, mas não silencioso. As folhas dos carvalhos, dos bordos e das bétulas caíam no chão da floresta à sua volta. Os pássaros voavam acima dela, navegando preguiçosamente pelo labirinto de folhagens. Ela podia ouvir o som da própria respiração, a brisa fria nas costas e o som inegável de passos ocasionais ao pisarem suavemente nas folhas úmidas que os traíam.

Mesmo com as botas de salto alto, Cheryl Dunning não se perguntava se conseguiria correr, mas se conseguiria correr mais depressa do que ele — seja lá quem fosse. Ela não se perguntava se conseguiria lutar, porque sabia que sim, mas se seria suficiente, caso ele tivesse algo com que matá-la, como uma arma. Não pensava na dor que ameaçava consumi-la se permitisse porque, se o fizesse, ele venceria. Tudo em que pensava era na melhor forma de sair daquela situação. Não era burra, sabia que as chances estavam contra ela. Mas seu instinto lhe dizia que, se ele quisesse matá-la, já o teria feito.

Seja lá qual fosse o motivo, ele a queria viva. Pelo menos por enquanto. Ela supôs que fosse porque queria brincar com ela antes de matá-la.

Antes de tentar *me matar*.

Era a única coisa que fazia sentido. Caso contrário, por que teria prendido o celular na mão dela? Por que parara de bater nela, quando poucos chutes a mais no peito, nas pernas, na barriga e na cabeça teriam acabado com a vida dela? Ele a queria viva por algum motivo e, até onde Cheryl podia perceber, era porque estava lá para caçar. Ela era a presa. Em algum nível pervertido que ela nunca compreenderia, ele a queria viva porque, dessa forma, poderia brincar com ela até se cansar do jogo e acabar com a vida dela.

Ela precisava pensar. Planejar. Olhou em torno, mas tudo o que viu foi a floresta. Não havia som de tráfego, o que significava que ele a largara no coração da floresta, o que também fazia sentido. Quando a matasse — se, por exemplo, planejasse dar um tiro nela — era improvável que alguém ouvisse o disparo ou o fim da vida dela. E, mesmo se ouvisse, o tiro seria ignorado. Afinal, era temporada de caça.

Novamente, movimento à esquerda. O pressionar gentil de um passo que deveria ter passado despercebido, mas cujo som carregava o peso do perigo.

Ela queria chamá-lo, fazer algum acordo com ele e acabar com isso. Mas aqueles eram os pensamentos de uma pessoa tola e, depois do que passara na vida, Cheryl Dunning não era tola.

Ser assassinada, estuprada e perder um filho que nunca pretendera carregar definiam quem ela era. Mesmo com a tênue cicatriz que lhe percorria o pescoço, que fazia com que muitos ficassem olhando sem perguntar nada, pois a maioria das pessoas na cidade sabia o que acontecera, ela era mais dura do que todos achavam. Por baixo da fachada agradável e sorridente que levava consigo para o trabalho todas as manhãs, pois precisava de um emprego para fabricar uma existência para si mesma, era cínica, não confiava em ninguém e sentia uma tristeza imensa por tudo que se perdera para ela na noite em que Mark Rand literalmente lhe roubara a vida. E era assim que ela via a vida naquele momento.

Rand fora mandado para a prisão pelos crimes que cometera. Mas, por causa do que fizera com ela, Cheryl também fora mandada para uma prisão particular.

Ela queria confiar nas pessoas novamente. Queria se livrar do ódio que lhe consumia. E, apesar do medo de que não acontecesse, um

dia queria se sentir aberta para um possível relacionamento. Queria se casar, ter filhos, ter a vida normal que as outras pessoas levavam. Mas os riscos, achava, eram altos demais.

Independentemente do que a terapeuta e Patty diziam, era mais seguro não deixar que as pessoas se aproximassem. Era mais seguro ser aquela secretária sorridente que trabalhava duro e assentia polidamente aos desejos do chefe, mas que ia sozinha para casa à noite, com medo de que alguém a atacasse quando corresse do carro para o apartamento.

Naquele momento, inexplicavelmente, nove anos depois do evento com Rand, lá estava ela novamente, prestes a ser aniquilada por um homem desconhecido.

O movimento nas árvores ficou mais perto. Ela não só podia ouvi-lo, como também podia senti-lo. Uma parte dela sabia que era intencional. Ele queria que ela soubesse que estava perto. Queria que ela corresse agora. Estava pronto para que o jogo começasse e ela não tinha escolha a não ser começá-lo para ele.

Havia uma trilha à frente e atrás dela. Árvores à direita e à esquerda. Obviamente, não podia ir para a esquerda — ele estava lá, esperando que ela emergisse. Escolher a trilha seria mais fácil, mas ela ficaria exposta, o que poderia terminar em uma morte rápida se ele tivesse uma arma. Mas, se cortasse pelas árvores à direita, talvez conseguisse manter uma dianteira e se esconder ao correr para o abrigo que ofereciam.

E foi o que Cheryl Dunning fez. Ela correu. E, no momento em que começou a correr, ouviu um farfalhar atrás de si. Árvores se dobraram. Galhos se quebraram. E a voz dele: — É isso aí, garota! Corra agora! Corra, vadia! — Ele bateu palmas, e o som delas lambeu as costas de Cheryl enquanto corria pelas árvores, com os galhos batendo-lhe no rosto e nas mãos estendidas como chicotes.

— Faça com que seja divertido — gritou ele. — Vamos, Cheryl. Não me desaponte!

CAPÍTULO 7

Patty Jennings acordou sozinha naquela manhã.

Estava deitada de costas, as cobertas puxadas até o rosto e o corpo dolorido, de forma incomum.

Ela olhou para a direita e ficou imaginando a que horas ele partira. Ou se, de fato, realmente partira. Talvez estivesse na sala de estar ou na cozinha, mas duvidava. Durante as poucas vezes na vida em que levara um homem para casa, normalmente eles simplesmente partiam, e ela não se importava com isso. Preferia quando partiam. Assim, não havia nenhum adeus desconfortável. Nenhuma mentira de que se veriam novamente. Nada que gerasse desapontamento.

Patty ficou deitada por um minuto, tentando se lembrar da noite anterior. Ela e Cheryl tinham ido ao The Grind. Era o trigésimo aniversário dela, lembrava-se de ter convencido Cheryl a beberem juntas e, depois, conhecera... como era o nome dele? Jake? Jack? Não se lembrava. Não importava o nome. Ela o conhecera ao sair do banheiro e, apesar de ser mais novo, Patty não pôde deixar de notar como ele era absurdamente lindo.

Apesar de a cabeça ainda estar zonza pela falta de sono e pelo excesso de álcool, também se lembrava de que ele fora um arraso na noite anterior. Jovem ou não, era tão bom de cama, tão masculino para a idade que tinha e tão controlado, que ela deixara que fizesse o que queria, e ele fez. E de novo. Houve uma terceira vez? Ela forçou a memória, lembrou-se de que, sim, houvera, e não conseguiu evitar um sorriso.

— Finalmente — disse ela em voz alta. — Fiz jus à minha reputação. Que bom para mim.

Ela jogou as cobertas para o lado, usou o banheiro, pensou em telefonar para Cheryl e se desculpar por largá-la na noite anterior, mas decidiu primeiro fazer café e acordar completamente.

Que dia era? Sábado? Ela olhou para o relógio ao lado da cama e

viu que passava das nove. Conhecendo Cheryl bem, sabia que ela ainda estaria na cama. Sempre dormia até tarde. Mas não naquele dia. Patty queria fazer um almoço para ela, pois se sentia culpada por ter terminado a noite sem a amiga. Decidiu esperar uma hora antes de telefonar e ver se ela estava interessada.

Se não estiver, levarei o almoço para ela.

Ela entrou na cozinha que estava tão clara por causa do sol que os olhos doeram. Conseguiu chegar até a cafeteira e encontrou um bilhete. Estava sem os óculos, mas a ideia de que ele lhe deixara um bilhete era simpática. Voltou para a sala de estar, pegou os óculos na mesinha lateral, colocou-os no rosto e leu o que estava escrito.

A noite passada foi ótima, dizia o bilhete. *Muito gostosa. Deixei uma coisa para você. Acesse este* site: *http://on.fb.me/kCZNl3. Espero vê-la novamente em breve para que me diga o que achou. — Jack. P.S.: Depois que gozei em você, descobri que encontrei a pessoa certa.*

Ela olhou para a última frase com surpresa. Ela fizera aquilo? Nunca fazia aquilo. Estava tão bêbada assim na noite anterior? Será que tinham usado camisinha?

Patty se encaminhou para o banheiro, ligando o computador que estava sobre a escrivaninha. Enquanto esperava que carregasse, ela olhou em torno da cama, e sobre a cama, para ver se havia alguma camisinha, mas não encontrou nada. Verificou o banheiro. Nada, nem mesmo embalagens rasgadas na lata de lixo. Será que ele as jogara na privada e dera a descarga? Ela sabia que não. Que homem limpava as coisas, especialmente depois do sexo?

Ela não estava preocupada com uma possível gravidez, pois Patty Jennings não podia ter filhos. O que a assustava era a possibilidade de pegar uma doença.

O que eu fiz?

Passando a mão pelos cabelos, ela ficou imaginando como pudera ser tão descuidada. Bebera bastante na noite anterior, mas certamente bebera mais do que aquilo no passado, e nunca ficara tão bêbada. Alguém lhe pagara uma bebida? Era possível, mas não tinha certeza. Se alguém fizera isso — se *ele* o fizera —, tinha colocado alguma coisa dentro?

Deve ter feito isso.

Ela se lembrava da maior parte da noite, mas não tudo, e isso a preocupava. Como o que ele dissera no bilhete que fizera. Não conseguia se imaginar fazendo aquilo. Não era nenhuma pudica — acreditava que pessoas adultas podiam fazer o que quisessem atrás de portas fechadas. Mas fazer aquilo não era coisa dela e, francamente, achava isso perigoso.

Ainda assim, não podia ignorar o que acontecera. Precisava fazer um exame. Patty Jennings sabia que tinha reputação de ser um monte de coisas, muitas das quais negativas e que não eram verdade, mas também sabia que, bem dentro de si, era uma pessoa boa que nunca colocaria em risco a vida de alguém. Portanto, precisava fazer um exame. Estava decidido.

Voltou para a cozinha, fez uma xícara de café, olhou para o bilhete e foi até o computador. Abriu um navegador e digitou o endereço que ele escrevera.

Quando a página terminou de carregar, a vida de Patty Jennings foi alterada para sempre.

CAPÍTULO 8

Kenneth Berkowitz não sabia quase nada sobre o Maine. Mas, assim que ele e Ted Carpenter chegaram no estado cinco semanas antes, depois de completar o último assassinato no Novo México, ele passou a conhecer uma coisa em detalhes — a propriedade em Monson, a cerca de uma hora a noroeste de Bangor, onde Ted estava caçando Cheryl Dunning por causa da vida de pecados dela.

Ted conhecia a propriedade tão bem quanto Kenneth.

Durante semanas, os dois a percorreram, estudaram-na pessoalmente usando o Google Maps e o Google Earth.

Alguns, em sua fé, achavam que a tecnologia era um pecado, pois seria como catalisadora para pornografia e outros *sites* considerados inadequados ou sacrílegos. Mas Kenneth e Ted eram diferentes. Viam a tecnologia como uma ferramenta de Deus para auxiliá-los no chamado divino. Entendiam que a tecnologia fora criada pelo Criador para ajudá-los a fazer o que tinham sido chamados a fazer: matar o maior número possível de prostitutas antes de serem chamados ao céu para terem o seu trabalho reconhecido pelo próprio Cristo.

Rapidamente aprenderam a apreciar a propriedade por causa de todas as complicações que oferecia. Somente Deus poderia ter composto tal obra-prima de armadilhas. Se alguém, por exemplo, subitamente se encontrasse no meio dela, como acontecera com Cheryl Dunning naquela manhã, encontrar o caminho para a liberdade seria quase impossível se não soubesse para onde correr.

A beleza da propriedade não era apenas o tamanho — milhares de acres, com cerca de duzentos deles abrigando um pântano —, mas o fato de que só tinha um caminho principal que a atravessava.

Nos dois lados daquele caminho havia estradas rurais e, se Cheryl encontrasse uma delas, teria acertado na loteria, pois seria uma possível saída. Caso contrário, era tão difícil navegar naquelas terras que, se a pessoa não soubesse exatamente onde estava o tempo todo, era certo que se perderia.

Depois de deixar para trás Patty Jennings, a prostituta que ele fodera na noite anterior, e que era parte do grande plano deles nessa missão particular, Kenneth Berkowitz conduziu o Ford F-150 preto para noroeste até chegar à cidade-no-meio-do-nada que era Monson, um núcleo rural sem atividade e de pouco interesse. Sem contar os derrotados aleatórios que decidiram passar a vida em pequenas cabanas lúgubres, não havia literalmente nada lá. Apenas a beleza da natureza, que era o que Kenneth e Ted teriam preferido. Era assim que acreditavam que a terra deveria permanecer, intocada por todos exceto Deus.

A entrada para o caminho que penetrava na floresta estava marcado por uma fita vermelha simples amarrada em um galho. Berkowitz avançou até encontrá-la, parou no acostamento e saiu do carro. Ele respirou fundo o ar limpo e fresco e, mais uma vez, encontrou-se com seu Pai, Jesus Cristo Senhor Todo Poderoso. Nenhuma alma à vista. Nenhuma casa em quilômetros. Nada além do chilrear abençoado dos pássaros migrando e do silêncio da serenidade.

Mas isso não significava que não precisava tomar precauções.

Se alguém passasse naquele momento, tudo o que veria era um jovem de calça jeans, botas e um casaco marrom pesado. Um capuz escondia os cabelos. Ele usava óculos escuros para esconder os olhos e não fazer qualquer contato pessoal e direto com ninguém. Ele e Ted trocaram as placas do carro ao chegarem no Maine e, desde então, trocavam-nas novamente toda semana. Era melhor parecer um morador do Maine e se misturar.

Deus os ajudara ao longo do caminho e eram gratos por isso.

CAPÍTULO 9

Kenneth e Ted tinham se conhecido três anos antes, quando Ted publicara uma mensagem no *site* Craiglist perguntando se alguém mais acreditava que as prostitutas do mundo deveriam ser eliminadas da face da Terra em nome de Jesus Cristo Senhor Todo Poderoso.

Grande parte das respostas fora o que ele esperara daquele antro de pecadores, a maioria dos quais usava o *site* para conseguir sexo. Fizeram brincadeiras sobre a mensagem. Muitos o mandaram para o inferno, o que o fez sorrir com o absurdo da declaração. Alguns disseram que só concordariam se pudessem colocar na lista o nome de ex-mulheres, e ele respondeu dizendo que teria prazer em fazer isso, desde que lhe dessem o endereço. Outros publicaram fotografias de mulheres nuas como resposta, e ele respondera que deveriam se envergonhar por compartilhar fotografias das mães e avós deles. Ninguém levou Ted a sério. Mas, antes que as pessoas responsáveis pelo *site* Craiglist removessem a mensagem, Kenneth a viu e enviou uma resposta.

Uma correspondência de e-mails se iniciou entre os dois homens.

Ted morava em Denver. Kenneth morava em Los Angeles, a cidade dos anjos, que ele sempre vira como sendo o início do chamado divino, apesar da quantidade irônica de pecados que acontecia lá.

Os dois frequentavam a igreja Amor Abundante, e concordaram que isso era algum tipo de sinal. De todas as igrejas do mundo, tinham escolhido o Amor Abundante. Era inquietante. E, mais ainda, os dois eram ativistas agressivos contra o aborto, outro sinal que não podia ser ignorado.

Conversaram sobre os males que fervilhavam no mundo e a responsabilidade de homens como eles próprios de tomar ações para impedi-los. Obviamente, não tinham como impedir tudo — eram apenas dois contra um exército de muitos — mas, por meio de certas ações que nenhum dos dois mencionou por várias semanas, talvez

pudessem enviar uma mensagem para o mundo sobre as prostitutas que o degeneravam. Quando as histórias aparecessem, talvez o mundo ouvisse o chamado deles.

Logo, estavam conversando pelo telefone. Os domingos não eram mais passados nas respectivas igrejas. Em vez disso, alternavam a leitura em voz alta das passagens favoritas da Bíblia de cada um ou, em alguns casos, faziam sermões apaixonados um para o outro. Conversaram sobre suas vidas e como cada um deles, por causa de suas "crenças radicais", sofrera ostracismo por parte das famílias e dos amigos.

— Não vejo minha mãe há onze anos — dissera Ted um dia no telefone. — Onze anos. Ela não quer saber de mim. Disse que não podia fazer mais nada por mim e que eu precisava de ajuda. Até disse que rezaria por mim, o que me fez rir. Eu disse a ela que rezaria por *ela*. Disse a ela que rezaria por toda a maldita família porque todos iriam para o inferno. Não eu.

— Sempre dizem isso — disse Kenneth. — Sempre dizem que rezarão, o que é uma piada, pois só rezam para ter mais dinheiro, uma casa melhor, coisas materiais. Na minha família, sei que todos estão orando por mim, seja lá o que for que isso queira dizer. Deixe que percam o tempo deles. Deixe que rezem, rezem e rezem. Nunca entenderão. Nunca entenderão o motivo por trás da oração, os motivos pelos quais você ora nem a importância dessas duas coisas.

— Você tem razão. Nunca entenderão.

— Sabe de uma coisa? Minha mãe me chamou de embusteiro. Perguntou como é possível que alguém como eu fique na esquina com pôsteres contra aborto e com a Bíblia, e ainda assim ver pornografia? Ela não *entende*? Olhar pornografia não é pecado. É simplesmente a prova do pecado, algo que precisa ser notado e destacado. As prostitutas que posam nuas para as fotografias é que são as pecadoras, ou será que perdi alguma coisa?

— Nenhum, meu amigo.

— E sexo — disse Kenneth. — Quando fodo uma mulher, fodo com força. Quero que ela sinta dor. Faço isso porque eu sei que dói. Faço isso porque, se eu posso pegá-la em um bar, sem que nós nos conheçamos, então ela nada mais é do que uma puta com quem preciso lidar. Portanto, fodo com muita força. Bato nela. Algumas

vezes — e vou ser honesto com você, Ted — algumas vezes quero terminar tudo com as mãos em torno do pescoço dela, arrancando-lhe a vida.

Fez-se silêncio.

— Você também se sente assim? — perguntou Ted.

— Eu me sinto assim o tempo todo. Eu nunca *não* estou pensando nisso.

— Já fez alguma coisa a respeito?

Dessa vez, o silêncio se estendeu.

— Kenneth? Já fez?

— Sim. Talvez. Talvez uma vez.

— Só talvez?

— Uma vez.

— Só uma vez?

— Não.

— E como foi?

— Pareceu certo. Pareceu *limpo*.

— Todas as vezes?

— Todas as vezes.

— Quantas vezes?

— Oito vezes.

— Já teve medo de ser pego?

— Isso foi uma pergunta? Você sabe que Ele cuida de nós. Nunca serei pego. Ele me encarregou disso e cuidará de mim durante minha missão.

— Perguntei porque eu também já fiz isso.

— Já?

— Já. E gostei.

— Quantas?

— Tenho o orgulho de dizer que enviei quatorze para o inferno. E, como você, nunca serei pego. Ele acredita em mim. Ele me carregará até o dia mais brilhante e pelas horas mais sombrias.

Uma semana depois, Kenneth Berkowitz estava em Denver para se encontrar pela primeira vez com Ted Carpenter. Aos vinte e seis anos, Kenneth era dezesseis anos mais novo do que Ted. Não foi apenas uma reunião das mentes quando finalmente se encontraram frente a frente. Os dois se sentiram como se tivessem encontrado

um irmão há muito perdido.

A onda de assassinatos começou seis semanas depois, em Nevada. Desde então, eles tinham assassinado sessenta e oito mulheres, todas consideradas prostitutas sem valor por dois homens que acreditavam, no fundo da alma, que limpar o mundo dessas mulheres era seu direito divino e sua finalidade na Terra. Quase tinham sido pegos uma vez em Austin, mas a lei ainda não os alcançara, apesar de o FBI e as forças policiais de todo o país terem conhecimento deles. O que aquelas organizações não tinham era algo que vinculasse os assassinatos a eles. Ted e Kenneth eram cuidadosos demais. Eram profissionais.

Afinal de contas, Jesus cuidava deles.

CAPÍTULO 10

Antes de entrar no bosque, Kenneth telefonou para o celular de Ted. Quando Ted atendeu e Kenneth ouviu a respiração pesada dele, soube que a perseguição já tinha começado.

— Ela é rápida — disse ele. — Rápida como Satã.

— Onde você está? No caminho?

— Esperta demais. Foi direto para lá. Está se aproximando do pântano. Pode terminar em breve.

— Não a mate antes de eu chegar. Atire na perna dela ou algo parecido. Quero estar lá.

Para quarenta e dois anos, Ted Carpenter estava em boa forma, mas soava como se estivesse andando tão depressa que estava sem fôlego. — Entendi. A outra vai para o inferno?

Kenneth pegou a Glock do bolso do casaco, verificou o pente, passou a mão no bolso da calça procurando os outros dois e entrou no bosque. Ele tirou o boné e os óculos escuros. Não precisaria deles ali.

Eles nunca tinham matado duas ao mesmo tempo. Esse era um experimento para ver se podiam fazê-lo com facilidade. — Não faço ideia. Não sei se ela morderá a isca.

— Acha que ela viu as fotos?

— Tenho certeza de que viu.

— Talvez seja o suficiente.

— Talvez não quer dizer que seja. Mas é um experimento. Veremos se ela aceitará o meu conselho e acabará com a própria vida. Duvido — nós dois entramos nessa sabendo disso —, mas pode acontecer. Talvez a vergonha acabe com ela. A ameaça de exposição pode levá-la à morte. Veremos.

— Você precisa se apressar, Kenneth.

— Consegue vê-la?

— Por pouco. Ela é rápida. E eu caí. Mas ela caiu duas vezes.

— Não a perca.

— Não pretendo fazer isso.
— Se atirasse nela agora, na panturrilha ou algo parecido, seria cedo demais?
— Acho que sim. Ela está usando botas de salto alto. Mal consegue ficar na dianteira. Ela não tem como vencer.
— Concordo.
— Você terá tempo para chegar aqui.
— Estou a caminho. Fique atrás dela. Estou chegando. Prometo.
— Mal posso esperar por isso, Kenneth.
— É, eu também.
Ele desligou o celular.
A pergunta era se Patty Jennings, que o engolira inteiro na noite anterior e não se importara, temeria o suficiente pela alma dela para fazer a coisa certa.

CAPÍTULO 11

Cheryl Dunning não tinha certeza do quanto tinha corrido, mas sabia que não poderia correr muito mais sem parar para recuperar o fôlego, o que estava fora de questão, pois ele não estava muito longe. Portanto, ela correu, o peito queimando, as pernas doendo, o coração batendo forte, o corpo inteiro vivo com o medo de que isso pudesse ser o seu fim. E por quê? Ela não sabia. Só sabia que não tinha escolha além de correr nessas botas ridículas para se salvar se pudesse. Mas a possibilidade de sobreviver parecia cada vez mais remota.

Ela correra por tantos galhos e gravetos, que conseguia sentir o sangue escorrendo pelo rosto, da mesma forma que o via nos braços esticados, que estavam cortados e arranhados muito mais do que antes quando acordara no chão da floresta. Partes dos braços e das mãos estavam feridas, pois tivera que atravessar alguns galhos mais grossos.

Pior ainda, o solo estava se transformando em um tapete de lama, oculto por uma capa enganadora de folhas. Algumas vezes, ele afundara rapidamente sob ela quando as botas de salto alto batiam nele em um esforço de impulsionar o corpo à frente, o que indicava que estava indo na direção errada. Ela nascera no Maine e, quando criança, caçava todo ano com o pai e o avô. Ela conhecia os sinais de aproximação do pântano e não havia dúvidas de que estava indo diretamente para ele.

E usando botas de salto alto, pensou ela em desespero. *E quando a lama virar água?*

Não havia tempo para processar o que aconteceria, nem o que estava acontecendo com ela naquele momento, nem por que estava sendo perseguida, nem quem estava por trás daquilo tudo, nem por que acordara ferida e surrada no chão de uma floresta menos de uma hora antes.

Ela estava em modo de pura sobrevivência, usando somente o

instinto, avançando o mais depressa que conseguia em um esforço para manter uma distância razoável da pessoa que a perseguia.

Tudo o que via à frente eram árvores e galhos. Ela se abaixou para escapar deles, desviou para a esquerda e depois para a direita para fugir de outros e, algumas vezes, não tinha outra opção além de avançar através deles, pois eram muito densos para se desviar.

A dor foi registrada e evaporou. Duas vezes, ela tropeçou e caiu, mas endireitou o corpo rapidamente, avançando ainda mais depressa para que ele não pudesse reduzir a distância. A cada vez que ela gritou pedindo ajuda, o homem atrás dela riu por entre ofegos. Uma vez, ela o ouviu dizer: — Jesus não vai ajudar você, puta. Jesus é o motivo pelo qual está correndo agora. Jesus está limpando a casa dele, retirando as verrugas, e quer você fora dela!

Ele era louco. Um zelote religioso. O Maine estava cheio deles, mas nada que se aproximasse do nível de insanidade dele. Ele planejava matá-la.

Então, por que não o faz logo?

Porque ele quer a caçada.

Ela fez uma curva acentuada em torno de uma rocha grande, cheia de limo e folhas, e, dessa vez, a floresta se abriu. Menos galhos dos quais escapar, menos gravetos para arranhar o rosto dela. Mas o chão afundou mais rapidamente sob as botas, o que a preocupou, pois sabia o que aquilo significava.

Logo, ela se aproximaria de um estuário, ou pior. Talvez algo mais profundo. Uma fonte de água maior. Algo por onde não poderia correr sem afundar.

E depois?

Ela deveria virar à direita? Cheryl olhou naquela direção e não viu nada além dos tons marrons do outono e das poças de água no chão, que pareciam brilhar na luz do sol que cortava as árvores.

Não havia esperança naquele lado, então ela olhou para a esquerda. O que viu era algo tão ameaçador que poderia ser o seu fim. Mas, se fizesse as coisas certas, poderia oferecer uma saída.

CAPÍTULO 12

Com um sentimento profundo de vergonha e fúria, Patty Jennings percorreu as fotografias explícitas e perturbadoras dela mesmo fazendo sexo com o homem que dissera se chamar Jack antes de desligar o computador, afastar-se dele em desgosto e concentrar a atenção na janela ao lado.

O que fizera? O que isso significaria se continuasse em frente?

Ela não se lembrava de nada do que acabara de ver, o que significava uma coisa. Ele a drogara. Provavelmente pagara uma bebida a ela e colocara algo dentro. Ela não bebera o suficiente na noite anterior para esquecer que ele tirara fotos, portanto, não havia outra explicação. Ele pagara um coquetel e o batizara. Fizera a mesma coisa com Cheryl? Ela não sabia.

Mas em que momento fizera isso? No bar? Ou quando ela preparara uma bebida para eles ao chegarem ao apartamento? Ela se lembrava de ter feito isso. Lembrava-se de ter pedido licença para usar o banheiro para que pudesse retocar a maquiagem. Ele colocara algo na bebida naquele momento? Era possível, porque a memória dela estava razoavelmente clara e se lembrava do período entre saírem do The Grind e chegarem ao apartamento. Depois, em casa, quando ele a estuprara, ela teria se lembrado de uma câmera estourando o *flash* em seu rosto. Ela teria se lembrado das explosões de luz. Tinha certeza disso.

E naquele momento, apesar de ele ter cuidadosamente escondido a verdadeira identidade, tudo o que ela fizera na noite anterior estava em um *website*, com a ameaça de que, se não tirasse a própria vida em nome de Jesus Cristo Senhor Todo Poderoso por cometer os pecados de puta, o endereço da *web* seria enviado à família e ao patrão dela. E sua vida, como era, seria exposta, vilificada e arruinada.

— Quando as fotografias forem divulgadas, pode considerar o resto da sua vida como um apedrejamento público — escrevera ele.

Patty Jennings não tinha ilusões sobre a forma como as pessoas a viam. Ela tinha consciência da reputação que tinha e de que as pessoas a julgavam por causa de algo que acontecera seis anos antes, quando fora rotulada como a puta da cidade.

Em toda a sua vida, ela estivera com cinco homens, não com os trinta, quarenta ou até mesmo cinquenta que alguns alegavam.

Em uma cidade tão pequena como aquela, o erro que cometera fora dormir com o homem errado, um ex-namorado, com quem compartilhara os amores passados, como ele compartilhara os dele.

Quando terminara o namoro, depois que ele batera nela no calor de uma briga, ele inventara uma vida que ela nunca vivera. Ele contara a todo mundo o que pudera sobre aquela vida falsa. E a cidade, contente por se deleitar na nova fofoca, direcionara sua ira à nova pária.

Algumas pessoas teriam seguido a vida em algum lugar diferente. Mas Patty, criada por pais determinados que a apoiavam porque a conheciam, decidira que não iria a lugar algum. Ela aguentou. Com a ajuda do pai, conseguiu um emprego em um banco e trabalhou duro, apesar das fofocas e dos olhares desaprovadores dos colegas. Ela os ignorou porque conhecia a si própria melhor do que ninguém. A única exceção fora Cheryl. Sabia que não era uma santa — afinal de contas, fora para casa com um estranho na noite passada — mas também sabia que as pessoas que a condenavam tinham tantas falhas quanto ela. A vida lhe dera as cartas da pobreza, da decepção e do abuso. Mas, até aquela manhã, Patty sempre achara que, de alguma forma, provavelmente com o passar do tempo, as coisas melhorariam.

Obviamente, isso não aconteceria.

Ela tinha decisões a tomar, mas não as tomaria sozinha. Pegou o telefone sobre a mesa e ligou para Cheryl para contar o que acontecera. Sabia que a amiga estaria dormindo — Cheryl adorava dormir até tarde quando podia —, mas o assunto era tão grave que ouviu o telefone tocar e esperou. Quando ninguém atendeu e ela escutou a mensagem do correio de voz, chamou Cheryl para que acordasse e atendesse o telefone. Cheryl não atendeu e ela falou mais alto, pedindo que, por favor, atendesse o telefone e que não ficasse furiosa porque Patty estava encrencada.

Mas Cheryl não atendeu.
Patty sabia que o telefone de Cheryl estava ao lado da cama. Sabia que estava escutando, sabia que optara por não atender e agora entendia completamente o quanto desapontara a amiga na noite anterior. Precisava corrigir isso com um pedido de desculpas e só havia uma forma de fazer isso. Pessoalmente.
Ela foi para o banheiro ao lado do quarto, ligou o chuveiro, tirou as roupas e, enquanto ficava embaixo da ducha quente, torceu para que Cheryl pelo menos atendesse à porta quando chegasse ao apartamento dela.
Patty precisava muito da amiga naquele momento.

CAPÍTULO 13

Kenneth Berkowitz atravessou a floresta, encontrou o caminho que ele e Ted tinham estudado inúmeras vezes desde que chegaram ao Maine e começou a correr para a área marcada, onde tinham concordado que Ted deixaria Cheryl Dunning na noite anterior.

Berkowitz fora um atleta e, portanto, corria de maneira fácil e uniforme, saltando sobre as raízes expostas dos pinheiros altos quando necessário, mas mantendo os passos e a respiração em silêncio para que não fosse descoberto.

Ao correr, ele pensou em Patty Jennings, imaginando o que ela faria com a vida dela, em vista da ameaça de exposição da verdade podre sobre quem realmente era. Tiraria a própria vida e queimaria no inferno, como ele imaginava que aconteceria? Ou arriscaria achar que ele estava blefando e continuaria com a vida de pecados, desprezando Deus abertamente?

Ele teria que ficar de olho no jornal local para descobrir. Mas, se por um momento sequer, ela pensou que ele não cumpriria as ameaças, estava enganada.

A missão de vida de Berkowitz era eliminar prostitutas como Jennings e Dunning. Eles as tinham visto no The Grind cinco semanas antes, fizeram perguntas discretas sobre elas e, quando conseguiram informações suficientes, incluindo os nomes, decidiram que seriam os próximos alvos. Até então, com uma contagem de apenas sessenta e oito mulheres, mal tinham começado a eliminar as mulheres que precisavam desaparecer do mundo. Mas, com Ted ao seu lado, a notoriedade que tinham conseguido na mídia fora nacional. Talvez isso fosse a coisa mais importante, pois a mensagem deles estava sendo transmitida.

Para cada prostituta que matavam, deixavam um bilhete preso ao corpo com o motivo do assassinato. Em muitos casos, o bilhete era vazado para a imprensa, que o divulgava. Quando aquilo acontecia, ele e Ted o consideravam uma vitória, pois o bilhete dizia

claramente que, se as prostitutas do mundo deixassem os pecados para trás e entregassem a vida a Cristo, a missão deles terminaria, pois não haveria necessidade de continuá-la.

Ele se lembrava do que o pai, um pregador de Arkansas que mudara a família para Los Angeles para aproveitar oportunidades que não deram certo, dissera a ele em um momento de desespero financeiro: "Filho, deposite a confiança em Jesus Cristo e não haverá nada no mundo que não poderá corrigir ou fazer. Ele o protegerá. Ele lhe dará o que pedir, especialmente se for justo e fizer parte do plano Dele. Eu sei que as coisas parecem difíceis agora. Mas, por causa da minha crença absoluta Nele, não ficaremos nesse buraco para sempre."

E não ficaram. Algumas semanas depois, o pai conseguiu um emprego que pagava o suficiente para que salvassem a casa, comprassem comida e ficassem fora das ruas. Para Kenneth, cuja mente já começara a se virar em direção à loucura, aquele momento fora um sinal poderoso. Se Jesus Cristo respondia às preces do pai, certamente responderia às preces dele, desde que fossem "justas e parte do plano Dele".

As pessoas suspeitavam que havia algo de estranho com Kenneth, por causa de comportamentos reprováveis sobre os quais ninguém queria falar, mas que geralmente acabavam com o traseiro dele dolorido. No entanto, no momento em que entrou para o segundo grau, ficou claro para a família de Kenneth que havia algo de muito errado com ele.

Cada vez mais, ele começara a atacar verbalmente as colegas, o que fez com que fosse expulso de duas escolas e o levou à cadeira de uma terapeuta, pois os pais, além de espantados, estavam preocupados. Quando a terapeuta tentou questionar Kenneth sobre o comportamento que apresentava, ele se recusou a responder. Quando ela finalmente desistiu dele, as palavras de despedida de Kenneth foram que o apocalipse se aproximava e ele era o raio em seu centro.

Aos dezesseis anos, ele começou a comprar pornografia on-line. Quando a mãe descobriu as revistas ao limpar o quarto dele, ficou enojada ao descobrir que o filho escrevera com caneta preta nas revistas "palavras que eu nem sabia que existiam". Ela as mostrou ao

marido, que as levou a Kenneth e pediu uma explicação.

— Você discorda do que eu escrevi? — Kenneth perguntou ao pai.

— Discordo do linguajar que usou.

— Então preciso orar por você — respondeu Kenneth. — Porque, se não enxerga o que eu enxergo nessas revistas, não tinha direito nem mesmo de ter se tornado pregador. Você foi uma farsa. Obviamente fez isso pelo dinheiro e pela glória do púlpito. Mas não conseguiu nem sustentar essa posição, pois Ele enxergou através de você e permitiu que falhasse.

Ao completar dezoito anos, ele se juntou a um grupo antiaborto em Bangor e ficava nas esquinas com enormes fotografias mostrando abortos tardios horrendos ou aqueles que tinham saído terrivelmente errados nos estágios iniciais da gravidez. Ele fora instruído pelo líder do grupo a não dizer nada a quem passasse. Só deveriam abaixar a cabeça em prece e usar a liberdade de expressão pacificamente. Assim, a polícia não poderia fazer nada contra eles. Quando o pai descobriu o que o filho fazia, pediu a Kenneth que mudasse o comportamento ou que saísse da casa e da família para sempre.

— Deve haver algo de errado com você, garoto. Você precisa de ajuda.

— Desculpe, mas não há nada de errado comigo. O que eu tenho é ponto de vista. Ah, e também tenho Jesus. Lembra-se Dele? Há algo errado em honrá-Lo?

— Sim, quando sua interpretação das crenças Dele é errada.

Kenneth inclinou a cabeça. — Então, você acredita em abortos? E acredita em se prostituir para uma revista? E acredita que as prostitutas dos colégios que frequentei deveriam ter permissão de serem prostitutas sem qualquer medida correcional?

— Eu nunca disse isso.

— Mas está me dizendo para sair dessa casa e nunca mais voltar porque sou contra tudo isso. Não é verdade?

— Quero levar você a um médico, Kenneth.

— Eu fiz terapia.

— Um terapeuta não é um médico. Quero que vá a um psiquiatra.

— Mas eu não acredito na ciência.

— Estou dizendo que há algo de errado com você.

— E se eu dissesse que há algo de errado com você?

Antes que o pai pudesse responder, Kenneth abaixou a cabeça, juntou as mãos e começou a rezar por ele. No fim do dia, o pai deu a ele quinhentos dólares e pediu que partisse.

Sem emoção alguma, Kenneth jogou as roupas e alguns outros itens em uma mochila, pegou a Bíblia, segurou-a contra o peito e encontrou os pais na porta antes de partir. Os olhos da mãe estavam vermelhos e úmidos, como se tivesse chorado por ele, quando, na verdade, deveria ter gasto as lágrimas consigo mesma e com o pai.

Ele olhou para os dois com tristeza, como se soubesse que, quando morressem, queimariam no inferno. — "Aquele que acredita no Filho tem vida eterna" — disse ele, citando a Bíblia. — "Mas aquele que rejeita o Filho, não verá a vida, pois a fúria de Deus estará sobre ele." Isso será verdade para cada um de vocês. Precisam saber disso. Precisam saber que a mente pecadora é hostil a Deus. Está no Livro. Vocês dois são hostis a Deus. Pagarão com suas almas por isso. Queimarão no inferno por isso.

E Kenneth Berkowitz, cuja mente já partira, também partira fisicamente da casa e da vida deles.

* * *

À frente dele, no meio do caminho úmido, Kenneth pôde ver a impressão de um corpo em um leito de folhas. Ele parou ao lado dela, ajoelhou-se para cheirar a área e, apesar do aroma forte de terra e folhas mortas, sentiu o cheiro dela. Conseguiu detectar um traço do perfume barato que ela usava.

Ele se levantou, olhou em torno e viu sangue espalhado no chão da floresta. Havia sinais de luta. Ele olhou para a direita e viu passos que entravam na mata. À esquerda, algumas árvores pequenas estavam esmagadas no chão. Fora ali que Ted dissera que se esconderia até colocá-la em ação.

Ele a estava perseguindo naquele momento. A caçada estava em andamento. Ted dissera que não demoraria até que a alcançasse. Kenneth queria estar lá — *precisava* estar lá para testemunhar o fim dela — e avançou pela mata espessa à direita em busca deles.

Cobertos pelo casaco pesado, os braços estavam erguidos para proteger o rosto, ligeiramente separados para que pudesse enxergar.

Os rastros seguiam em frente e, logo adiante, viraram à esquerda. Não seria difícil encontrá-los, especialmente porque ela decidira correr em direção ao pântano, que seria o seu fim. O solo era tão espesso com lama que ela afundaria e, depois de algum tempo, não conseguiria mais se mover.

Motivado pela morte próxima, ele continuou a seguir os passos e correu o mais rápido possível, parando apenas por um instante confuso ao ouvir o som distinto de alguém gritando.

CAPÍTULO 14

Quando Cheryl Dunning viu o alce pastando na beira do pântano à frente, inicialmente teve uma sensação de pavor antes de se dar conta de que a presença dele poderia lhe dar uma oportunidade de escapar.

Era um macho, com mais de dois metros de altura e um par de chifres enormes que sugeriam que provavelmente tinha cerca de dez anos, se é que ela tinha contado as pontas corretamente.

Quando criança e durante a adolescência, ela caçara alces e veados com o pai e o avô, que eram caçadores experientes e tinham lhe ensinado tudo o que sabia sobre os animais, de como caçá-los a como estripá-los. Caçar era uma tradição familiar, algo que faziam no outono em um esforço de colocar comida na mesa durante os meses de inverno rigoroso.

Ela própria tinha pego três alces. Sabia como derrubar um deles e sabia como podiam ser perigosos na época de acasalamento, que estava acontecendo naquele momento.

Em setembro e outubro, aproximar-se de um macho era quase a mesma coisa que cutucar um urso com uma vara. Não se fazia isso, a não ser que estivesse armado com um rifle para derrubá-lo, como o rifle Remington M700 calibre .280, que era o preferido do pai e do avô.

Atrás de si, ela ouviu o atacante se aproximar. Olhou rapidamente em torno, não conseguiu vê-lo e escondeu-se atrás de um pinheiro para que ele não a visse ao chegar.

Ela pressionou as costas na árvore, ouvindo galhos estalando ali perto e o som dele correndo em sua direção. Cheryl olhou para o alce, que a encarava de volta, e viu a última coisa que gostaria de ter visto: o pelo em suas costas estava eriçado e as orelhas abaixadas. Pior ainda, ele lambia os lábios. Todos sinais de que ele estava prestes a atacar.

Ela permaneceu completamente imóvel, mantendo os olhos fixos

no alce, que parara de mastigar o que estava comendo e soltou um urro alto e furioso que poderia destroçar ossos, caso o medo pudesse destroçá-los.

Se ele a atacasse, ela não correria. Era arriscado demais. Em vez disso, esperaria até que ele estivesse bem perto e viraria rapidamente para o outro lado da árvore em um esforço de se proteger para não ser atingida.

O problema era que o plano só a protegeria contra o alce. Se ela virasse para o outro lado da árvore, ficaria exposta ao atacante, que se aproximava a cada passo.

Ela olhou para o alce e implorou silenciosamente que esperasse.

Mas ele não esperou.

Ele deu um passo na direção dela, com as pernas enormes chafurdando na água lamacenta. Ela viu os pelos ficarem ainda mais eriçados nas costas dele e viu quando lambeu os lábios novamente. Ele estava a cerca de vinte metros de distância e seus olhos a encaravam fixamente. Ela segurou a base do tronco e se preparou para o pior quando o alce subitamente avançou. Com um sobressalto, ela o observou diminuir a distância, com a cabeça abaixada e os chifres preparados, a massa de músculos e gordura estremecendo no mesmo ritmo que o chão sob ela. Cheryl rezou para que o atacante aparecesse naquele instante e distraísse o alce.

Mas ele não apareceu.

Com apenas alguns segundos antes de ser atingida, ela se abaixou, girou o corpo para a direita, pressionou as costas o mais baixo possível contra o tronco e sentiu a árvore estremecer quando o alce a atingiu. Ela gritou com o impacto, que foi tão forte que a jogou de barriga para baixo em uma poça de água.

Ela ouviu o alce atrás de si, recuando, provavelmente ferido e ainda mais enfurecido do que antes. Tentou se levantar, mas as mãos e os pés estavam enterrados na lama. Ouviu um homem gritar e o alce virar o corpo. Um tiro soou e Cheryl Dunning sabia que era o fim.

Mas não.

A terra começou a tremer.

Com esforço, ela girou o corpo para longe da água e da lama, alcançando uma parte do solo razoavelmente seca. Em seguida,

virou-se para ver o alce avançar em direção ao homem que a caçava.

Ele disparou novamente, mas errou porque não sabia que, para matar um alce — especialmente um macho correndo em sua direção —, não podia mirar na cabeça, pois provavelmente atingiria um chifre, em vez da testa consideravelmente menor do animal, como acabara de acontecer. Em vez disso, deveria mirar no coração, no fígado ou nos pulmões. Era assim que se derrubava um alce, mas geralmente só se tivesse um rifle poderoso, não a Glock que ele tinha.

Ela crescera sabendo daquilo. Fora o conhecimento que o pai e o avô tinham lhe incutido, pois sabiam que, ao escolher viver no Maine, ele era necessário. O Maine oferecia uma bela costa e criminalidade baixa, mas encontrar um bom emprego com um salário decente era difícil, senão impossível.

Por causa disso, as famílias ficavam mais unidas, como a dela fora por gerações. Para sobreviver, era preciso aprender algumas coisas: aprender a plantar alimentos do verão e a matar um veado ou um alce no outono para que tivessem carne no inverno. Uma habilidade que aquele homem, graças a Deus, não tinha.

Ela o observou disparar a arma novamente. Mas, com o alce praticamente sobre ele, o homem ficou tão assustado que errou o tiro, virou-se e começou a correr para longe do animal — e dela. Parecia uma cena de um filme ruim sobre dinossauros, com o dinossauro substituído pelo alce e avançando furioso para abater o homem.

Aquela era a chance dela e Cheryl não perdeu tempo. Ela se levantou, removeu a lama dos braços e esperou que o homem sumisse de vista antes de correr para a direita com as botas de salto alto e com os velhos instintos voltando à tona. O pai e o avô a tinham ensinado a sobreviver se estivesse perdida na floresta, o que algumas vezes acontecia com caçadores e, com frequência, com caroneiros.

A floresta era um habitat sensível. Primeiro, ela precisava encontrar um local onde pudesse parar, escutar e se recompor. O pânico também era um inimigo e precisava evitá-lo. Precisava encontrar ou construir o tipo de abrigo que não só a protegeria, mas

também a esconderia dele, caso a encontrasse. O que a mataria primeiro não seria a fome nem a desidratação. Seria a hipotermia ou ele, se a encontrasse.

Mas ela se recusava a deixar que qualquer dessas duas coisas acontecesse. Cheryl Dunning já morrera uma vez. Morrera nas mãos de Mark Rand e ela não pretendia morrer novamente. Pelo menos, não por enquanto. Não tão cedo. Não aos trinta e um anos. Não enquanto não encontrasse o homem de sua vida e se casasse com ele. Não enquanto não tivesse filhos e os observasse crescer. Não até que tivesse netos à sua volta e não enquanto ela e o marido, seja lá quem fosse, ficassem velhos juntos e pudessem apreciar, no fim da vida, tudo o que tinham realizado.

Ela tinha a vida inteira à frente. E, naquele momento, pretendia proteger aquela vida. Lutaria por aquela vida porque, apesar de tudo pelo que passara, e especialmente porque já tivera que lidar com a morte antes, a vida valia a luta. Valia a batalha. Não sabia quem era aquele filho da puta maluco, mas pretendia enfrentá-lo e vencer porque ela valia a luta.

E, no fundo da alma, apesar de não saber onde estava, por causa do histórico de exploração das florestas do Maine com o pai e o avô, apostava que conhecia aquela floresta melhor do que aquele imbecil achava que conhecia.

Vamos nessa, pensou ela enquanto corria. *Vamos nessa*.

CAPÍTULO 15

Patty Jennings chegou ao apartamento de Cheryl na Maple Street, em Bangor, logo depois das dez e meia. Estacionou o carro em frente à casa, saiu para o ar frio e se encaminhou para a porta lateral, onde Cheryl tinha uma entrada privativa que levava ao apartamento do segundo andar.

Ela tocou a campainha e esperou. À sua volta, folhas em tons impossivelmente claros de laranja, amarelo e vermelho caíam das árvores altas ao longo das calçadas e no pequeno quintal. Logo seria inverno. Depois da ameaça daquela manhã, ela ficou imaginando como sua vida seria no inverno.

Dois minutos se passaram e não houve resposta. Ela tocou a campainha novamente, esperou e, quando Cheryl não atendeu, decidiu que precisavam ter uma briga para que a amiga a xingasse e ela pudesse pedir desculpas.

À esquerda, perto da fundação da casa, havia uma pedra. Sob a pedra, ficava a chave do apartamento de Cheryl. Patty a pegou, destrancou a porta e gritou da base da escada. — Sou eu, Cheryl. Vou subir. Sei que está furiosa comigo, então vamos conversar.

Não houve resposta. Cheryl a estava ignorando.

Muito bem.

Ela subiu a escada, virou à esquerda na cozinha e esperou encontrar Cheryl sentada à mesa tomando chá ou café, com um olhar furioso no rosto. Mas ela não estava lá. A gata, Blanche, estava sentada no parapeito da janela que tinha vista para o quintal lateral. Patty se ajoelhou, chamou a gata e, quando ela se aproximou, notou que o prato de comida dela estava vazio. Então, Cheryl ainda estava dormindo. Se estivesse acordada, já teria alimentado Blanche.

A gata se esfregou na perna dela e Patty acariciou as costas dela antes de andar até a sala de jantar e encontrá-la vazia. A sala de estar também estava vazia, o que a fez parar, pois as luzes dos dois lados do sofá estavam ligadas e as cortinas fechadas. Intrigada, ela

chamou o nome de Cheryl novamente, sem resposta. Percorreu o corredor que levava ao quarto dela, que também estava vazio. A cama estava arrumada, as luzes ligadas e, sobre a cama, várias roupas que Cheryl deveria ter experimentado na noite anterior.

Não precisava ser nenhum gênio para ver que Cheryl não voltara para casa.

Então, onde ela estava? O The Grind ficava a uns bons doze quilômetros de distância e ela não teria voltado caminhando. Teria pego um táxi, o que obviamente não acontecera, ou estaria em casa. Ela fora para casa com alguém? Aquilo ia contra tudo o que ela sabia sobre Cheryl, mas estavam um pouco bêbadas, portanto, era uma possibilidade, ainda que remota. Ela não conseguia ver aquilo acontecendo. Desde o que acontecera com Cheryl nas mãos de Mark Rand, ela não se aproximara de homem algum. Patty sabia disso. Com bons motivos, a amiga não confiava em muitas pessoas. Ela tinha conhecidos do trabalho, mas algum deles estivera no The Grind na noite passada? Alguém que ela conhecia saíra do bar e oferecera uma carona até a casa dele e para o apartamento dela pela manhã?

Nada daquilo parecia plausível.

Parada lá, naquele momento, no quarto vazio da amiga, com as luzes ligadas e as roupas de noite dela espalhadas sobre a cama, Patty sentiu uma inquietação que a fez pegar o celular no bolso para telefonar para o de Cheryl. O celular tocou três vezes antes que a voz fria de Cheryl pedisse que deixasse uma mensagem e que ligaria de volta em breve. O fato de não ter voltado para casa e de não atender ao telefone foi o suficiente para que Patty saísse do apartamento e descesse as escadas para dar a volta correndo até a frente da casa.

Os Coleman eram os senhorios de Cheryl. Estavam entre as poucas pessoas de Bangor que eram gentis com Patty porque tiveram a chance de conhecê-la por Cheryl, inquilina deles há muito tempo.

Uma vez, em um momento de confiança, o Sr. Coleman a chamara em um canto, enquanto ela esperava Cheryl ao lado do carro, e dissera, com um jeito próprio, que poderia telefonar para ele se precisasse de qualquer coisa. Como era advogado, falava muito nas entrelinhas. O que quisera dizer era que a ajudaria, caso algum dia ela achasse que estava sendo discriminada no trabalho por causa de

"qualquer fofoca ou mentira que pudesse afetá-la", que ele provavelmente ouvira em algum lugar. Isso a fizera se sentir humilhada, pois passara a gostar muito dele.

Ela subiu os degraus que levavam à porta da frente e tocou a campainha. Depois de um momento, a Sra. Coleman, uma senhora com quase setenta anos e um rosto largo que combinava com o corpo gordo, atendeu com um pano de prato nas mãos. Ela sorriu para Patty ao abrir a porta. Patty sentiu o aroma de algo doce vindo da cozinha.

— Chegou bem na hora — disse ela, dando um passo para o lado. — Acabei de fazer biscoitos para os netos. Entre e coma um pouco. Você pode ser a cobaia. — Ela olhou além de Patty. — Cheryl não está com você?

Patty entrou e ficou parada no saguão. — Na verdade, não, e é por isso que estou aqui, Sra. Coleman. Tinha a esperança de que vocês a tivessem visto. Ou talvez ouvido quando ela voltou na noite passada. Ou andando lá em cima essa manhã.

— Eu não, querida, mas talvez o meu marido tenha ouvido, apesar dos supostos problemas de audição. Ele tem sono leve, eu não. Leio meus romances que me deixam exausta. E tremendo. Toda aquela atividade me esgota. A essas alturas da vida, posso lidar com um tom de cinza. Quarenta e nove a mais me matariam. — Ela se virou e chamou por sobre o ombro. — James — gritou ela. — Patty está aqui, querendo saber se um de nós viu ou ouviu Cheryl desde a noite passada. Você a viu?

— Eu o quê?

A Sra. Coleman se virou para Patty com um olhar irritado no rosto. — O homem alega que não ouve nada. Não sei se acredito nele, pois tem ouvido seletivo. Se eu pedir a ele que leve o lixo para fora, adivinhe quem fará isso uma hora depois? Se eu disser a ele que é hora de comer e o cheiro é bom, adivinha quem aparece imediatamente sentado na mesa de jantar? E ele não entende por que eu *devoro* aqueles romances. Por que eu os leio tão depressa. Ah, olhe quem está aqui.

Ela olhou para o marido, que viera de algum lugar na parte de trás da casa e estava parado atrás dela. Alto, com os cabelos grisalhos bem cortados, os olhos de um azul quase sobrenatural. — Eu falei

que você não escuta bem e, subitamente, consegue ouvir. Nem sei se essa perda de audição é verdade.
Ele olhou para Patty e balançou a cabeça. — Nunca se case — aconselhou ele.
— Eu quero me casar algum dia.
— Poupe-se.
— Sim — disse a Sra. Coleman. — Poupe-se. Corra se aparecer alguém. Você não se arrependerá. Se quiser filhos, adote, o que não é uma opção ruim. Pode escolher só a nata.
Patty enrubesceu.
— Qual é o problema, Patty? — perguntou James Coleman. — Quando começamos uma conversa boba dessas, você geralmente participa. Qual é o problema?
— Não consigo encontrar Cheryl — respondeu ela. — Queria saber se um de vocês a ouviu voltar para casa na noite passada ou talvez hoje pela manhã. A Sra. Coleman disse que não ouviu nem viu nada. E você?
Ele balançou a cabeça. — Não, nada. Ela não atende o telefone nem a campainha?
— Não.
— Eu a ouvi sair na noite passada — disse ele. — Foi o seu carro que parou aqui na frente? Eu não vi, mas ouvi um carro. Parecia o seu.
Ela assentiu. — Era eu, sim.
— Se não se importar que eu pergunte, onde vocês foram?
— Era o meu aniversário e fomos ao The Grind para dançar. Foi uma noite só das garotas. Um pouco de diversão, já que fiz trinta anos. — Ela percebeu que soava na defensiva, como se fosse errado que alguém da idade dela fosse a um bar. Não sabia se algum dia conseguiria se livrar dos danos que o ex-namorado causara.
— Bom, feliz aniversário — disse James Coleman.
— Obrigada.
— Vocês saíram juntas?
Ela balançou a cabeça e, ao fazê-lo, sentiu as entranhas se contorcendo. Algumas perguntas a mais e ela estaria prestes a contar a ele que deixara Cheryl para trás e saíra com um homem que não conhecia. Ela estava arrasada naquele momento não apenas

porque desapontara a si mesma, mas porque estava prestes a desapontá-los. E isso era ainda mais triste, pois eram uns dos poucos que acreditavam nela. Pior ainda, não sabia como suas atitudes afetariam o relacionamento com eles. Sabia o que aconteceria. Sabia as ligações que fariam. Ficariam imaginando se todas as fofocas sobre ela seriam verdade. Fazia parte da natureza humana. Não importava o que achavam dela, as mentes deles se voltariam para as fofocas locais e questionariam se realmente a conheciam.

E se acreditarem naquelas fofocas? Você saiu *com um estranho. E ele registrou tudo. Como explicará quando isso vazar?*

— Sr. Coleman — disse ela.

— Patty, quer conversar? Em particular? — Ele olhou para a esposa, Barbara. — Você se importa se conversarmos a sós? Eu sei que os netos chegarão logo. Não vamos demorar.

— É claro que não — disse ela. Barbara olhou para Patty com preocupação. — Nem sei por que vou arrumar a casa, eles farão uma bagunça. Orgulho, acho. Vocês dois saiam daqui para conversar. Vejam se conseguem descobrir onde está Cheryl. — Ela colocou a mão no braço de Patty e franziu o cenho. — E não fique tão preocupada, querida. Cheryl está bem. Você não fez nada de errado.

CAPÍTULO 16

— Eu fiz algo de errado — disse Patty.

Ela estava sentada no escritório de James Coleman, cujas paredes estavam cobertas de prateleiras cheias de livros jurídicos com um canto reservado para os livros de suspense que ele adorava.

Era um aposento com ar masculino. A residência dos Coleman era uma casa vitoriana grande construída em torno de 1870. Uma verdadeira obra da Nova Inglaterra, que pertencera provavelmente não a um dos antigos barões da madeira, cujas mansões estavam localizadas, em sua maioria, em uma pequena parte da West Broadway, mas a alguém de escalão mais alto que tinha meios suficientes para ter uma casa um pouco maior com detalhes mais finos como ela via naquele momento.

A madeira escura não era pintada e brilhava em contraste com as paredes verde-claras. Acima deles, havia um teto ornado com cobre e, onde as paredes se juntavam a ele, uma moldura cuidadosamente entalhada. A luz era fraca, pois as janelas ficavam viradas para o oeste. Mais tarde, ela seria inundada pela luz do sol. O piso era uma mistura de bordo e mogno e brilhava como se tivesse sido recentemente reformado.

James Coleman se sentou em frente a ela em uma poltrona de couro. — Há vários níveis de errado — disse ele. — Níveis humanos que, dependendo da perspectiva, são subjetivos e não necessariamente errados. O que você considera errado?

A vergonha que ela sentia a deixava quase paralisada. — Ficamos um pouco bêbadas na noite passada.

— Eu fique bêbado muitas vezes na vida. Na maioria das vezes, eu gostei. Em outras, na manhã seguinte, não muito. Eu estava errado em fazer isso? Subjetivamente, talvez, mas acho que não.

— Eu fiz uma coisa idiota.

— Todos nós já fizemos.

— Não desse jeito — disse Patty. — Eu saí com um homem na noite

passada. Deixei Cheryl sozinha no bar. Eu o levei para a minha casa, coisa que nunca fiz com um estranho, apesar do que essa cidade pensa de mim. Eu estava bêbada e me senti atraída por ele. Eu o levei para casa e a deixei lá. Agora, ela desapareceu. — Ela fez uma pausa. — E fica pior do que isso.

Ele a olhava intensamente. — Pior como?

— O homem que eu levei para casa. Ele me drogou e me estuprou. Ele me fez fazer coisas horríveis que não me lembro de ter feito. Tirou fotografias de tudo e as colocou em um *website*. Disse que, se eu não me matar pelos meus pecados como prostituta, enviará o *link* para a minha família, para o meu patrão e para os meus amigos. Disse que isso confirmaria quem sou. Disse que, em se tratando de meus amigos, o *link* se tornaria viral e o resto da minha vida estaria sujeito a apedrejamento público.

James Coleman se levantou. — Você disse que ele a drogou?

— Eu sei que sim. Deve ter feito isso.

— E ele a estuprou?

Ela assentiu.

— Você tomou banho, então talvez haja problemas para o coletar provas. Mas sempre há uma chance e precisamos tentar, pois poderá nos dizer quem é essa pessoa se ele tiver registro. Preciso que vá ao hospital comigo. Eles realizarão um procedimento para ver se conseguem retirar algum DNA dele de você. Também farão um exame de sangue para descobrir com o que ele a drogou. Isso é crime, Patty, e você precisa fazer isso. Mas o tempo é importantíssimo.

— Isso vazará para a imprensa?

— Provavelmente.

Ela pensou naquilo por um momento e, em seguida, deu de ombros. — Então, finalmente todos terão a confirmação sobre mim. Que seja. Lidei com isso durante anos e lidarei com isso agora. É Cheryl que importa. Precisamos encontrá-la.

— Telefonaremos para a polícia agora — disse Coleman. — Tenho um amigo lá. Um detetive. Em alguns minutos, contaremos a ele o que aconteceu. Ele e os outros começarão a investigação no The Grind. Suponho que deixou Cheryl lá.

— No estacionamento.

— Então eles inspecionarão o estacionamento. E interrogarão os donos. Interrogarão os clientes comuns que os donos conhecem pelo nome para ver se estavam lá na noite passada e se viram algo incomum. Lamento, Patty. Isso é horrível, eu sei. Mas você não fez nada de errado. Cá entre nós, Barbara não foi a primeira mulher com quem eu tive relações. Quando você está no exército, longe de casa e morando em Paris, como aconteceu comigo quando tinha vinte e poucos anos, coisas acontecem e não me arrependo de nada. Especialmente Eveline. Mas quando eu e Barbara nos casamos, acabou. Você é uma moça solteira e adulta que foi vítima de um crime. Esses são os fatos. Você não fez nada de errado. Ok?

— Ok.

— Agora, precisamos seguir os procedimentos e agir rapidamente. Está disposta a isso?

— Farei qualquer coisa por Cheryl.

— É bom saber disso, mas logo terá que começar a fazer as coisas para si mesma. Você é tão importante quanto Cheryl. Estamos entendidos? O que aconteceu com você na noite passada foi horrível. Vamos chegar ao fundo disso. Não sabemos onde Cheryl está, mas a encontraremos. Preciso que acredite nisso. Aquela garota é tão especial quanto você. Nós a encontraremos.

Ele se levantou e telefonou para um dos amigos da polícia. — Steve — disse ele. — É James. Bem, bem. Foi bom ver você e Mary na semana passada. Eu sei, ele é desse jeito. Escute, tenho um problema. Preciso que me encontre na sala de emergência do Eastern Maine em dez minutos, se puder. Estarei lá com a Srta. Patty Jennings. — Houve um silêncio e, naquele silêncio, James Coleman franziu o rosto. — Não sei se é a Patty Jennings que você conhece, Steve, mas encontraremos você lá em dez minutos, ok? Ótimo. E, Steve, preciso de um favor para um velho amigo. Procurei você por um bom motivo. Pode manter isso em segredo o máximo possível? Eu entendo. Mas agradeço pelo que puder fazer. Vejo você daqui a pouco.

Ele desligou o telefone e olhou para ela. — Está pronta?

— Acha que ele telefonará para a imprensa?

— Imediatamente, não, mas em algum momento sim. Se Cheryl ficar sumida por mais de vinte e quatro horas, ele telefonará. Nesse

ponto, ela será uma pessoa desaparecida e as duas histórias virarão uma só.

Ela se levantou. — Então, vamos lá — disse ela.

CAPÍTULO 17

Kenneth Berkowitz ficou imóvel ao ouvir o grito à distância.

Ele escutou a floresta. Escutou a brisa e a inspirou. Sentiu o calor do sol no rosto, ouviu as flores caindo das árvores e os pássaros cantando. Tentou entrar em sintonia com os arredores, totalmente ciente de tudo o que perderia se não ouvisse atentamente.

Apesar de ter corrido bastante, ele estava em tão boa forma que não estava suando e respirava normalmente. Portanto, escutou sem interferência. Passou-se um momento de silêncio. Em seguida, ele ouviu o que achou ser um movimento nos arbustos. Mas estava longe demais para saber se era o movimento de uma pessoa ou de um animal.

Em uma floresta tão fechada, poderia ser qualquer coisa.

Mas ele sabia que o grito que ouvira era humano e que pertencia à vadia fumante que era Cheryl Dunning. Ele tinha certeza disso. Ela estava morta? Ted a matara sem ele? Ted não tivera opção porque Deus mandara que o fizesse? Ele não tinha certeza. A única coisa que sabia era que ouvira Dunning e que, naquele momento, talvez ela estivesse morta.

Se aquilo tivesse mesmo acontecido, ele se sentiria traído e desapontado. Ele não devia estar presente em cada morte? Ele não devia ajudar no chamado divino de cada uma que ele e Ted escolhessem? Ele nunca questionaria a vontade de Deus e só poderia aceitar o que quer que tivesse acontecido, acreditando que Ted precisava aprender alguma coisa com aquela morte.

Ainda assim, apesar de querer acreditar naquilo, sabia que ele era, afinal de contas, um espírito divino que existia acima de Ted. Sabia que Jesus Cristo o via de forma diferente. Era mais inteligente do que Ted. Tinha uma visão da missão deles que Ted não tinha. Ele podia ser mais jovem do que Ted, mas, espiritualmente, era milhares de anos mais velho. Fora enviado para aquele lugar por um motivo. Ted também, mas somente para servi-lo. Antes de se

conhecerem, talvez Ted tivesse matado mais pessoas por conta própria, mas obviamente Kenneth era superior em todos os sentidos. E as mortes dele eram mais criativas.

Portanto, talvez houvesse uma lição a ser aprendida. Talvez Ted precisasse sentir o gosto de uma morte cometida somente por ele novamente, pois já fazia muito tempo desde a última vez em que isso acontecera. Se era esse o caso, Kenneth Berkowitz aceitava a decisão de Deus, pois só aumentaria sua ligação com Ted ao percorrerem o país e matarem o máximo possível de prostitutas.

Ainda assim, havia uma chance de que ela não estivesse morta. Talvez estivesse sofrendo...

Ele estava prestes a começar a correr na direção do grito quando uma mulher saiu de trás de uma das árvores e parou à sua frente.

Ele se lembrou do nome dela instantaneamente — Meredith Ward. A aparência era exatamente a que tinha quando ele tirou a vida dela depois de segui-la ao sair de um bar no Texas quatro anos antes. O mesmo vestido vermelho justo, os mesmos sapatos de salto alto, o mesmo batom vermelho que coloria os lábios fartos. As pupilas eram poças negras dilatadas e a machadinha que ele enterrara na nuca dela ainda estava lá.

Ele não ficou surpreso ao vê-la, pois frequentemente encontrava as mulheres que mandara para o inferno.

— Meredith — disse ele, acenando com a cabeça.

— Kenneth.

— Como tem passado?

— Estou me recuperando, me arrependendo, entendendo. Você estava certo ao fazer o que fez comigo. Espero que não se arrependa.

— Está falando sério dessa vez?

— É claro que sim. Eu superei. Você me disse para deixar o sarcasmo de lado, e foi o que eu fiz. Entendo por que fez o que fez e quero agradecer.

Ele a estudou por um momento e decidiu que provavelmente estava falando a verdade. — Só fiz aquilo pelo seu próprio bem. E para mandar uma mensagem para o resto das putas do Texas.

— Acho que conseguiu.

— Queria que isso fosse verdade.

— Ora, vamos. Olhe o destaque que recebeu da imprensa. Você e seu amigo são celebridades nacionais. Todos escrevem sobre vocês.

— Se Ted e eu tivéssemos tido esse sucesso todo, não estaríamos planejando voltar ao Texas para usar outra mulher como exemplo quando esse trabalho acabar. Mas acho que vamos para Dallas dessa vez, não Austin.

— Dallas é cheia de putas.

— É verdade. Você entende bem disso, não é? E é por isso que nosso trabalho nunca terminará, Meredith. Há mulheres demais como você por aí. E muitas outras que interpretam a Bíblia como querem e ignoram a vontade de Deus. Nunca pegaremos todas elas.

Ela se recostou no tronco da árvore e retirou os cabelos loiros longos de sobre os ombros, puxando-os para trás da cabeça, sem parecer notar que estavam cheios de sangue e pedaços de cérebro.

— Você sabia que gostei quando me estuprou? — perguntou ela.

— A maioria das mulheres gosta.

— Você vai estuprar Cheryl Dunning?

Se ela estiver viva. — É claro que sim.

— Agora fiquei com ciúmes.

— Não precisa.

— Mas você foi fantástico.

— Eu sei que sim, mas não é essa a questão.

— Qual é a questão?

— A questão sempre foi ensinar uma lição a gente como você.

Ela segurou os seios com as mãos e inclinou a cabeça para o lado. A machadinha não se moveu, permaneceu fixa no crânio como se, de alguma forma, o osso tivesse crescido em torno dela. — Ensine-me uma lição, Kenneth. — Ela puxou o vestido para cima, expondo o ventre e as coxas ensanguentadas. — Como você fez antes. Ensine-me uma lição. Vamos, querido. Mamãe precisa de uma lição.

Então, ela estivera mentindo para ele, fodendo com ele, silenciosamente rindo dele. — Você precisa é sair daqui. Até que se arrependa completamente, sua alma apodrecerá no inferno. Nunca se livrará disso, Meredith. Você nunca entenderá a beleza que a espera no céu. Está lá, à sua espera, mas você nunca a atingirá até que se arrependa totalmente.

— Você pensa em mim?

Ele estava ficando irritado. — Não.

— Nem um pouco?

— Que tal isso: nunca.

— Não acredito nisso. Você me disse que nunca teve uma ereção tão forte. Você me disse que eu era especial. Disse que poderia me foder a noite inteira com aquele pau grande e duro.

— Você é uma mentirosa.

— Estou mentindo sobre o seu pau?

Ele a encarou e não disse nada.

Ela fez uma careta e soltou o vestido. Será que não aprendera nada com ele? O trabalho dele fora em vão? Kenneth estava prestes a passar por ela para alcançar Ted antes que ele matasse Cheryl Dunning, se isso já não tivesse acontecido, quando viu, logo atrás de Meredith, outra mulher que se aproximava.

— Kenneth — disse ela.

Ele precisou de um momento para se situar. Quem era ela? Ele mandara tantas delas para o inferno que, algumas vezes, tinha dificuldades em reconhecer um rosto.

E então ele se lembrou. Era uma das que eles encontraram em Vegas, certo? Três anos antes? Quando ele e Ted mataram seis delas, pois a área era um paraíso para a causa deles. Qual era o nome dela? Ele não conseguia se lembrar. Mia? Alguma coisa assim.

Mas ele se lembrava de como a matara. E de como ela sofrera. E de como ela gritara quando ele recitara os versos da Bíblia. E do momento em que a vida a deixara, com os braços em torno da garganta dela. Ele se lembrava dos olhos arregalados, da língua arroxeada.

— Sou eu, Maria.

Maria Fuentes, claro. A *stripper* que ele e Ted decidiram matar junto com outras três *strippers* e duas prostitutas quando passaram três dias em Vegas.

Eles ofereceram a ela quinhentos dólares para um encontro a três, que aceitara sem hesitar. Ela era desse tipo de gente. E eles se revezaram para estrangulá-la no quarto de hotel no Circus Circus, minutos depois de chegarem. Quando terminaram, jogaram o corpo na banheira, limparam as impressões digitais do pescoço dela e de tudo o mais em que tinham tocado no quarto, que tinham pago em

dinheiro. Depois, mudaram para outro hotel e continuaram o trabalho.

Agora, ela usava a mesma roupa que vestia quando a mataram. Tapa-mamilos piscavam em seus seios outrora nus. Um boá de penas rosas enroscava-se no pescoço dela como uma serpente, e uma roupa íntima apertada e cheia de adereços cobria as partes íntimas, parecendo implorar por atenção. O pescoço estava inchado por causa das contusões, mas, exceto por isso e pelos olhos dilatados, ela parecia normal.

— Você não pegará Cheryl — disse ela. — Ela é esperta demais. É uma garota do Maine e conhece essa floresta.

— Você está errada — disse ele.

— Não estou.

— Receio que esteja.

— Você verá. Consigo sentir a energia dela. Você não é páreo para ela.

— Merda nenhuma — disse ele.

— Aposto como Jesus não ia gostar desse palavreado — suspirou Meredith.

À esquerda dele, outra mulher apareceu. Ela usava roupas comuns e saiu de trás de um abeto. Ela era alta e parecia ter pouco mais de trinta anos. Os cabelos escuros caíam sobre os ombros e ela tinha os mesmos olhos dilatados. Usava um terninho azul, sapatos conservadores e quase nenhuma joia, apenas brincos de diamante. Ele procurou uma aliança na mão esquerda dela, mas não havia. No centro da testa, havia uma faca de caça, enterrada tão fundo que fizera com que o sangue cobrisse a maior parte do rosto, do pescoço e da roupa.

Ele não se lembrava dela.

Ele estava prestes a falar quando, à sua frente, dezenas de mulheres que morreram pelas mãos dele e de Ted apareceram.

Algumas caíram das árvores silenciosamente no solo da floresta. Elas ficaram imóveis, com os braços caídos ao lado do corpo, os olhos escuros o encarando. Outras pareceram emergir à frente dele como fantasmas. Ele reconheceu a maioria das mulheres, mas não todas. O que o deixava intrigado era que conseguia enxergar de leve através delas. Pior ainda, outras estavam ondulando. Por quê?

Aquela parte do cérebro dele que não tinha eliminado o passado completamente o relembrou do que a terapeuta dissera em uma das sessões: *Parece que você sofre de alucinações, Kenneth*. Mas era mentira. O dia em que vira Deus fora real. Ele sabia disso. Mais tarde, quando fora abençoado pelo próprio Jesus Cristo, fora real. Ele sabia disso. E o que via à sua frente naquele momento era real. Tinha certeza disso.

Ele se preparou para enfrentá-las e manteve-se firme enquanto Maria retirava o sutiã e mostrava os seios. A mulher de roupa azul retirou a faca de caça da testa e a segurou na mão esquerda.

— Você acha que somos vagabundas — disseram elas e, ao falarem em uníssono, aquilo soou tão alto que encheu a cabeça dele. — Mas não somos.

Aquilo era algum tipo de brincadeira? É claro que eram vagabundas. Cada uma delas. Fora esse o motivo pelo qual tinham sido escolhidas para morrer. Ele e Ted observaram cada uma delas antes de decidirem agir. A escolha deles não fora aleatória. Fora baseada no comportamento que tinham testemunhado. E naquele momento, ao desafiá-lo, elas pareciam não entender que estavam, na verdade, desafiando a *Ele*. Ele não acreditava que fossem tão petulantes.

Mas é por isso que elas estão no inferno, e não com Ele.

— Nenhuma de vocês se arrependeu, nenhuma ouviu a mensagem da Cruz nem o Evangelho de Cristo. Pelo jeito, isso nunca acontecerá, e é por isso que nunca chegarão aos braços Dele. Vocês são todas desprezíveis. Não têm um espírito cristão humilde. Não entendem que a alma de vocês está podre. Pior ainda, não O temem. Em vez disso, zombam na cara Dele. Vocês queimarão no inferno para sempre.

Ele não tinha mais nada a dizer. Deu um passo à frente e começou a correr para além delas, em alguns casos através delas, o que lhe deu arrepios, pois não entendia como aquilo era possível. Afinal de contas, elas eram reais.

Kenneth sentia mãos o agarrando e puxando suas roupas ao passar por elas. Estavam tentando derrubá-lo, tentando fazer sabe Deus o que, mas ele era forte. Livrou-se e continuou correndo, apesar de quase levar um tombo na terra úmida. Ele olhou para os olhos negros

líquidos delas ao passar correndo e o que viu foram poços de ódio profundos.

Finalmente, depois de passar por todas, uma disse com voz bem alta: — Você não devia ter nos matado, Kenneth. — Era Maria Fuentes. — Estamos aqui para ajudá-la. Não será a última vez que nos verá. Tem à frente o maior desafio da sua vida. Que o verdadeiro Deus esteja com você, não o Deus falso que carrega em seu coração podre, pois precisará do verdadeiro Deus se quiser sobreviver dessa vez.

Em seguida, bem às suas costas, como se o seu relacionamento com Cristo não tivesse importância, como se não fosse um dos Escolhidos de Deus, cada uma delas começou a rir de tal forma que ele correu ainda mais rápido.

Ele passara por isso com elas uma vez e saíra ainda mais forte e mais concentrado do que antes. Ele mostraria a todas elas. Se Cheryl Dunning ainda não estivesse morta, transformaria a morte dela em um exemplo de por que não se devia nunca contrariar Kenneth Berkowitz.

CAPÍTULO 18

Cheryl Dunning sabia que, em algum momento, precisaria parar de se movimentar e teria que permanecer em um lugar. Essa era a primeira coisa que o pai e o avô lhe tinham dito que deveria fazer se algum dia se perdesse na floresta. Ela precisava criar algum tipo de abrigo, como eles lhe tinham mostrado, e não se mover até que fosse encontrada.

Se *eu for encontrada.*

Ela não estava mais correndo. Em vez disso, caminhava suavemente e escutava. Viu a direção para a qual o louco correra — para longe à direita dela. O alce o assustara o suficiente para que corresse cegamente pela floresta. Com isso, ela conseguira se abaixar e manter-se à esquerda ao longo do pântano, onde preferia ficar, pois sabia que era lá que encontraria uma fonte de água. Não as poças estagnadas de lama à sua volta, pois provavelmente morreria se bebesse de uma delas. Tinha a esperança de encontrar um riacho, alguma coisa que viesse de uma fonte limpa e, mais importante, que fosse corrente.

Mas, mesmo se encontrasse água, sabia que seria arriscado bebê-la. Com a sede que sentia — o álcool que consumira na noite anterior não ajudava muito — e com o gosto nojento que tinha na boca por causa do sangue que não pudera limpar, beberia avidamente. Qualquer fonte de água corrente que encontrasse ainda teria bactérias que poderiam lhe fazer mal.

Mesmo assim, lembrou-se das palavras do pai. Se tivesse que escolher entre a desidratação e a doença, deveria beber e torcer pelo melhor.

Cheryl parou por um momento, encostando-se em um pinheiro largo, e colocou a mão no bolso para pegar o celular que ele lhe deixara. Ela o ligou, viu que não havia nenhuma mensagem de texto nova e tentou conseguir uma conexão, sem sucesso. Todos os componentes necessários para fazer uma ligação tinham sido

desmanchados e, como não era nenhuma especialista, sabia que nunca poderia consertar o que ele fizera com o celular.

Ela guardou o celular no bolso novamente — e o coração deu um salto quando a ponta dos dedos tocou em algo frio no fundo dele. Imediatamente soube o que era e a alegria que sentiu foi inegável. Esquecera completamente que o tinha, pois raramente fumava, apesar de ter fumado na noite anterior porque Patty estava com ela e era o que faziam quando saíam. Estivera tão distraída com tudo o que estava acontecendo que nem mesmo o sentira no bolso. Ela retirou o isqueiro Bic do bolso e tentou acendê-lo. Precisou de três tentativas mas, quando conseguiu, foi talvez a coisa mais bela que vira naquele dia.

Exceto pelo alce.

Caçadores eram comuns naquela floresta. Os menos responsáveis deixariam restos para trás, como latas usadas para tomar café ou comer. Se conseguisse encontrar uma lata velha, poderia acender uma pequena fogueira e ferver um pouco de água. Isso mataria as bactérias e ela poderia beber sem medo. Não estava muito preocupada com comida, pelo menos não por enquanto, mas água e abrigo eram essenciais para a sobrevivência.

Ela precisava de um plano. Primeiro, precisava encontrar uma fonte de água. Segundo, precisava fazer um abrigo discreto próximo à fonte. Terceiro, precisava encontrar alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse ser usada para ferver água.

Finalmente, o mais desafiador era que, de alguma forma, precisaria fazer tudo aquilo sem que ele a encontrasse. Não sabia se aquilo seria possível, pois a construção do abrigo envolveria quebrar alguns galhos. Pior ainda, quando acendesse uma fogueira, o cheiro da fumaça daria a ele uma ideia de onde ela estava. À noite, mesmo que acendesse uma fogueira minúscula para gerar calor, ele veria o brilho. Então, no mínimo, ela não poderia acender o fogo à noite. A fumaça se espalharia no vento, o que talvez o deixasse confuso se a brisa viesse de várias direções. Mas o brilho seria inconfundível. Ele o veria e a encontraria.

Ela pensou no assunto por um momento e a mente foi para um lugar mais sombrio. Se estivesse preparada para ele, seria tão terrível se a encontrasse? Se tivesse a chance de atraí-lo, quais

seriam as possibilidades de vencê-lo?

Cheryl olhou em torno, do solo da floresta em direção aos poucos pinheiros mortos espalhados por entre as árvores vivas, estudando os galhos. Se conseguisse quebrar um deles, poderia usá-lo como arma.

Mas ele tem uma pistola.

Era verdade, ele tinha. Mas à noite, nas sombras em constante mudança lançadas por uma fogueira, talvez ele não a visse até que fosse tarde demais.

Era um risco grande, pois acender uma fogueira com certeza o atrairia até ela. Mas o que mais poderia fazer?

E então, em um lampejo, ela teve uma ideia.

Cheryl pensou cuidadosamente no assunto e, apesar dos lábios partidos e de saber que as chances não estavam a seu favor, sorriu. Sabia que provavelmente não sairia dali viva. Mas tinha um plano que poderia funcionar.

Pela primeira vez desde que acordara naquela manhã, no solo de uma floresta desconhecida, ensanguentada depois de ter sido espancada por um maníaco desconhecido, ela sentiu uma centelha de esperança e soube exatamente o que precisava fazer.

CAPÍTULO 19

Ted Carpenter estava parado no coração da floresta, com a arma ao lado do corpo. A respiração pesada. O coração batendo forte como se quisesse sair do peito tanto quanto Cheryl Dunning queria sair da floresta.

Ele estava perdido.

Antes de ser perseguido pelo alce, tudo estava saindo como planejado. Tudo estava sob controle. Ela estava à vista. Ele a estava assustando como ele e Kenneth tinham feito com todas as mulheres que mataram.

E então ela desapareceu.

Provavelmente também vira o alce e se escondera atrás de alguma árvore. Se isso acontecera, ela o enganara. Intencionalmente deixara de lhe avisar. Deixara que corresse diretamente para o caminho daquele alce — sem mencionar a fúria dele — como se a vida dele não significasse nada. Como se ele não estivesse lá para servir ao Senhor. Como se não estivesse lá para *representar* o senhor. Será que ela não entendia?

Obviamente, não.

Se ela estivesse na frente dele naquele momento, ele a mataria sem Kenneth — que exigira estar presente em cada sacrifício — e a mataria sem pensar duas vezes. Não se importava nem um pouco se Kenneth ficasse furioso. Era um problema dele, que era mais velho, que quase fora atropelado por um alce. Se tivesse a chance — e, em algum momento, a teria — ergueria a arma, miraria bem na cara dela e atiraria quantas vezes fossem necessárias para abrir o crânio.

O alce se fora, mas, em vez de uma corrida rápida para espantá-lo, o animal quisera um pedaço dele. Perseguiu-o incansavelmente para dentro da floresta antes de, após o que parecera uma eternidade, desistir e ir embora.

Ele e Kenneth tinham percorrido aquela floresta dezenas de vezes, mas a quem estava tentando enganar? Ele não a conhecia tão

bem quanto Kenneth achava que devia. A floresta era enorme. Obviamente, ele reconheceria o caminho quando o visse. E sabia onde o pântano ficava em relação ao caminho. Mas naquele momento? Depois de fazer tantas curvas e saltar sobre todas aquelas árvores caídas? Tudo parecia igual: um emaranhado de pinheiros e abetos, esqueletos retorcidos de árvores mortas, árvores sazonais de cores fortes, o céu azul lá em cima, o sol brilhando sobre tudo.

E nenhuma saída.

Mais cedo, ele tentara seguir os próprios rastros para sair da floresta, mas estavam tão confusos por causa dos esforços de fugir do alce, que não faziam o menor sentido. Algumas vezes, os rastros andavam em círculos. Frequentemente se cruzavam quando ele se desviara do animal. Era uma confusão tão grande que não poderia confiar neles para conseguir sair.

Precisaria telefonar para Kenneth e pedir ajuda.

Ele pegou o celular e decidiu primeiro enviar uma mensagem de texto a ela. — Você acha que ganhou, mas saiba que não é verdade. Você vai morrer. Estou indo pegá-la.

Ted enviou a mensagem e, em seguida, discou o número de Kenneth, que atendeu depois de alguns momentos.

— O que foi? — perguntou Kenneth.

— Estou perdido.

— Como pode estar perdido? Nós conhecemos essa floresta. Passamos semanas dentro dela.

— Pois parece que não conheço tão bem quanto achei porque, quando estávamos estudando o terreno, nenhum de nós foi perseguido por um alce. Foi o que acabou de acontecer comigo. Um alce me perseguiu e acabei em um lugar que parece com todos os outros lugares nessa maldita floresta. E, agora, não tenho a menor ideia de onde estou.

Fez-se silêncio.

— Está me dizendo que a perdeu, Ted?

— Eu tinha um alce na minha cola, Kenneth. Deveria ter ficado parado e deixar que ele me atropelasse? Que me matasse? Porque é isso que ia acontecer. Ele ia me matar.

— Deus não teria deixado isso acontecer. Nós dois sabemos disso. Você perdeu a fé? O alce é parte da natureza. O alce é uma extensão

de Deus. Ele teria parado e ficado observando você. Não acredito que você a perdeu de vista por causa de um alce.

— Bom, foi isso que aconteceu. E, se Deus me separou dela, então Ele também me levará até ela.

— Ele *nos* levará até ela. Onde você está?

— Eu já disse, não sei onde estou. Corri para fugir do alce e agora tudo parece igual. Não estou perto de nenhum caminho. Estou no meio da floresta. As pessoas se perdem na floresta, Kenneth.

— Eu não. Use a função de mapa do celular. Marque a sua localização. Vou buscar você.

— Você está por perto?

— É claro que estou por perto. Segui os seus rastros fora do caminho.

— Então ela está em algum lugar perto de você.

— É a sua forma de dizer que quer que eu a encontre e a mate? Está desistindo? Mesmo? A essa altura do jogo? É demais para você? É isso?

— Não foi o que eu quis dizer.

— Mas foi o que pareceu.

— Olhe, isso é só um contratempo, Kenneth. Nós a encontraremos. Ela não é tão inteligente assim, é uma vadia burra. E não O tem ao lado dela, como nós.

— Que seja. Estou desapontado com você. Marque a localização e dê-me algum tempo, vou encontrá-lo. Quando começar a ouvir os meus passos, chame o meu nome baixinho. Não exponha a sua localização a ela. Só diga o meu nome bem baixinho. Vou encontrar você. Os mapas dos celulares ajudarão.

— Você costumava dizer que a tecnologia é pecado.

— Eu dizia um monte de coisas, Ted, mas todos evoluem, não é? É claro que sim. Nós evoluímos. E com certeza não digo isso há anos, pois mudamos de ideia sobre a tecnologia, que nos foi dada por Ele. Lembra-se disso? Estamos entendidos sobre isso? Nós crescemos à medida que o tempo passa. Usamos o que temos à mão para acabar com uma pessoa amaldiçoada e passamos para a próxima. Se isso significa usar a tecnologia do telefone, então nós a recebemos por um motivo. Entendeu?

— Ok, entendi.

— Marque a sua localização.
— Se você parar para olhar o mapa, verá que eu já fiz isso.
— Não banque o engraçadinho comigo, Ted. Não vou aceitar.
— Não vai aceitar? O que diabos isso quer dizer? Escute só, garoto. Nunca mais banque o engraçadinho ao falar comigo. Entendeu bem? Sou mais velho que você. Minha alma é mais velha que a sua. Estou nesse negócio há mais tempo do que você. Adoro Deus há mais tempo do que você. Temos um relacionamento que vocês dois nunca terão. Se o Deus Todo Poderoso Senhor Jesus Cristo está do lado de alguém, é do meu.
— Isso é idiotice.
— É a sua interpretação.
— Não, não é. É um fato. Eu sou o Escolhido. Ele mesmo me disse isso. E também não fui eu quem estragou tudo. Não fui eu quem perdeu a vadia. Foi você, Ted. Por causa de um maldito alce que o transformou em uma bichinha, foi você. A culpa é toda sua. Você a perdeu. Você. Não eu. E Ele sabe disso, caso ela consiga fugir.
— Ela não vai fugir.
— E como é que você sabe disso?
— Porque ela ainda está na floresta.
— E como é que você sabe disso?
— Porque Ele me disse.
— Não, Ele não disse. Não minta, Teddy. Quando você mente para mim, mente para Ele.
— Eu estou falando, ela ainda está na floresta. Ninguém perdeu...
A linha ficou muda. Sem acreditar, Ted Carpenter ficou olhando para o celular. Kenneth Berkowitz acabara de desligar o celular. Ele tivera a ousadia de desligar na cara dele.
Furioso, ele guardou o celular no bolso e girou o corpo tentando ouvir os passos dele. Deveria ouvi-los a qualquer momento, certo? Afinal de contas, se Deus estava ajudando Berkowitz, Ted deveria ouvir os passos dele logo, pois o objetivo era matar Cheryl Dunning e não havia tempo a perder. Deus sabia disso. Se Ele estava assistindo — e, claro, Ele estava — então Kenneth deveria estar perto dele naquele momento.
Só que não estava.
Não havia som algum de alguém se apressando em sua direção.

Nenhum herói para salvar o dia. Portanto, Berkowitz era um imbecil. Desligara o celular na cara dele por ser arrogante, o que Ted Carpenter considerava um pecado. E que merda era aquela de ser o Escolhido?

Ele ficou se perguntando se não seria melhor continuar sozinho. Certamente já fizera o trabalho de Deus por conta própria antes. Mas, até aquele momento, sempre respeitara Kenneth. Eles compartilhavam os mesmos ideais. Tinham um ao outro e trabalhavam bem juntos. Sem ele, Ted sabia que nunca teria feito o progresso que estavam fazendo juntos.

Ainda assim, aquela conversa fora além dos limites. Ele não toleraria que desligasse na cara dele nem que o tratasse como se fosse de segunda categoria. Kenneth fora longe demais. Estava tentando assumir a liderança. Ao desligar o telefone, essencialmente dissera que o considerava um incompetente, algo que Ted ouvira do pai a vida inteira e que fora um dos motivos pelo qual o matara ao completar dezessete anos.

Era óbvio que cortar a garganta do pai enquanto o homem se barbeava em frente ao espelho do banheiro, onde poderia testemunhar a própria morte se desenrolando com esguichos de sangue, provara que o filho não era completamente incompetente. Afinal de contas, ele era capaz de cortar a garganta de um homem e tirar-lhe a vida.

Aquelas foram as palavras que ele sussurrara no ouvido do pai enquanto o sangue esguichava no espelho. O choque se registrara nos olhos dele, os joelhos cederam e ele caíra no chão de azulejos. Ted o assistira sangrar, levar a mão à garganta para tentar estancar o sangue que jorrava sobre ele, o filho e o aposento. Ted o assistira agonizar até que a vida miserável dele se esvaíra.

Ele se lembrou de uma citação de Deuteronômio 23:1: "Nenhum homem castrado, a quem se esmagaram os testículos ou se cortou o membro viril, pode entrar na Assembleia de Deus."

Se Kenneth o desafiasse ao chegar, se tentasse discutir com ele ou menosprezá-lo, Ted pelo menos conhecia uma forma de deixá-lo fora dos braços de Deus para sempre. Ele era mais velho e o mais velho sempre devia ser respeitado, não devia ser ignorado nem desprezado, como Kenneth tentara fazer. Portanto, se chegasse com

a mesma atitude, Ted o jogaria no chão com força, repetiria as escrituras antes mesmo que Kenneth conseguisse se recompor e, em seguida, faria o que as escrituras aconselhavam. Kenneth morreria sabendo que não poderia passar a eternidade com Deus.

Enquanto ficava parado lá, esperando que Kenneth chegasse, ele pensou em Cheryl Dunning, imaginando onde estava e o que estaria fazendo. Será que escapara? Nem pensar. Ele acreditava naquilo incondicionalmente. Deus tinha planos para ela e Ted estava pronto para executá-los quando Ele decidisse que era o momento certo.

Naquele instante, o que ele não sabia era que um Deus que ele não compreendia traçava outras linhas.

Por causa dos esforços de Patty Jennings e James Coleman, a polícia estadual do Maine procurava um jovem, com cerca de trinta anos, musculoso, com cabelos pretos curtos e com altura aproximada de um metro e oitenta. Fora visto pela última vez usando calças jeans, botas e uma camisa de flanela, perto de meia-noite da noite anterior em frente a uma boate de Bangor chamada The Grind. Usando apenas a memória, Patty Jennings dera informações que resultaram em um retrato falado detalhado do indivíduo, que era procurado por estupro e diversos outros crimes.

A mídia estava alerta.

Histórias com o retrato falado já tinham aparecido em programas de televisão, blogues de notícias, *sites* de mídia social e, no dia seguinte, estariam nos jornais.

O retrato falado também fora compartilhado com a polícia e outras agências de execução da lei em todo o estado.

Todos estavam trabalhando em conjunto, em um esforço para encontrar o homem e levá-lo para ser interrogado.

CAPÍTULO 20

Cheryl Dunning olhou para o chão e começou a busca.
Não estava à caça de comida, mas de água. Precisava encontrar uma fonte de água fresca logo, antes que ficasse desidratada demais para se proteger quando ele viesse atrás dela novamente. E ele viria. Era só uma questão de tempo até que a encontrasse. Portanto, ela caminhava devagar, com cuidado e sem fazer barulho, e escutava, torcendo para ouvir em breve o som distinto de água corrente.
Cheryl não tinha noção da hora — ele roubara o relógio dela — mas, dado o ângulo do sol, achou que era em torno de duas da tarde, o que significava que estaria escuro em quatro horas. Se não encontrasse água logo, teria que desistir da busca, construir algum tipo de abrigo discreto com galhos caídos e folhas e se esconder durante a noite. Pela manhã — se sobrevivesse até lá — começaria a busca novamente. Estaria mais fraca, mas continuaria até que não conseguisse mais ou até que sua vida acabasse por outros meios.
O celular no bolso da calça soou. Ela o pegou, ligou-o e leu a mensagem de texto: "Você acha que ganhou, mas saiba que não é verdade. Você vai morrer. Estou indo pegá-la."
— Não diga, Sherlock.
Ela guardou o celular no bolso e se recusou a deixar que a mensagem a abatesse. Ele enviaria outras e Cheryl se preparou para elas. Não podia deixar que ele a distraísse. Se pretendia sobreviver, precisava aceitar o fato de que ele a estava procurando com afinco e que continuaria a assediá-la o tempo todo. Mas também sabia que, se não se concentrasse totalmente na tarefa à frente, ele venceria.
Portanto, ela se concentrou. Apesar do ar frio que fazia com que os ossos doessem, ela se concentrou. Apesar da dor que acometia diversas partes do corpo, ela se concentrou.
Cheryl pensou no pai e no avô, que tinham ensinado a ela sobre a floresta. Subitamente, ao se lembrar, parou e ficou completamente imóvel. Ela estivera caminhando por quase trinta minutos e, durante

parte do tempo, estivera distraída.

Precisava ser mais esperta. Precisava parar e escutar. Precisava olhar em torno, procurar uma convergência de rastros de animais. O avô dissera uma vez que, se os rastros estivessem próximos uns dos outros, haveria uma fonte de água por perto.

Ela abraçou o corpo para tentar se esquentar, fechou os olhos e escutou. Depois de cinco minutos sem ouvir nada, girou o corpo noventa graus e escutou novamente. Nada.

Continuou andando, procurando rastros. De vez em quando, via alguns rastros de cervos, mas nada significativo. Nada que parecesse como se muitos animais tivessem percorrido um caminho similar.

Com frequência, parava e tentava ouvir alguma coisa, mas não havia nada. Ela observou a inclinação do terreno e percebeu que estava descendo. Muito de leve, mas, ainda assim, estava descendo, e era naquela direção que uma fonte de água fluiria naturalmente.

Tem que haver alguma coisa, pensou ela.

Mas, no final, quando o sol ficou baixo demais no horizonte para oferecer algum conforto, Cheryl Dunning sabia que fora vencida. Ela quis chorar ao perceber que não podia beber água, algo que sempre considerara como certo. Quis gritar, furiosa com o que estava acontecendo, mas não podia. O pai esperaria que ela permanecesse forte. O avô, um homem que fora criado em uma fazenda, exigiria isso dela.

Um dia sem água não a mataria, mas minaria suas forças. Dois dias sem água seria um desafio. Três dias sem água não lhe deixariam outra opção além de beber a própria urina. Havia formas de permanecer viva na floresta, a maioria delas desagradáveis. Mas ela faria o que fosse preciso. A vida dela valia a pena.

E ela não o deixaria vencer.

CAPÍTULO 21

Depois de mais vinte minutos sem encontrar qualquer sinal de água, Cheryl sabia que estava na hora de desistir da busca e construir um abrigo.

O sol se escondia por trás de uma fileira irregular de árvores. Logo estaria escuro, o que traria não só temperaturas mais baixas, como também criaturas noturnas que sairiam para caçar.

Por causa do pai e do avô, ela sabia como construir algo que a protegeria durante a noite e sabia que poderia fazê-lo razoavelmente depressa.

Ela precisava encontrar algum tipo de vala. Um buraco no chão da floresta no qual pudesse se enfiar, sem precisar construir algo que chamasse atenção. O buraco lhe daria mais espaço para se mover e também permitiria que permanecesse o mais discreta possível quando o abrigo estivesse terminado.

Para isso, o abrigo precisaria se parecer com uma parte natural da paisagem. Só um amontoado de gravetos, galhos e folhas como cobertura. Dessa forma, se fosse bem-sucedida, pareceria como uma pequena elevação no chão da floresta e, talvez, se tivesse sorte, ele não o notaria ao passar.

Aquele era o objetivo.

Diferentemente de encontrar água, localizar um recesso razoavelmente profundo nos arredores foi fácil. Em alguns minutos, ela encontrou um local que ficava parcialmente oculto pelas árvores e ficou empolgada. Com as árvores à volta dele, elas não só ajudariam a ocultar o abrigo, mas também a protegeriam do vento.

Ela começou a construí-lo. Juntou madeira seca, gravetos e galhos caídos. Manobrou-os, colocou-os em camadas e construiu o abrigo de tal forma que os materiais criavam uma cobertura levemente inclinada. Cheryl tinha em mente que, no final, ele precisava parecer o mais natural possível e que, mais tarde, talvez precisasse usá-lo para outra coisa, caso eles se aproximassem demais dela.

Ela juntou folhas e as espalhou por sobre a elevação que tinha um

pequeno buraco na frente, pelo qual poderia entrar. Ao terminar, o crepúsculo se aproximava. Cheryl ficou parada, apreciando o trabalho e sentindo que, no fim do dia, com todas as chances contra ela, construíra algo do qual podia se orgulhar. A parte de cima do abrigo tinha um acabamento com folhas molhadas e cheias de lama que pegara no pântano. Havia gravetos sobre elas para que não voassem. Ao fazer isso, ela criara uma cobertura com isolamento, que seria necessária porque não poderia acender uma fogueira naquela noite. Ele o veria.

A não ser que eu queira que ele o veja.

Ao voltar para dentro do ninho que preparara, ela sentia a maior sede que já tivera na vida. A garganta doía. A sensação de ter a boca ainda cheia de sangue era tão insuportável quanto a dor de cabeça que sentia e que, ela sabia, era decorrente da falta de comida e de água.

Ela precisava dormir. Precisava conservar as energias. Cheryl se deitou encolhida no chão úmido da floresta, que fez com que sentisse tanto frio que começou a tremer. Ela fechou os olhos para tentar afastar as lembranças do dia que terminava.

Ela sentia o cheiro da noite. Sentia o cheiro da terra sob o corpo. Não ouviu nada incomum do lado de fora, o que, por um momento, fez com que se sentisse reconfortada. Em seguida, provavelmente devido à pura exaustão, ela começou a adormecer.

Pelo menos, tentou adormecer.

A cada vez que chegava perto de cair no sono, a mente divagava e os pensamentos se voltavam para Patty. Sem dúvida, ela sabia que a amiga telefonara durante o dia para conversar sobre a noite anterior, especialmente depois de ter ido embora com um homem desconhecido, algo que as pessoas viviam acusando Patty de fazer. Mas Cheryl sabia que a amiga quase nunca fazia isso. Na verdade, estava surpresa por ela ter feito aquilo. Não era uma coisa normal em Patty.

Ela ficou imaginando por quanto tempo Patty esperaria até chegar à conclusão de que era estranho o fato de Cheryl não atender ao telefone e de que deveria ir até sua casa para ver se estava bem. Ela não teria feito isso naquele dia. Cedo demais. Mas no dia seguinte? Havia uma boa probabilidade de isso acontecer, pois o dia seguinte

era domingo. Elas normalmente tomavam café da manhã juntas no The Lucerne Inn, uma bela pousada que fora transformada em hotel, com uma vista impressionante das montanhas e de um lindo lago.

Quando Patty tocasse a campainha e não houvesse resposta, o que faria? Iria embora? Talvez. Mas se os Coleman estivessem em casa, talvez perguntasse a eles se a tinham visto ou ouvido. A casa deles era antiga e sólida, mas as tábuas do chão rangiam. Será que estranhariam se não a ouvissem depois de dois dias? Ela achava que sim. E depois? Quanto tempo esperariam antes de decidirem que a coisa certa a fazer era entrar no apartamento dela porque estariam preocupados?

Cheryl não sabia. O que ela sabia era que James Coleman não esperaria muito. Ela era inquilina dele havia anos. Ele conhecia a rotina dela, suas idas e vindas, que raramente mudavam, pois a vida de Cheryl era notoriamente árida. Além disso, nas raras ocasiões em que tirara férias, sempre avisava aos Coleman, e eles sempre perguntavam se ela queria que cuidassem da gata, Blanche, enquanto estivesse fora. Eles tinham um bom relacionamento. Ela achava que, se James não tivesse notícias dela até segunda-feira, entraria no apartamento.

Mas faça isso antes, pensou ela. *Por favor, faça isso agora.*

O abrigo estava começando a aquecer um pouco devido ao calor do corpo dela. Cheryl se aconchegou um pouco mais em posição fetal e tentou novamente dormir, mas não conseguiu. A mente estava muito ativa. Na quietude da noite, ela ouviu o silêncio, o que a enervou, pois reforçava a solidão completa em que se encontrava. E como estava assustada. E vulnerável.

Cheryl pensou na gata e percebeu que ela também passara um dia inteiro sem comida nem água. Blanche era uma gata velha, tinha quase dezessete anos e, se não fosse bem cuidada, miaria e gritaria muito. Será que os Coleman a ouviriam? Com certeza. Mas será que se preocupariam? Era nisso que precisava acreditar. Ela rezou para que ficassem preocupados.

Ela pensava nisso tudo quando, depois de cerca de meia hora, em algum lugar à distância, achou que tinha ouvido movimento. Cinco minutos se passaram e ela teve certeza de que ouvira algo que vinha em sua direção.

Ela prendeu a respiração e escutou.

Era ele? Um animal? Ela não sabia. O coração bateu mais forte. Ainda estava muito longe, mas soava como se folhas estivessem sendo chutadas. Algum tipo de farfalhar. Ela respirou devagar e rezou a Deus para que não fosse ele. Ou que não fosse um urso, o que também era uma possibilidade. Ursos pretos eram criaturas noturnas e, se ameaçados, podiam se tornar agressivos. Para o caso de ser um dos dois, ela pegou um galho e o segurou perto do corpo. A extremidade dele tinha uma ponta. Se tivesse a chance, ela acertaria o homem ou o animal na cabeça. Depois disso, teria que deixar o abrigo e correr no escuro com as malditas botas. Aquilo só a deixaria mais em perigo, pois não conseguiria ver e estaria exposta.

O som estava chegando mais perto. Ela não conseguia distinguir se era uma pessoa ou um animal. Mas, se fosse uma pessoa, se fosse *ele*, não teria uma lanterna para que pudesse enxergar? Ela olhou pelas frestas do abrigo e não viu nenhuma luz. Em seguida, o farfalhar parou.

No bolso da calça, o celular soou.

Ela se assustou a ponto de ter que cobrir a boca com a mão. Antes que ele soasse novamente e alertasse quem estivesse lá fora, ela pegou o aparelho, ligou-o e leu a mensagem de texto.

— Aí está você, Cheryl — dizia ela. — E agora, o que vai fazer?

CAPÍTULO 22

Quando Kenneth Berkowitz finalmente encontrou Ted Carpenter, o sol ainda estava brilhando, mas começava a lenta descida para a noite.

Antes que Berkowitz aparecesse, Ted o ouviu andando ruidosamente pela floresta e ficou imaginando se estava lidando com um idiota. O próprio Kenneth dissera mais cedo que, quando ouvisse seus passos, Ted deveria chamá-lo baixinho. E, mesmo assim, fazia todo aquele barulho? Era inacreditável. Ele sabia que não devia se comportar daquela forma. Sabia que fazer um barulho tão alto e agressivo soaria pela floresta e, possivelmente, denunciaria a Cheryl Dunning a localização deles.

Então, ele ainda está furioso, pensou Ted. *Muito bem.*

Segurando a Glock ao lado do corpo, ele esperou que o parceiro aparecesse, sem saber o que esperar, mas preparado para agir, caso Berkowitz tentasse algo idiota.

À frente, ele observou as árvores inclinando-se para a direita e a esquerda. Folhas caíam em uma explosão de cores. Subitamente, houve um clarão laranja, que rapidamente desapareceu. Ele ouviu o que parecia alguém arquejando. Carpenter recuou um passo e franziu o rosto.

Alguma coisa não estava certa.

Ele estava prestes a se esconder atrás de uma árvore quando, a uns três metros de distância, um velho surgiu apressado em meio às arvores e parou, atordoado, ao ver Carpenter.

Ele tinha um rifle nas mãos. Havia sangue espalhado pelo rosto. O homem tinha pouco mais de setenta anos e parecia aterrorizado. Usando uma roupa laranja, era óbvio que estava lá para caçar, mas o som de alguém correndo atrás dele sugeria que ele estava sendo caçado.

— Ajude-me — disse ele. — Por favor. Há um homem com uma arma. Um jovem. Atrás de mim. Atire nele. Meu rifle está travado.

Ele é louco.
Com as pernas bambas, o homem se virou para a direita e tentou correr novamente. Era uma visão ridícula, mas Ted Carpenter o observou com fascinação. Quando Berkowitz saiu correndo da floresta e entrou na clareira com o rosto enfurecido, ele olhou para Ted, que apontou para a esquerda. Kenneth assentiu e mirou a arma no homem, que mancava com o esforço de escapar. A arma de Berkowitz tinha um silenciador, uma mira telescópica e um *laser* para aumentar a precisão. Ele deixou que o homem desse mais alguns passos antes de mirar e atirar na nuca dele.
O homem caiu com força.
Berkowitz andou até ele, virou o corpo com o pé e olhou para o rosto arruinado. Ted se juntou a ele, viu os olhos dilatados do homem e como a bala de ponta oca abrira a testa dele.
— Então, há caçadores por aí? — perguntou Ted.
— Obviamente.
— Você viu mais algum?
— Não.
— Você fez uma confusão dos diabos, mas acho que o que importa é que o pegou. Espero que Cheryl não tenha ouvido, o que pode ter acontecido. Deixe-me ver a sua arma.
— Por quê?
— Porque a sua tem um silenciador. A minha não.
— E para que você precisa dela?
— Mais cedo, eu estava me lembrando de uma citação de Deuteronômio 23:1: "Nenhum homem castrado, a quem se esmagaram os testículos ou se cortou o membro viril, pode entrar na Assembleia de Deus."
— Por que estava se lembrando disso?
— Estou sempre me lembrando das Escrituras. Você não? Dê-me a sua arma. Ou usarei a minha faca. Não me importo. Vou garantir que esse porco não fique frente à frente com Deus.
— Então use a faca — disse Kenneth. — Precisamos economizar munição.
— É esse o verdadeiro motivo?
Antes que Berkowitz pudesse responder, Ted Carpenter já estava de joelhos, abaixando a calça do homem, removendo a faca do cinto

e fazendo o que precisava para impedir que o homem se tornasse um membro da Assembleia de Deus.

CAPÍTULO 23

Quando terminou, Ted ficou parado sobre o corpo mutilado. Ele e Kenneth o avaliaram.

— Acho que algum animal virá atrás dele — disse Ted depois de limpar as mãos ensanguentadas no chão da floresta e, em seguida, em um lenço que tinha no bolso do casaco. — Será um banquete.

— E um banquete maldito. Lembre-se de Isaías 66:17: "Os que se santificam, e se purificam, nos jardins uns após outros; os que comem carne de porco, e a abominação, e o rato, juntamente serão consumidos, diz o Senhor."

— E de Levítico: "Também o porco, porque tem unhas fendidas, e a fenda das unhas se divide em duas, mas não rumina; este vos *será* imundo."

— Também de Isaías: "Porque, eis que o Senhor virá com fogo; e os seus carros como um torvelinho; para tornar a sua ira em furor, e a sua repreensão em chamas de fogo."

Os dois homens se entreolharam sem piscar.

— Somos o fogo — disse Ted.

— Somos parte dele — concordou Kenneth.

— Só o fato de servi-Lo significa tanto.

— Para mim, significa tudo. — Ele olhou para o corpo. — Você fez um bom trabalho.

— Você o trouxe e o matou. Eu só garanti que ele fosse para o inferno.

— Eu sei que discutimos mais cedo, Ted, mas não estou bravo com você. Só estou frustrado com a situação. Não sabemos onde ela está.

— Eu não tinha como evitar o alce, Kenneth.

Kenneth fez menção de falar, mas não disse nada.

— E você também não teria conseguido. Ele era enorme, estava furioso e me atacou. Diga-me como o teria evitado.

— Eu teria colocado a minha fé nas mãos de Deus.

— Mas o alce é uma das criaturas de Deus.

— É uma das criaturas *menores* dele. Preciso lembrá-lo de Gênesis 1:26? "E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra". Você tinha controle sobre aquele alce. Por meio de Deus, você tinha *domínio* sobre ele. E, mesmo assim, correu dele. Com todo o peso de Deus em seu coração e em sua alma, você deveria ter se mantido firme contra ele. Mas não o fez. Em vez disso, fugiu. Ele o teria protegido, sabia? Não havia necessidade de fugir.

Ele ergueu a mão antes que Ted pudesse responder. — Olhe, o que está feito, está feito. Não há tempo para discutir. Podemos pelo menos concordar nisso? Vamos deixar isso passar. Logo ficará escuro. Estamos perdendo tempo. Precisamos sair daqui.

— E ir para onde?

— Voltar para a caminhonete. Quando ficar escuro, não poderemos usar lanternas. Se fizermos isso, ela nos verá. Então, usaremos os óculos noturnos. Assim, se não a encontrarmos antes que fique escuro, pelo menos poderemos ver aonde estamos indo e não nos perdermos. Melhor ainda, como eles são equipados com infravermelho, poderemos vê-la se estiver se escondendo. E, para que você fique mais tranquilo, também veremos qualquer animal que se aproxime de nós.

Ao se afastarem do homem morto e da área, Ted Carpenter seguiu Kenneth Berkowitz pela floresta. Ele tinha plena consciência de que, pela forma como Berkowitz o tratava, estava se posicionando ativamente como líder. Naquele momento, Ted estava literalmente o seguindo para fora da floresta. Era uma mudança na forma como normalmente trabalhavam. Antes daquela tarefa, sempre tinham trabalhado como uma equipe. Trabalhavam bem juntos, explorando os pontos fortes um do outro. Ambos tinham cometido erros no passado, mas eles nunca tinham sido destacados e ridicularizados como Kenneth fizera mais cedo. Era uma coisa nova, mas por que isso mudara?

Arrogância.

Era evidente demais para ignorar. Ted tinha o dobro da idade de Kenneth e, ainda assim, ele o estava desrespeitando. Ele se lembrou

de um verso de 1 Pedro 5:5: "Semelhantemente vós jovens, sede sujeitos aos anciãos".

Estava bem ali. Ele pensara nisso mais cedo, sabia que Kenneth conhecia aquele versículo e, ainda assim, não o obedecia. Ele estava pecando e o pecado era contra Ele. Isso o enfurecia. Ted precisava que Kenneth o levasse até a caminhonete e, quando chegassem lá, ele assumiria o comando, não importava o que custasse, até sentir que Kenneth tinha voltado ao normal e que poderiam trabalhar como uma equipe novamente.

Ele observou o homem mais jovem mover os galhos para o lado à frente, sem segurá-los, mas deixando que voltassem ao lugar com tanta força que quase o atingiram.

O pai de Ted fora assim: bruto e ignorante. Ele abusara dele por anos antes que Ted decidisse que não aguentava mais e cortara a garganta dele em frente ao espelho do banheiro.

Ele não queria fazer aquilo com Kenneth. Mas, se o jovem continuasse a pecar e a ofender os mais velhos, teria que pelo menos considerar a ideia. Ou conversar com ele primeiro sobre o assunto. Talvez uma boa conversa o colocasse de volta em seu lugar. Ele relembraria a Kenneth Provérbios 23:26: "Dá-me, filho meu, o teu coração, e os teus olhos observem os meus caminhos".

E, em seguida, lembrou-se de Efésios 6:4, nem que fosse por se considerar uma espécie de figura paterna para Kenneth: "E vós, pais, não provoqueis à ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor".

Portanto, dependendo que como a conversa decorresse, seria preciso, no mínimo, disciplina.

CAPÍTULO 24

Quando chegaram à caminhonete, o sol já se pusera. Mas conseguiram sair da floresta. Não encontraram nenhum outro caçador, nenhum outro animal. Estavam seguros e em terreno aberto.

A estrada estava quieta. Não parecia que alguém tivesse mexido na caminhonete. Tudo parecia bem e em seu lugar. Deus estava do lado deles.

Deus também era o motivo pelo qual tinham escolhido aquele lugar que era tão longe de qualquer outro que parecia nem existir. Monson, Maine. Um lugar onde era possível arrastar uma puta para a floresta e deixá-la lutar pela vida até que fosse tomada a decisão de matá-la.

Mas a floresta não era exatamente o que Ted Carpenter imaginara. O alce, por exemplo. Ele nunca imaginara que o animal aparecesse. E o Senhor sabia que nunca pensara em ter que fugir de um e se perder. Ele ficara surpreso por ter se perdido, pois tinham estudado a floresta cuidadosamente. E depois aparecera o caçador, correndo pela floresta, somente para ser morto por Kenneth e mandado para o inferno por Ted.

Eles estavam sendo desafiados como equipe e ele, pessoalmente, desafiado por Kenneth, que naquele momento abria a enorme caixa de plástico na caçamba da caminhonete e tirava dela os óculos noturnos que usariam quando ficasse escuro. Ele observou o jovem à sua frente e desejou que, quando jovem, tivesse sido tão concentrado em fazer o trabalho de Deus. Esse era o nível de respeito que tinha por ele. Só precisava achar uma forma de avisá-lo de que, da forma como Deus o via, ele estava no comando, não Kenneth.

— Kenneth — chamou ele. — Podemos conversar?

— Não temos tempo para conversar, Ted. Precisamos...

— Temos tempo, Kenneth. Preciso conversar com você agora.

O tom direto da voz dele fez com que Kenneth o encarasse. Ted olhou para Kenneth — aqueles olhos azuis gelados emoldurados pelos cílios escuros e grossos que faziam com que todas as mulheres se derretessem quando ele se aproximava em bares, como o The Grind — e sustentou o olhar dele com uma autoridade inflexível que o jovem não tinha visto antes.

Geralmente, os olhos de Ted não expressavam emoção — pelo menos era o que a mãe dele dizia quando estava viva: "*Eles parecem mortos para mim.* Você *parece morto para mim. O que há de* errado *com você?*".

Era também o que alguns dos professores dele diziam a ela. Diziam que estavam preocupados com ele. Nenhum amigo. Nenhuma atividade social. Só ele e a Bíblia gasta, cuja leitura tinha precedência sobre os deveres da escola. Como a mãe era uma mulher temente a Deus, ela o protegia quando se tratava dos estudos da Bíblia, mas também dizia a ele que aprender matemática, história e redação também era importante.

— Você precisa arrumar tempo para todas as matérias, Teddy — dissera ela um dia, quando um dos professores mencionara novamente estar preocupado.

— Sim, Mama.

— Só o suficiente para conseguir notas médias, mas nada espetacular, porque o bom Senhor sabe que não há nada de espetacular em você. Depois você pode sair de lá e se tornar o pregador que sabemos que quer ser. Aí poderá reunir seu rebanho. Talvez até seja feliz com ele. Feliz o suficiente para que seus olhos demonstrem isso.

— Sim, Mama.

E fora o que ele fizera. Terminara a escola com notas suficientes para que saísse com média para ser aprovado e começar a pensar sobre o futuro.

Em frente a ele, Kenneth mudou o peso do corpo de um pé para o outro. — Ted?

— Você pecou.

— Eu o quê?

— Pecou. Você pecou. Não acho que tenha percebido porque as coisas estão tensas novamente, mas você pecou. É preciso que saiba

disso e precisa corrigi-lo antes que seja tarde demais.

— Tarde demais para o quê?

Ted apontou o dedo para o céu. — Tarde demais para Ele.

Kenneth fez uma careta. — Do que está falando? Como assim, eu pequei?

— Eu sou mais velho do que você.

— E daí que é mais velho?

— O que dizem as Escrituras sobre os mais velhos, Kenneth?

O rosto dele ficou pensativo por um momento. A Bíblia dizia muita coisa sobre os mais velhos. Ted podia ver que ele estava tentando decidir onde errara, mas não pretendia esperar até que descobrisse sozinho.

— Você está tentando liderar essa operação. Disse que era "O Escolhido", seja lá o que for que isso significa. E nós só trabalhamos juntos como uma equipe. Você está tentando se estabelecer aqui, tentando me deixar de lado e assumir o controle, mas não vou aceitar isso. 1 Pedro 5:5 diz que "Semelhantemente vós jovens, sede sujeitos aos anciãos". Você se esqueceu disso? Ao se elevar e tentar comandar o espetáculo, ao ter um tom superior na voz quando fala comigo de forma totalmente desrespeitosa, você está pecando. Para o bem da sua alma, sugiro que se arrependa. Porque, a não ser que se arrependa, você perecerá.

— Eu discordo. Não vejo as coisas como se eu tivesse pecado.

— Está discutindo comigo ou com Ele? Há uma grande diferença, Kenneth, e não sou o único a observar. Você sabe o que fez, sabe o tom de voz que usou comigo quando me perdi na floresta. Sabe também como vem me tratando desde que isso aconteceu. Ajoelhe-se e arrependa-se. Abaixe a cabeça agora e se arrependa ou pereça. Ouça Atos 3:19: "Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor". Está me ouvindo? Você O está ouvindo? É sua escolha, garoto, mas rezo para que faça a escolha correta, pois odiaria trabalhar sem você.

E Kenneth Berkowitz, que nunca se abaixara para ninguém, exceto para Deus, pensou no que Ted lhe dissera e chegou à conclusão de que ele estava certo. Ele pecara contra o homem mais velho. Falara com ele em tom arrogante. Kenneth ergueu a cabeça

para o céu e fechou os olhos, que ficaram úmidos depois de um momento de vergonha e arrependimento.

Algumas vezes, ele achava que tudo isso era demais, cansava e exigia muito dele. Mas tinha que acreditar que o que fazia com Ted era certo e valia o esforço. Se não acreditasse nisso, então de que adiantava? De que servia fazer aquilo tudo?

Assim como Ted se perdera na floresta, ele estava prestes a se perder no caminho de Deus. Ted colocou a mão no ombro de Kenneth, acenou com a cabeça e o jovem caiu de joelhos.

À distância, houve uma perturbação no ar.

— Eu sinto muito, mesmo.

— Não precisa pedir desculpas para mim, Kenneth — disse Ted, virando-se para a esquerda e olhando para a estrada. Ele achou ter ouvido alguma coisa, mas não sabia exatamente o quê. — Não se trata de mim. Você precisa admitir a culpa e prometer a Deus que nunca repetirá esse pecado. Está disposto a fazer isso?

— É claro que sim. — Ele começou a chorar.

Naquele momento, Ted entendeu o barulho. Um carro vinha na direção deles.

— Eu não fiz de propósito — disse Kenneth. — Só estou envolvido demais, é só isso. Eu sei que trabalhamos bem juntos. Não farei isso novamente. Eu prometo. E eu me arrependo. De verdade.

— Kenneth, você precisa se levantar.

Mas Kenneth não o escutou. Estava em contato com Deus, em algum lugar distante. Estava em um plano mais elevado, com a alma embriagada. — Eu sei que errei com Você hoje. Peço desculpas a Você e a Ted. Perdoe-me, Pai.

— Você precisa se levantar. Agora.

— O que Ted e eu criamos ajudou a limpar o mundo das pecadoras vagabundas. Nós fizemos a diferença. É claro que não é nem perto de suficiente, mas fizemos coisas que ninguém mais fez e continuaremos com a nossa missão.

Logo, o carro apareceria no topo da colina à esquerda deles. — Levante-se — disse ele para Kenneth. — Levante-se!

Mas Kenneth, totalmente absorto em sua conversa com Deus sobre como pecara contra Ele, abaixou a cabeça até as botas de Ted. Ele pressionou o rosto contra elas e as beijou, ergueu as mãos até as

canelas de Ted, encostou o rosto nos joelhos dele e chorou. Nesse momento, o carro surgiu na colina e Ted cutucou Kenneth com o pé.

— Levante-se, *porra!*

Mas era tarde demais. A visão de um homem adulto de joelhos em frente a outro homem adulto em um lugar deserto como Monson foi o suficiente para que o motorista os notasse e reduzisse a velocidade. Como se estivesse em meio a uma névoa, Kenneth se virou lentamente, com lágrimas escorrendo pelo rosto, quando o carro parou ao lado deles. Era um LeBaron dourado, provavelmente do início dos anos oitenta, carcomido pela ferrugem e com os pneus praticamente carecas. Uma parte de um dos buracos enferrujados estava coberto com um adesivo de propaganda. Dentro do carro, havia três homens usando roupas e bonés laranjas. Provavelmente tinham rifles no porta-malas.

Caçadores.

O motorista, um homem obeso com uma barba grisalha espessa tão desgrenhada que cobria a boca, ergueu a sobrancelha e apertou um botão que abriu a janela. No banco do passageiro, na frente, estava um homem magro de bigode fino preto e metade da idade do motorista. Ele mascava alguma coisa que não era chiclete nem comida.

Tabaco, pensou Ted.

O passageiro fez uma careta para Kenneth, que ainda estava de joelhos, e olhou para o homem que dirigia. Ted notou que a barriga do motorista era tão grande que encostava no volante.

— O que está acontecendo? — perguntou o motorista.

— Meu amigo aqui acabou de receber a notícia de que o pai dele morreu. Não aceitou muito bem.

— É mesmo? — perguntou o motorista.

Ted assentiu. — Acabaram de telefonar avisando.

— Bem, se for verdade, é uma pena. Mas, cá entre nós? Parecia que ele estava prestes a começar um boquete.

— Um o quê?

Ele ergueu a voz. — Eu disse que parecia que ele estava prestes a chupar seu pau. Bem aqui, à vista de todos.

Todos no carro começaram a rir. Kenneth se levantou e os encarou. Por um momento, ficou claro que estavam avaliando o

tamanho dele e o corpo musculoso e que ficaram surpresos com o que viram. Em seguida, alguma coisa brilhou nos olhos deles. Reconhecimento.

— De onde eu conheço você? — perguntou o motorista.

— Não conhece.

— Não é verdade. Vi você em algum lugar antes. E foi recente.

— Você nunca me viu antes.

Os homens no carro se entreolharam. — Ele parece familiar para vocês? — perguntou o motorista aos amigos.

Eles assentiram, mas concordaram que não sabiam por quê. — Mas com certeza não andamos com um casal de bichas — disse o homem de bigode.

— O que o faz pensar que somos um casal de bichas? — perguntou Kenneth.

— Porque você estava de joelhos prestes a chupá-lo. Parecia bastante óbvio para mim.

— Eu disse que ele perdeu o pai — disse Ted. — E falei que ele estava chateado.

— Por que será que não acredito nisso?

No bolso do casaco, estava a Glock de Ted. Seria fácil pegá-la e usá-la, desde que os homens não tivessem armas no colo, que talvez fosse o caso. — Não me importo nem um pouco com o que acredita.

O silêncio se estendeu.

O motorista encarou o rosto de Kenneth. — Eu conheço você, garoto.

Kenneth deu um passo à frente. — Quer saber o que eu acho?

— Claro, por que não.

— Eu acho que a preguiça é um pecado. E a gula também.

— Gula? De que diabos você está falando?

— Autoindulgência excessiva e avidez. Como você provavelmente nem sabe o que isso significa, deixe-me descer ao seu nível. É comer tudo o que está à vista. É não parar. É se entupir de comida e depois comer mais um pouco.

— Está me chamando de gordo, moleque?

— Está querendo dizer que não é?

— Ele chamou você de gordo, Roy — disse o homem no banco do passageiro.

— Na verdade, estou dizendo que o Roy aqui é um gordo e preguiçoso fodido. E você, bonitão, parece que o próprio satã comeu seus dentes e suas gengivas podres.

— Você tem uma boca grande demais, garoto.

— Pelo menos, consigo ver a minha — disse Kenneth para o motorista.

— Ninguém me chama de gordo, seu filho da puta.

— Eu acho que acabei de fazer isso, Roy. E você é uma desgraça. É um pecador. E o resto dessas bestas nesse carro fodido com você? São a mesma coisa porque pecadores atraem pecadores como moscas são atraídas por um monte de merda. Vocês todos são pecadores. Sinto o fedor do pecado em vocês. Está empesteando o ar.

— Dá para acreditar nesse merda? — perguntou o homem no banco de trás. Ele tinha uns cinquenta anos e cabelos loiros curtos e ondulados. A pele era avermelhada e cheia de marcas. — Aquele filho da puta está tirando com a nossa cara. Que tipo de bicha acha que pode enfrentar nós três? Só mesmo essas duas frutinhas. Um moranguinho e uma framboesa achando que podem falar merda.

Eles começaram a rir novamente.

Naquele momento, Ted Carpenter tirou a Glock do bolso e a apontou para o motorista. — Mãos para cima, Roy — disse ele. — O resto de vocês também.

Mas ninguém se moveu.

— Acha que ninguém escutaria um tiro, imbecil? — perguntou Roy. — Ou *três* tiros? Ou *vinte*? Porque isso que será preciso para acabar conosco. Esse lugar nada mais é do que um poço de silêncio. As pessoas ouvirão, chamarão a polícia e vocês assarão no inferno. Se não conseguem aceitar uma brincadeira, que se fodam.

— Ah, agora é uma brincadeira?

— É claro, é uma brincadeira. Sobre você, seu monte de merda. Vá em frente. Atire. Ou será que não tem colhões para atirar em nós? Quando alguém ouvir, vocês dois serão levados para a prisão. E no fim, mesmo se nos matar, morrerá no tribunal, será mandado para a prisão e, lá, todos os seus sonhos de viadagem se transformarão em realidade. Dezenas de outras bichas vão comer o rabo de vocês por muito tempo, muitas vezes, e aposto que é bem assim que vocês gostam.

— Você notou que a minha arma tem um silenciador? — perguntou Ted.

Três pares de olhos se viraram para o cano da arma. Pelas expressões vazias, eles não tinham notado. Olharam novamente para Ted sem dizer uma palavra.

— Coloquem as mãos para cima onde eu possa vê-las.

O motorista, Roy, olhou para o homem ao lado dele.

— Eu falei para colocar as mãos para cima.

— Levante as mãos, Jimmy — disse Roy. — Levante as mãos, porra.

— Seu nome é Jimmy? — perguntou Ted ao homem sentado ao lado de Roy.

— Você não precisa saber o meu nome, viado.

Ted virou a arma e a apontou para a testa do homem. — Vou perguntar de novo. Seu nome é Jimmy?

O homem olhou para a arma e engoliu em seco. — Olhe, não queríamos causar problemas, ok? Só estamos um pouco bêbados. Passamos a manhã inteira no bar da Judy, em Bangor. Cerveja e ovos, mas não vou mentir. Foi mais cerveja do que ovos. Arejando a cabeça, conversando, assistindo a alguns programas na TV. Agora, vamos caçar. Tradição de todos os anos. Só isso. Não precisa levar para o lado pessoal... — Ele parou de falar e se virou para Kenneth, com os olhos um pouco mais arregalados do que antes. — A TV — disse ele. — Você é o cara no desenho que mostraram no noticiário. Era o seu rosto. É por isso que conhecemos você.

— Você viu o meu rosto no noticiário? — perguntou Kenneth.

Roy se abaixou um pouco e olhou para Kenneth. — Isso mesmo — disse ele. — É você. É você que o maldito estado inteiro está procurando. É você que está sendo procurado por estupro.

— Pronto, lá se foi a sua teoria de que eu sou viado — disse Kenneth. — E, só para que saibam, quando estuprei aquela vagabunda, meti bem fundo. Fiz com que sentisse dor. E, agora, atrás de mim, lá na floresta, está a amiga dela, Cheryl Dunning, outra puta que vamos matar, porque é isso que fazemos. Livramos o mundo de pecadoras doentes como elas. E, francamente, como vocês.

Sabendo que aquilo precisava terminar, Ted Carpenter puxou o gatilho e a cabeça de Jimmy, com o bigode preto e os dentes

podres, explodiu no rosto e na barriga enorme de Roy. Ele gritou horrorizado, empurrou Jimmy para o lado e tentou engatar a marcha no carro no momento em que o homem no banco traseiro começou a gritar.

Ted mirou a arma na boca que gritava, disparou e a silenciou. E então, antes que outro carro aparecesse em um dos lados da estrada, ele mirou em Roy, que tentava engatar a marcha na transmissão velha do LeBaron, e abriu um buraco na têmpora dele, jogando a cabeça contra a janela lateral.

Mas ele não morreu. Ainda não.

Como uma espécie de animal enorme e ferido que não podia ser abatido com um único tiro, ele começou a ter convulsões. A mandíbula se abriu e a língua saltou para fora quando o choque da morte iminente o atingiu. Nenhuma parte do corpo sabia o que fazer. As mãos tremeram quando os braços se ergueram e bateram no painel do carro. As pernas se ergueram e caíram. Por causa na barriga enorme e dura, que estava presa contra o volante, ele não podia se mover muito. Estava preso pela própria gula. Quando a cabeça se virou abruptamente em direção a Ted, parecia que os olhos tinham dobrado de tamanho. Do fundo da barriga sem fim, houve um estrondo. Era raiva? Medo? Não importava. Não importava qual era o som, ele tinha certeza de que Satã já conversava com o homem. Portanto, Ted enfiou uma bala em um dos olhos arregalados e Roy, que tinha um LeBaron velho e enferrujado e que comera até caber apenas em roupas de tamanho gigante, caiu para a frente morto.

Ted olhou para Kenneth, que parecia empolgado com as mortes.

— Por que eu quero comê-los? — perguntou ele.

— Converse com Deus sobre isso. Precisamos esconder o carro. Agora. Seu rosto está na TV. Obviamente, ela foi à polícia e não aceitou o seu conselho. Mas tudo bem. Nós sabíamos dos riscos. Queremos que nossa causa seja divulgada. Queremos as pessoas alertas para que mudem o jeito de ser. Mas alguém pode aparecer a qualquer minuto e reconhecer você, Kenneth. Portanto, mexa-se.

Mas Kenneth não se moveu. — Deixe-me comê-los — disse ele. — Ou pelo menos prová-los. Vamos, Ted, deixe-me comer o gordão.

— Mexa-se, Kenneth. Estou falando sério. Precisamos sumir com

eles e com o carro da estrada antes que alguém apareça.

Depois de empurrarem o carro para dentro da floresta, Ted parou no meio da estrada e avaliou a situação.

O que viu fez com o que suas entranhas se retorcessem.

Eles tinham feito o melhor possível, mas ele sabia que alguém veria o carro. Sabia daquilo tão bem quanto conhecia Deus. O porta-malas dourado do LeBaron aparecia como se fosse um enorme tijolo de ouro. O sol brilhava sobre ele. Alguém o veria, encontraria os homens lá dentro, o delegado seria notificado, a polícia estadual seria envolvida e começariam uma busca, especialmente porque a caminhonete deles estava parada ao lado da estrada.

Ele se virou para Kenneth com um olhar implacável no rosto. — Junte galhos — disse ele. — Pegue-os das árvores e cubra o carro. Precisamos ter certeza de que não possa ser visto.

— E as marcas de pneus entrando na floresta?

— Vou apagá-las com a bota e cobri-las com folhas. Você cuida do carro e eu cuido das marcas.

Quando terminaram, o sol já tinha se posto, mas ainda havia luz suficiente para saber que, quando estivesse claro, não seria possível ver o carro.

Ainda assim, aquilo não acabou com a preocupação de Ted Carpenter. Mais cedo, os homens tinham dito que, para eles, a caçada era uma "tradição anual". Ele não tinha motivos para duvidar daquilo, pois tinha certeza de que era assim que alimentavam as famílias durante os meses de inverno. Em algum momento, alguém sentiria falta deles. Telefonemas seriam dados. "Você viu Roy?" "Não. Você viu Jimmy?" "Não." E o caos começaria. As famílias sabiam onde eles caçavam. Chamariam a polícia. E se levassem um cão farejador? Ele sentiria o cheiro dos corpos ensanguentados em um segundo e a busca começaria.

Ele olhou para Kenneth. — Pegue os óculos noturnos — disse ele. — Vamos encontrar Cheryl Dunning agora, matá-la e dar o fora deste estado antes que seja tarde demais.

CAPÍTULO 25

— Em algum momento, ela ficará desesperada por água, se já não estiver — disse Kenneth ao entrarem na floresta. — Minha sugestão é seguirmos o caminho até chegarmos ao pântano. Lá, resolvemos se continuamos para a direita ou para a esquerda. Ou se vamos nos dividir. Resolveremos juntos quando chegarmos lá. Ela precisa de água para sobreviver. Na noite passada, só bebeu álcool, que desidrata o corpo. Se ela ainda não encontrou água, está tentando encontrá-la agora, pois precisa dela para viver.

— Concordo, mas deixe-me avisá-lo. Foi no pântano que encontrei aquele alce. Não acho que sejam criaturas noturnas, mas sabe-se lá. O sol se pôs, mas ainda há uma quantidade razoável de luz. Precisamos ter cuidado. Você sabe alguma coisa sobre alces?

— Sei que o Senhor os criou.

— Não foi isso o que perguntei, Kenneth.

Ele balançou a cabeça.

— Eu diria que eles deitam para dormir em algum lugar. Como veados. Precisaremos ter cuidado. Também há ursos nessa floresta e sei com certeza que eles são noturnos. E mais um monte de outras criaturas, como gambás e porcos-espinhos. Fique com a arma à mão. Esteja preparado para atirar se precisar, mas só se precisar. Não vamos denunciar nossa posição a não ser que não tenhamos escolha. Entendido?

— Entendido.

Ao começarem a avançar, Maria Fuentes, a *stripper* que tinham estrangulado no Circus Circus em Las Vegas, saiu de entre as árvores à esquerda e andou até o centro do caminho, onde ficou parada com as mãos na cintura. Kenneth parou enquanto Ted continuou a avançar.

— Kenneth — disse ela.

— Ted. Pare. Não chegue perto dela.

— Perto de quem?

Ele apontou para Maria, que ainda usava a roupa de *stripper* com o sutiã enfeitado cobrindo apenas os mamilos. O boá de penas rosas estava enrolado em torno do pescoço, provavelmente em um esforço para esconder os hematomas que tinham surgido quando a estrangularam. Ela sorriu para ele.

— Do que está falando? — perguntou Ted.

— Não chegue perto dela.

— Você está alucinando novamente...

— Ela é real. Sempre foi. Eu lhe disse isso. Por que não consegue vê-la? É Maria Fuentes. Eu sei que pode vê-la. Está de sacanagem comigo?

— Kenneth, você anda muito estressado. Precisa respirar fundo e clarear a mente.

— Ele precisa mesmo é desistir de Cheryl Dunning — disse Maria. Ela colocou as mãos atrás da cabeça e começou a se mover de tal forma que os adereços do sutiã começaram a balançar. — Levei anos para conseguir fazer isso. As pessoas jogavam notas de vinte quando eu fazia e, acredite, acontecia com frequência. Gosta disso, querido?

— Estou feliz por termos matado você.

— Eu lhe disse mais cedo que não conseguirá pegá-la, mas não quis me escutar. Então, direi novamente. Ela é esperta demais para você. Cresceu nessa redondeza. Conhece essa floresta. Você nunca conseguirá pegá-la. É uma perda de tempo para vocês dois e serão pegos. Finalmente, serão pegos. Mal posso esperar para assistir o fim dos dois.

— Você está errada — disse ele.

— Você descobrirá por conta própria que estou certa. Seu rosto está por toda parte. A polícia o está procurando. Não demorará muito mais. E, finalmente, você pagará por tudo o que fez a nós todas.

— Eu devia ter cortado fora a sua maldita cabeça — disse ele.

— Parece que também não agiu certo nisso, Kenny.

— Eu poderia cortá-la agora.

— Receio que não. Se tentasse, suas mãos me atravessariam. Perdeu a oportunidade, garanhão.

— Kenneth — disse Ted em voz ríspida. — Não há ninguém aqui.

Você está falando com um fantasma. Recomponha-se. Não temos tempo para essa merda.

Mas Kenneth Berkowitz estava transfixado. Maria Fuentes agora movia os lábios lascivamente. — Eu consigo sentir a energia de Cheryl — disse ela. — Ela é uma pessoa forte. Tem uma vontade real de viver. Mais do que nunca, sei que você não é páreo para ela. Eu a estive observando. Ajudando-a. Todas nós fizemos isso. A maioria das garotas está com ela agora. E estão prontas para vocês dois. — Ela ergueu a mão para se corrigir. — Mentira. Estão prontas para vocês dois se conseguirem *encontrá-la*, o que eu duvido, porque ela se escondeu muito bem.

— Nós a encontraremos.

— Não vão encontrá-la.

Quando Ted agarrou o braço dele, Maria Fuentes desapareceu. Ele piscou e, depois de um momento, pareceu voltar ao normal.

— Precisamos nos mexer.

— Para onde ela foi?

— Ela nunca esteve aqui. Você estava alucinando novamente. Precisa aceitar isso.

— Não me diga o que vi, Ted. Ela estava ali.

— Ok, ela estava ali. Que seja. Está ficando escuro. Coloque os óculos noturnos e vamos logo.

— Você a ouviu. Ela disse que não temos a menor chance em encontrar Cheryl. E, mesmo se conseguirmos, as outras mulheres estão nos esperando. Elas vão protegê-la. Talvez seja melhor aceitar a derrota e partir.

— O que disse?

— Eu disse que talvez seja melhor irmos embora. Alguém virá por aquela estrada e verá a caminhonete. Ficará curioso, particularmente se estiver escuro. Pensará que estamos caçando ilegalmente. Ela vale a pena? É uma prostituta dentre muitas. Se não conseguir sair, é bem possível que ela morra por causa da exposição na floresta. Talvez não precisemos fazer nada. Talvez Ele cuide dela para nós. Na verdade, provavelmente Ele fará isso.

— Não, Ele não fará isso. É por isso que estamos aqui. É o nosso chamado. Trabalhamos para Ele. Estamos fazendo isso tudo por Ele. Não vamos desistir. Terminaremos o trabalho e depois iremos

embora.

— Eu discordo.

E Ted Carpenter, que nada mais era do que um servo de Deus, recuou a mão livre e deu um tapa forte no rosto de Kenneth Berkowitz.

Atordoado, Kenneth recuou vários passos enquanto Ted mirava a arma na testa dele.

— O que está fazendo?

— Colocando você na linha.

— Abaixe a arma.

— Nós trabalhamos para Ele. Você entende isso? Você *entendeu*? Vou dizer isso de novo e de novo, se precisar. Nós trabalhamos para Ele e, ao trabalhar para Ele, isso significa que nós fazemos o trabalho d'Ele. Cada um dos trabalhos. Não desistimos quando as coisas ficam difíceis nem entregamos as coisas nas mãos d'Ele. Agora, encontre seus colhões, Kenneth, recomponha-se, coloque os malditos óculos noturnos e me ajude a encontrar Cheryl Dunning.

Kenneth lutou desajeitadamente com os óculos e os colocou sobre os olhos.

— Consegue ver?

— Sim.

— Vê algumas das suas mulheres agora?

— Não.

— Ótimo. Já perdemos muito tempo por sua causa. Vamos embora.

Mas, ao começarem a andar, Kenneth viu a perna esticada de Maria Fuentes, que começou a rir quando passaram por ela.

CAPÍTULO 26

Quando chegaram ao pântano, estava completamente escuro. Mas, por causa dos óculos noturnos, conseguiam ver tudo em tons esverdeados brilhantes realçados pela luz da lua.

Ao longo do caminho, encontraram alguns animais: o gambá que Ted dissera que talvez encontrassem, um gato com um rato entre os dentes e uma raposa, que passou por eles correndo em uma mancha vermelha por causa do calor que o animal emanava.

Era disso que Kenneth gostava nos óculos noturnos. Como tinham tecnologia de infravermelho, podiam olhar em torno e procurar fontes de calor em longas distâncias. Isso dava a ele uma sensação de esperança. Detectar a forma de um animal era tão fácil quanto detectar a forma de um ser humano. Quando se aproximassem de Cheryl, ele achava que seriam alertados da presença dela a dezenas de metros de distância. Assim, poderiam ser furtivos e permanecer em silêncio suficiente para que, quando chegassem perto dela, ela não os escutasse até que fosse tarde demais. E, mesmo se ela os ouvisse e decidisse correr, e a chance de isso acontecer era grande, correria cegamente no escuro, diferentemente deles.

De qualquer forma, eles estavam em vantagem. Só precisavam encontrá-la.

— Mas vocês não a encontrarão — disse Maria. — Eu já disse a você. Vocês fracassarão.

Kenneth parou um momento e olhou para trás. O que viu não foi só o corpo de Maria, realçado em verde porque não tinha calor, mas de dezenas de outras mulheres paradas atrás dela. A maioria delas, Kenneth reconheceu, outras não, mas tinha certeza de que todas tinham sido mandadas para o inferno por ele e por Ted.

Ele se protegeu, colocando as mãos nos ouvidos, bloqueando aquelas terríveis vozes zombeteiras. Não podia deixar que o atingissem, não importava o quanto se aproximassem. Ele se virou novamente para Ted, que estava vários passos à frente, abrindo

caminho pela floresta, e apressou-se para alcançá-lo.
Ted era mais velho. Ele estava no controle da situação e Kenneth precisava honrar aquilo. Fora assim que Ele planejara. Ted dissera que ele estava tendo alucinações, mas Kenneth não concordava. As mortas estavam com eles. Sempre estariam com eles porque eram responsáveis pela morte delas. Por algum motivo, Ted não as enxergava, mas Kenneth conseguia vê-las,

porque sou O Escolhido,

o que era bom, pois elas conspiravam contra eles. Disseram que já tinham encontrado Cheryl Dunning e estavam lá para protegê-la. Ele não sabia o que isso queria dizer. Mas sabia que precisava agir como se elas não estivessem lá. Sabia que tinha que continuar. Sabia que podia interromper o que estava acontecendo, ou acabaria enfurecendo Ted. Portanto, ele as ignorou, apesar de estarem às gargalhadas atrás dele.

— Você vai perder, Kenneth.

— Vocês dois vão.

— Podem ter nos matado, mas estamos prestes a acabar com vocês.

— Você me estuprou e depois enfiou um machado na minha cabeça. Fez isso sozinho. Você armou uma cilada para mim. Acha que vou perdoá-lo por isso? Vou assombrar você para sempre, Kenneth. E vou garantir que você morra ou vá para a cadeira elétrica pelo que fez com todas nós. Acha que encontrará Cheryl Dunning? Pois está errado. Não vai encontrá-la. Já temos um plano para tirá-la daqui viva.

Mas, à frente deles, à distância, apareceu uma mancha laranja horizontal, como se alguém ou alguma coisa estivesse deitado de lado. Ele estendeu a mão e tocou no braço de Ted.

— Vê aquilo? — sussurrou ele.

Ted assentiu.

— Não é um animal.

— Não parece ser.

— É ela.

— Não, não é — sibilou Maria. — Você está errado. É alguma outra coisa.

— Diga a ele o que é!

— Diga ao imbecil!

— É uma serpente — disse Maria. — É o demônio. Bem ali. Enrolado e esperando para dar o bote quando você chegar perto. É o fim de vocês dois. É a sua morte. Vá em frente e dê as boas-vindas à morte. Depois, poderá ir para onde não estamos, o inferno. Você apodrecerá lá.

— Ele *queimará* lá.

Mas Kenneth sabia que o inferno seria o último lugar para onde iria. Confiante, ele retirou o celular do bolso.

— O que está fazendo? — perguntou Ted.

— Mandando uma mensagem para ela — disse ele. — Vejamos se ela se move. Apronte a arma. Porque, se ela se mexer quando eu apertar o botão, saberemos que é ela. E, se for, precisaremos agir depressa.

CAPÍTULO 27

"Aí está você, Cheryl", dizia a mensagem de texto. "E agora, o que vai fazer?"

No momento em que leu a mensagem, Cheryl desligou o celular e mergulhou novamente na escuridão. Não podia permitir que a luz do celular chamasse atenção. Ela o colocou de volta no bolso e escutou. Segurou com força o bastão pontiagudo e esperou. Apesar de haver uma brisa leve, não ouviu qualquer movimento, o que a enervou. Ele estava esperando que ela se mexesse?

Pense.

Como ele podia ver no escuro? Para quem era daquelas redondezas, era bem sabido que caçadores ilegais usavam óculos de visão noturna. Isso aparecia nos jornais o tempo inteiro. Ele os estava usando? devia estar usando algo parecido. O que significava que, se ela corresse, ele a veria tentando atravessar a floresta coberta pela escuridão da noite.

Alvo fácil.

Ela estava começando a entrar em pânico, o que o pai e o avô diriam que era a pior coisa que poderia acontecer. Precisava manter o controle. Precisava pensar em uma estratégia. Precisava pensar como ele, se é que isso era possível. Ela não era burra, mas não havia dúvidas de que estava do lado mais fraco da corda.

Quais eram suas opções?

Até onde podia ver, se o que ouvia lá fora fosse ele, só tinha uma opção. Mas não tinha planejado usá-la tão cedo. Queria esperar até que tempo suficiente passasse para que fosse formalmente declarada como desaparecida antes de fazer aquilo. Achava que demoraria uns dois dias. Queria que o departamento do delegado e a polícia estadual a estivessem procurando antes de fazer uma coisa tão extrema. Queria bastante atividade nas ruas primeiro, para que pudessem ver quando acontecesse. Achava que aquele momento ainda era cedo demais.

Mas que escolha eu tenho? Não tenho nada. Nada além disso, se *conseguir fazer com que aconteça*.

Do lado de fora, houve movimento novamente e, dessa vez, ela teve certeza de que eram passos. Apesar de ainda estarem afastados, soavam diferente.

Eram dois conjuntos de passos.

Ela escutou com cuidado o farfalhar suave das folhas e das agulhas dos pinheiros sendo pisoteadas e sentiu um arrepio quando uma rajada de vento entrou no abrigo. Cheryl colocou os braços em torno do corpo para se esquentar e foi atingida pelo vento novamente.

Por favor, não deixe que chova, pensou ela.

Ela olhou por um dos buracos no abrigo, viu o luar e se sentiu aliviada, mesmo que fosse por apenas um momento.

Precisava fazer alguma coisa.

Os passos estavam ficando mais próximos.

Eles a matariam se a encontrassem lá.

Não havia escolha.

Rapidamente, ela começou a agir.

CAPÍTULO 28

— Você viu aquilo? — sussurrou Kenneth. — Ela se mexeu. Eu enviei a mensagem de texto e ela se mexeu.

— Eu vi. A que distância estamos dela?

— Uns cem metros? Talvez mais? É difícil dizer com os óculos noturnos.

— Avance comigo. Mantenha a arma pronta. Fique o mais quieto possível. Ela nos ouvirá em algum momento e provavelmente correrá. Mas não irá longe. Provavelmente baterá em uma árvore ou alguma outra coisa porque não conseguirá enxergar. Então, não se preocupe se ela correr. Ok?

— Eu quero que ela bata em uma árvore, Ted.

— Por quê?

— Você sabe o porquê.

— Não temos tempo para que você a estupre, Kenneth. Mantenha-se abaixado e concentrado. Preciso que se concentre.

— Não consigo me concentrar. Estou começando a me sentir diferente.

— Você está agindo diferente, isso é certo.

— Eu queria comer aqueles homens lá atrás, Ted. Não estava brincando. Eu nunca me senti daquele jeito antes.

— Preciso que fique em silêncio.

— Mas estou preocupado. O que isso quer dizer? Por que eu queria comê-los? Uma parte de mim sente que, se eu os comer, depois que passarem pelo meu corpo, eles serão purificados do pecado. Se você não estivesse lá, eu teria comido o gordão. Teria começado pela cara dele.

Ted se virou para ele. Colocou as mãos nos ombros de Kenneth e o segurou por um momento antes de abraçá-lo. — Você passou por muito estresse.

— Não acho que seja isso.

— *É* isso.

— Minha cabeça dói.
— Então é o estresse.
— Acho que estou me transformando.
— Em quê?
— Sinto como se estivesse sendo erguido para um plano superior.
— Por quem?
— Por Deus.
— Kenneth, você já está em um plano superior.
— Não. Não desse jeito. Você não consegue ver aquelas mulheres. Eu consigo. Explique isso.
— Não posso. Nunca consegui explicar essas coisas. Acho que são alucinações.
— *Não* são alucinações.
— Você as vê agora?
— Não. Mas verei. Elas aparecerão novamente. E elas escarnecerão de mim mais uma vez. Elas me ridicularizarão. Tentarão me afastar, mas não vou permitir. Eu fui escolhido. — O corpo dele relaxou contra o de Ted. — Para o que, eu não sei, mas houve uma mudança. Fisicamente, sinto-me fraco. Não sou assim. Você sabe como sou forte. Mas meu corpo se sente drenado em um nível e eufórico em outro.
— Você não comeu nada hoje.
— Não é isso.
— Eu acho que é isso. Acho que é o motivo pelo qual queria comer aqueles homens.
— Eu discordo.
Ted se afastou do abraço e, no rosto dele, Kenneth viu irritação.
— Qual é o problema?
— Se você foi levado a um plano superior, por que eu não fui? Eu sou mais velho do que você. Por que seria deixado para trás?
— Talvez não tenha sido.
— Eu acho que fui.
— Eu não acho.
— Como sabe disso?
— Porque somos uma equipe.
— Então por que não me sinto diferente?
— Talvez ainda se sinta.

— Que seja — disse Ted. — Não importa. Aparentemente, como disse, você é O Escolhido. Grande coisa. Temos um trabalho a fazer. Essa é uma conversa para outra hora e, certamente, para outro lugar, não aqui onde ela provavelmente acabou de ouvir a maior parte. Concentre-se, ok? Só preciso que se concentre para que possamos terminar isso e sair daqui. Se não fizermos isso, seremos pegos, Kenneth. Você me ouviu? Se não sairmos do estado em breve, eles nos encontrarão e nos levarão à justiça deles.

— Não vou desapontar você.

— Você já fez isso. Não faça de novo.

Eles começaram a avançar novamente. A terra era macia e afundava sob os pés. O ar estava frio e cheirava à morte do verão, aromas que não eram desagradáveis, apesar do estado de decomposição.

A bolha laranja à frente deles agora estava em ângulo reto. Ela estava sentada. Será que os ouvia? Conseguia escutá-los? Depois daquela conversa, provavelmente sim. Ela também sabia que tinha sido encontrada, ele dissera isso na mensagem de texto.

Então, o que estava pensando naquele momento? Estava fazendo o que deveria fazer? Estava se arrependendo dos pecados? Kenneth duvidava. Depois da forma como a viram se comportar naquele bar, bebendo, rindo, dançando como uma puta e fumando do lado de fora quando eles saíram do bar, ele duvidava que ela soubesse o que era pecado. Mas saberia naquele momento. O Senhor mostraria a ela seus pecados e a enviaria para o inferno, onde assaria juntamente com todos os outros que falharam perante Ele.

A brisa bateu novamente nas costas dele e fez com que os galhos farfalhassem. Ele olhou para cima e viu um céu estrelado, a lua à direita, mas nenhuma nuvem, nenhuma tempestade iminente. A brisa soprou de leve e, apesar de estar um pouco frio, ele ficou grato. O som ajudaria a abafar o barulho dos passos.

— Ela está fazendo alguma coisa — disse Ted baixinho.

— Ela está se mexendo.

— Parece que ela fez algum tipo de abrigo.

— Como ela fez aquilo?

— Ela é uma garota do Maine — respondeu Ted. — Aprendeu durante a vida. Não é a primeira vez que vem à floresta.

— Talvez, mas será a última vez — disse Kenneth Berkowitz. — Vamos pegá-la. Puxá-la para fora. E deixe que eu me divirta um pouco, ok? Quero pegá-la primeiro.

CAPÍTULO 29

O chão da floresta no abrigo podia estar úmido, mas Cheryl Dunning sabia que não devia construir um abrigo com madeira úmida.

Ela o construíra com galhos secos, gravetos caídos no chão, próximos aos troncos das árvores. Eles eram sempre os mais secos. As agulhas dos pinheiros sobre as quais estava sentada tinham seixa e óleo. Estavam cheias de óleo e queimariam facilmente, independentemente de estarem úmidas ou secas. Portanto, era uma sorte grande estar sentada sobre dezenas de milhares delas.

Durante todas aquelas viagens para caçar nas quais acompanhara o pai e o avô, ela fora obstinada em conhecer a vida na floresta. Mesmo quando muito nova, ela sentia o desapontamento do pai porque a esposa lhe dera três filhas, e nem um filho. Ele nunca dissera isso a ela, o pai a amava profundamente. Mas era algo que ela sentira. Não devia ter sido fácil para ele viver em uma casa cheia de mulheres, incluindo a própria mãe, que se mudara quando o marido morrera de câncer no pâncreas.

Portanto, ela decidira ser aquele filho.

Ela caçara, participara de esportes na escola e aprendera a pescar, um passatempo que adorava, especialmente quando a família ia acampar no lago Moosehead. Assistira aos jogos dos Red Sox com o pai durante a temporada e aos jogos dos Pats quando a temporada deles iniciara. A mãe não deixava que ela praguejasse em frente à televisão como ele. Mas, quando ela não estava por perto, o pai quase a encorajava a fazê-lo. Algumas vezes, eles gritavam com a tela em frustração ou alegria, e uma vez ele dissera que eles seria uma excelente dupla de marujos.

Quando o corpo começara a mudar e o interesse dela se voltara cada vez mais para os garotos, o tempo que passava com o pai tivera um declínio lento, mas inevitável, à medida que avançava pela adolescência e, finalmente, para a idade adulta. Até aquele dia,

ainda eram muito próximos, mas ela percebia, talvez mais do que nunca, como aqueles dias com ele tinham sido essenciais. Ele ensinara a ela o que o pai dele lhe ensinara.

E isso talvez salve a minha vida.

Ela trabalhou rapidamente. Se pretendia queimar o filho da puta, precisava criar uma fogueira que queimasse muito e muito alta. Se tivesse sorte, a floresta em torno dela se incendiaria de tal forma que as pessoas notariam — se houvesse alguém por perto para notar — quando os pinheiros altos pegassem fogo e começassem a rugir ao serem envolvidos pelas chamas. Ela não sabia para onde ele a levara. Mas, se conseguisse incendiar a floresta, havia uma boa chance de que alguém visse. Nesse caso, o corpo de bombeiros seria chamado e talvez ela conseguisse sair viva dali.

Isso se ele não atirar em mim quando eu acender o fogo.

Ela não podia pensar daquela forma. Em vez disso, começou a se mover dentro do abrigo. Pegou um punhado de folhas secas e as colocou em uma pilha. Em seguida, arrancou gravetos do próprio abrigo e criou uma camada densa de isolamento sobre as folhas, separando os gravetos do chão úmido da floresta. Sobre os gravetos, ela colocou agulhas de pinheiro e mais folhas. Em seguida, reuniu um monte de outros galhos. O tempo todo, a cada graveto que arrancava, ficava preocupada de que ele a ouvisse. Saberia o que ela estava fazendo? Provavelmente não. E isso importava? Provavelmente não. O objetivo dele era matá-la. Ponto. E ele estava vindo na direção dela.

Não posso deixar que ele vença.

Levaria algum tempo para que o fogo pegasse, crescesse e tomasse o abrigo, que o alimentaria e se transformaria em um tipo de pira. Mas o tempo que levaria para que isso acontecesse era outra desvantagem para ela.

Não se a brisa permanecer estável.

A brisa, que se transformava cada vez mais em rajadas súbitas de vento frio, era a melhor amiga que tinha naquele momento. A brisa e o isqueiro. O que precisava para fazer com que o abrigo incendiasse depressa era oxigênio e o universo cooperava com ela como não o fizera desde que fora deixada sozinha no The Grind na noite anterior.

"*Uma pessoa passa por fases de azar e fases de sorte*", a avó costumava dizer. Morando na fazenda, a avó nunca tivera uma vida fácil. Mas, como a avó, ela sabia que poderia ter sido pior. Naquela época, viver da terra era o que tinham e, apesar de a terra frequentemente dar frutos por ser fértil, algumas vezes isso não acontecia, seja por causa do clima ruim ou porque uma praga arruinara a colheita.

"*Uma pessoa passa por fases de azar e fases de sorte*".

Ela tinha quase certeza de que estava beirando o desespero naquele momento. Mas, pelo menos, tinha um plano, o que era melhor do que não ter nada.

Quando terminou, ela parou e escutou, esperando o pior. E foi o que aconteceu. Um farfalhar de folhas. O som de passos. Ele não estava sozinho, ela tinha certeza disso. Havia alguém com ele.

Outro psicopata.

Naquele momento, Cheryl quis chorar, pois sabia que, estando tão próximos dela, não tinha a menor chance. Antes que o alce a atacasse, ela o vira. E também vira a arma dele. Naturalmente, o parceiro dele também teria uma arma.

Vou morrer.

Não, não vou.

Você está em uma fase de azar.

Não estou. Ainda tenho uma chance.

Mas os pensamentos não tinham convicção, somente um raio de desespero.

Ela ateou fogo à base das folhas e soprou-as no momento em que uma brisa soprou ar para dentro do abrigo. Ela recuou surpresa quando o fogo, forte e brilhante, acendeu subitamente. Rapidamente, ele cresceu e crepitou em direção ao teto baixo do abrigo, onde lambeu os galhos e os gravetos. Ao decidir que gostava deles, o fogo os devorou com um fervor que a deixou espantada.

CAPÍTULO 30

Ela precisava sair. O fogo estava se espalhando mais depressa do que pensara. Mas o vento entrava pelas frestas no abrigo, não entrava? E o fogo estava sendo alimentado por ele, não estava? Ela precisava sair, e depressa, antes que sucumbisse à fumaça e, depois, às próprias chamas.

Ele está logo ali fora. Viu o fogo. Vai atirar em mim.

Ela não tinha escolha, a não ser sair.

Colocando os braços em volta do corpo e com o coração batendo com força, parecendo que queria sair de dentro do peito e partir mais depressa do que ela, Cheryl disparou para fora do abrigo, correndo abaixada pela floresta, com o fogo atrás de si, esperando a chuva de balas que tinha certeza de que a derrubaria.

Elas não vieram.

No redemoinho ondulante da luz do fogo, que lançava um mosaico de sombras contra as muralhas de árvores ao redor dela, Cheryl viu um pinheiro largo e alto logo à direita e correu para ele.

Ela se encostou contra o tronco e ficou observando o abrigo queimar. Viu as árvores que o rodeavam pegarem fogo e, graças ao vento, outras árvores começando a queimar, especialmente as mortas que incendiaram rapidamente.

A floresta estava queimando.

Ela sentia o calor do fogo e, rapidamente, apesar do perigo que corria, pensou em como aquele calor era gostoso, sentindo-o inundar o corpo e aquecer os ossos. Ela precisava desesperadamente de água, mas, naquele momento, depois de passar frio por tanto tempo, aproveitou o fogo e o calor. Espiando pelo lado do pinheiro, ela procurou algum sinal do homem.

Foi nesse momento que ela ouviu um rugido à direita.

Depois, o resfolegar.

Ela se virou ligeiramente e seus olhos se encontraram com os olhos de um urso preto a cerca de dez metros de distância.

Permanecendo completamente imóvel, abaixou os olhos para não desafiar o animal.

Mas foi tarde demais. Ele fechou as mandíbulas e bateu no chão com uma das patas, dois sinais de que se sentia ameaçado, não só por causa do fogo, mas também por causa dela.

Lentamente, ela deslizou em torno da árvore para ficar fora do campo de visão dele. Ela confundira o urso com o louco e com o que supôs ser outra pessoa.

Quatro patas soam como dois pares de passos.

De alguma forma, ela precisava fugir dele enquanto a floresta, sendo destruída pelas chamas alimentadas pelo vento que se erguiam para o céu, deixava bem claro para o homem onde ela estava.

O que eu fiz? pensou ela. *Para que lado tenho que ir?*

Antes que pudesse decidir, ouviu o som inconfundível do urso correndo em sua direção.

CAPÍTULO 31

Quanto mais perto Kenneth Berkowitz chegava do abrigo de Cheryl Dunning, mais facilmente conseguia vê-lo e mais se perguntava como ela encontrara tempo para construí-lo.

O abrigo tinha pelo menos um metro e meio de altura, construído em sua maior parte com troncos pesados e galhos grossos, e parecia resistente o suficiente para aguentar o clima por pelo menos alguns anos.

Ele chegou à conclusão de que não era possível que ela o tivesse construído sozinha. Em vez disso, achou que ela tivera sorte, que encontrara um abrigo de caça abandonado e resolvera usá-lo durante a noite, esperando que não a encontrassem.

Adiante dele, estava Ted, a cerca de seis metros da estrutura, a Glock à frente do corpo. Kenneth estava a uns doze metros de distância com a própria arma preparada. Quanto mais se aproximava do abrigo, mais preocupado ficava. Conseguia ver a bolha laranja lá dentro, que não se movia mais. Em vez disso, parecia estar em uma posição inclinada. De repente, ele percebeu que estavam apenas supondo que era o abrigo de Dunning. Por quê? Porque estavam desesperados para encontrá-la? Provavelmente. Mas estavam na estação de caça. Tinham matado um caçador mais cedo, mandando-o para o inferno. E se aquele não fosse o abrigo de Dunning? E se ela não estivesse dentro dele?

E se mais alguém estivesse lá dentro?

— Ted — sussurrou ele.

Ted se virou.

Kenneth colocou o dedo sobre os lábios e acenou para que ele recuasse. Mas Ted pareceu irritado com a sugestão e o ignorou. Kenneth balançou a cabeça com força e apontou para os pés, indicando que Ted deveria recuar e ficar ao lado dele.

Relutantemente, Ted voltou alguns passos.

— O que foi?

— Vamos voltar. Aqui, atrás dessas árvores. Em silêncio.
Eles andaram o mais silenciosamente possível para longe do abrigo. Quando acharam que estavam a uma distância em que os sussurros não seriam ouvidos, Ted perguntou: — Qual é o problema?
— Dunning não tinha nada com o que construir aquele abrigo. É sofisticado demais. Ela não tinha tempo para construir algo parecido com aquilo.
— Obviamente. Ela só está usando o abrigo.
— Como podemos ter certeza de que é ela que o está usando?
Ted o encarou.
— Não sabemos — disse Kenneth. — Pode ser qualquer um lá dentro. Estamos nos precipitando. Não estamos pensando. Quando vimos o abrigo pela primeira vez, não podíamos ver como ele era de perto. Agora podemos. Agora sabemos que ela não o construiu. Precisamos considerar o fato de que talvez ela não esteja lá dentro. Pode ser outra pessoa.
— Quem?
— Você matou quatro caçadores hoje, Ted. É temporada de caça. Pode ser um caçador lá dentro. Escutando. Pensando que o que há aqui fora são dois veados. Ou aquele alce de quem você fugiu mais cedo. Olhe lá. A pessoa ali dentro estava sentada há um minuto. Agora, está deitada. De bruços? Com um rifle? O problema é que não sabemos quem está lá nem o que está fazendo. Tenho um pressentimento ruim sobre isso tudo.
Um olhar de preocupação cruzou o rosto de Ted. — Precisamos encontrá-la — disse ele. — Não podemos deixar que saia daqui viva. Você sabe disso. Se não é ela que está lá dentro, nossas chances diminuem ainda mais.
— Você não sabe.
— Errado. Eu sei, especialmente porque eles têm um retrato falado do seu rosto, que está sendo mostrado na televisão e estará nos jornais de amanhã. Nesse momento, sabemos que a polícia está procurando você.
— Deus nos protegerá.
— Deus pode nos estar enviando uma mensagem.
— Que mensagem?
— Para sairmos enquanto ainda há tempo.

— Você está falando sério? Deus nos *levou* até ela. Ele não comete erros. Ele nos ajudará a encontrá-la. Você *perdeu* a fé?

Aquilo foi uma afronta. — É claro que não.

— Você questionou a minha fé mais cedo, então pare de agir como se *você* tivesse perdido a sua. Pode ser Cheryl dentro daquele abrigo ou pode ser outra pessoa. Talvez um caçador com um rifle. Eu fiz com que você recuasse porque precisamos estar prontos para qualquer situação. Não podemos simplesmente supor que é ela.

— Ok, entendi.

— Seja lá quem for, está se movendo novamente.

Ted se virou. A bolha laranja estava na vertical novamente, como se estivesse sentada. Escutando. — Posso matar daqui a pessoa que está lá dentro — disse ele. Ele ergueu a Glock e apertou gentilmente o gatilho. O feixe de *laser* que saiu da arma surgiu bem no coração da fonte de calor que viam pelos óculos noturnos. — O que quer que eu faça, Kenneth?

— Tem certeza de que é um tiro certeiro?

— Tenho.

— Se não for ela, não ouvirá o tiro, a não ser que esteja perto daqui. Sua arma tem um silenciador. Mas você precisa ter certeza de que consegue. Se aquela pessoa for um caçador, ele atirará de volta.

— Então se esconda atrás de uma árvore, já que está tão preocupado.

— Eu não disse que estou preocupado. Estou só dando um conselho.

Ted começou a avançar abaixado e com passos lentos, segurando a arma à frente do corpo com as duas mãos. O *laser* era uma linha vermelha que cobria a distância entre ele e a estrutura. O risco óbvio? Qualquer um poderia ver o feixe sem óculos noturnos. — Está na mira — disse ele.

Quando estava novamente a seis metros de distância, a bolha laranja pareceu se levantar.

Kenneth se sobressaltou. Naquele momento, a forma ficou definida mais claramente. Os ombros largos e a cintura grossa sugeriam que não era uma mulher, mas um homem. Um caçador. Provavelmente passando a noite no abrigo para começar a caçar cedo na manhã seguinte.

Ted ficou imóvel.
Um assovio suave soou no abrigo. Era a forma do homem se comunicar com eles? Deveria assoviar de volta? Era isso que os caçadores faziam? Kenneth sabia que precisavam ganhar tempo e talvez fosse isso que precisasse fazer. Ele ouviu uma voz interna e achou que a melhor maneira de aliviar a tensão seria assoviar de volta.
E foi o que ele fez.
— Pode desligar esse *laser* — disse uma voz profunda dentro do abrigo. — Não há nada acontecendo aqui. Só mais um caçador esperando a manhã chegar, mais nada. — Passou-se um momento de silêncio. O braço esquerdo do homem pareceu desaparecer atrás do corpo. — Vocês dois não estão roubando, estão? Porque isso é contra a lei. Da mesma forma como apontar um *laser* para alguém que já se identificou. Portanto, pedirei novamente. Desligue o *laser*.
Mas Ted não o desligou. Ele parecia não saber ao certo como lidar com a situação.
— Abaixe a arma, Mike — disse Kenneth em voz alta para Ted. — Não entre em pânico. É só mais um caçador...
Ted disparou.
Na luz verde fantasmagórica dos óculos noturnos, Kenneth viu lascas de madeira voando como fogos de artifício e sumindo na escuridão. Mas o homem lá dentro não caiu, pois não foi atingido.
Ted atirou novamente e o homem pareceu cair de joelhos, girando os braços em torno do corpo. O abrigo era grosso demais para que a Glock o penetrasse. Era feito de troncos grossos que podiam absorver o impacto de uma bala, e foi isso o que aconteceu.
O homem moveu o corpo na direção de Ted.
— Ele tem um rifle — disse Kenneth. — Abaixe-se!
Ted se jogou em busca de cobertura no momento em que o lado do abrigo explodiu, expondo um buraco irregular pelo qual Kenneth conseguiu ver o homem. Ele tinha cinquenta e poucos anos, também usava óculos noturnos e tinha aberto o buraco com o rifle que segurava à frente do corpo.
Ele mirou em Ted, que tentava se levantar para correr, e disparou uma única vez. A cabeça de Ted explodiu. O rosto afundou e o crânio se abriu na parte de trás. Sem acreditar, Kenneth observou o

parceiro de longa data soltar a arma e cair com força no chão, o rosto destruído exposto ao céu e ao mapa de estrelas que brilhava sobre ele. Ted estava morto. Morto.

Morto. Ele não pode estar morto.

Nas árvores que envolviam o abrigo, as mulheres apareceram novamente e começaram a avançar em direção a Kenneth. Algumas riam dele. Outras balançavam a língua para fora da boca em escárnio. Maria Fuentes liderava o grupo à frente de tal forma que sugeria que os pés não tocavam o chão da floresta. Como uma névoa, elas flutuaram à frente enquanto Fuentes, no que sobrara da roupa de *stripper*, virou-se para olhar para ele.

— Está tudo dando errado para você, Kenneth — disse ela. As plumas cor-de-rosa estavam amarradas em torno da cintura. O sutiã enfeitado fora removido e os seios empinados, cheios de silicone, estavam expostos. — Agora, seu amigo está no inferno, onde é o lugar dele. Você será o próximo. Essa é a ordem natural das coisas. Eu disse a você que isso aconteceria. Eu disse a você que não podia nos matar e ficar impune.

Kenneth olhou para o caçador, que se virava para a esquerda e para a direita, tentando achá-lo. — Vocês não são os únicos caçadores ilegais por aqui, idiotas — gritou o homem. — Vamos, apareça. Vamos, queridinho. Sei que está aí fora. Mostre o que tem.

Ted está morto. Ted está morto. Ted está morto.

— Mate-as! — gritou Kenneth. — Mate as mulheres! Elas estão todas à sua volta! Não consegue vê-las? Não é a mim que você quer. Mate-as!

O caçador virou o rifle na direção de Kenneth.

Trêmulo, Kenneth ergueu a arma e atirou primeiro. Foi um tiro às cegas. Um tiro desperdiçado. Mas o homem não sabia disso. O som de uma arma sendo disparada podia deixar um homem atordoado por um momento. E aquele homem não tinha o Senhor ao lado dele.

E Ted também não tinha.

Em vez disso, ele recuou, parou, endireitou o corpo e rapidamente mirou. Antes que pudesse atirar, Kenneth correu em direção ao abrigo em fúria

(Ted está morto. Ted está morto. Ted está morto)

e disparou em rápida sucessão até que a arma ficou em silêncio.

O pente estava vazio. Ele olhou confuso para a arma. Em seguida, colocou a mão no bolso procurando outro pente. À volta dele, havia um coro cáustico de risadas cruéis.

Ele se forçou a ignorá-las. Não tinha certeza se o caçador estava morto ou vivo, ou se estava sangrando e, portanto, em algum ponto entre morto e vivo. Sentindo-se exposto, Kenneth se jogou no chão. Mas, quando o fez, o queixo bateu na terra e a força fez com que os óculos saltassem da cabeça.

Estava completamente escuro.

Ted está morto. Ted está morto. Ted está morto.

Ele ouviu movimento no abrigo.

Ted está morto. Ted está morto. Ted está morto.

Ele ouviu pés batendo contra a madeira.

Ted está morto. Ted está morto. Ted está morto.

Kenneth tateou em torno procurando os óculos e os encontrou. Mas, antes que pudesse colocá-los de volta no rosto, à distância, logo à direita dele, um brilho súbito de luz laranja encheu o céu de tal forma que Kenneth Berkowitz teve certeza de que Satã em pessoa chegara à floresta.

CAPÍTULO 32

O urso saltou à frente. Cheryl pressionou as costas contra a árvore em um esforço de se esconder e estava preparada para se virar e correr. Mas o urso passou correndo por ela.

Incrédula, ela o viu se afastar das chamas e correr pela floresta em um esforço para escapar da morte que, se não corresse, seria obrigado a enfrentar.

Ela ficou parada, respirando pesadamente, com a fumaça queimando os pulmões. O incêndio que começara estava queimando furiosamente, rasgando o ar em direção ao céu, encontrando oxigênio na parte mais alta e aumentando ainda mais por causa dele.

As chamas se espalhavam em torno da base das árvores, incendiando-as mais depressa do que ela esperara. O calor, que antes estava agradável porque ela estava com frio, estava quase forte demais para aguentar. Ela o sentia contra a pele, esticando-a quase a ponto de achar que o corpo não caberia mais dentro dela. Precisava encontrar uma saída imediatamente ou estaria em sérios apuros.

Mas qual era a melhor direção? Deveria correr para a esquerda? Para a direita? Que lado a levaria para a liberdade? E, se não a levasse para a liberdade, que lado pelo menos a levaria para longe do fogo e do homem que a caçava? Eram respostas que ela não tinha.

Ou será que tinha?

O urso tomara aquela direção por um motivo. Ele conhecia a floresta melhor do que ela. Será que sabia como sair dela? É claro que sim. Ele correra naquela direção para se salvar. A natureza e o instinto tinham assumido o controle. Eles mandaram o urso para aquela direção específica por um motivo.

Subitamente, a voz do pai surgiu na mente dela: *Respeite o veado*, dissera ele uma vez durante uma caçada. *Essa é a casa deles e eles a conhecem melhor do que você. Se a ouvirem, correrão por*

entre as árvores tão depressa que você nunca mais os verá. Nem os amigos deles. Esse é o habitat deles, não o seu. Eles sabem onde se esconder e como sair daqui. Se quiser ter sucesso como caçadora, ficar em silêncio e ser paciente não são suficientes. Você precisa entender que essa floresta pertence a eles e que eles a conhecem melhor.

À esquerda, ela ouviu um movimento que não tinha nada a ver com o som crescente do vento quente, o fogo nem as árvores que ele destruíra. Alguma coisa se arrastava por entre as árvores. Ela ergueu a mão para proteger os olhos do brilho do fogo e viu duas raposas correrem para a clareira, levantarem os olhos preocupadas com as chamas e avançarem para a mesma direção que o urso tomara.

Apesar de não poder vê-los, ela sabia que por toda parte outros animais corriam para a mesma direção. Estavam fugindo do fogo e escolhiam a mesma saída. Se pudessem escolher, não entrariam mais fundo na floresta. Em vez disso, sairiam dela e procurariam abrigo em outro lugar.

Ela estava ficando sem tempo. Fagulhas caíam do topo das árvores e incendiavam as folhas secas no chão da floresta. Se não saísse dali rapidamente, não teria mais para onde fugir.

Cheryl olhou em torno e pegou um galho pesado para proteger-se contra o homem, caso o encontrasse ou algum outro animal que, no pânico para escapar, resolvesse desafiá-la.

A mente trabalhava depressa.

Em algum lugar por ali, tinha que haver uma parte sem floresta. Quem a trouxera até lá, usara um carro — certamente não a carregara. Tinha que haver uma estrada ou um caminho em algum lugar, que levaria a um campo aberto do outro lado da floresta ou a outra parte da floresta. Talvez os animais estivessem sendo atraídos para a segunda opção, o que seria uma bênção. Mas talvez eles soubessem onde havia uma grande fonte de água na qual poderiam se esconder e esperar que o fogo acabasse.

Mas aquilo só a manteria naquele lugar por mais tempo.

Não importava para onde iam, Cheryl tinha que segui-los. Ela se afastou da proteção que a árvore oferecia, sentiu o impacto da fúria do fogo envolvendo-a e, em seguida, ergueu a camiseta sobre o nariz e a boca para que pudesse respirar.

Ela correu, mantendo-se o mais à esquerda do fogo que conseguia. Atrás dela, na clareira que logo o fogo tomaria por completo, houve um estalido alto e o chão tremeu. Ela sabia o que era sem precisar olhar. Um galho grosso enfraquecido pelo fogo caíra. E mais cairiam.

A floresta inteira cairá. Por minha culpa. O que eu fiz?

Apesar da dor que sentia pelo que ele lhe fizera mais cedo e apesar da fraqueza que sentia por não ter comido nada nem tomado água por tanto tempo, Cheryl Dunning fez o que o pai teria feito. Procurou bem no fundo da alma, encontrou a força de que precisava para sobreviver e correu mais depressa, torcendo para que alguém visse o fogo em breve, que o informasse e talvez, apenas talvez, ela ouviria os sons das sirenes e poderia ir em direção a elas para encontrar um lugar seguro.

CAPÍTULO 33

— Há um incêndio — disse Patty Jennings. — Em Monson. Olhe.

Ao lado de Barbara Coleman, que pediu a ela que passasse a noite lá, com ela e James, pois ficariam extremamente preocupados se não o fizesse, Patty estava sentada com roupas limpas em um sofá largo e olhou para a televisão à sua frente.

Elas estavam na sala de estar. Estava passando o noticiário das seis horas da tarde. No centro da tela, havia uma vista aérea da parte de Monson que queimava.

— Não vejo qualquer sinal do corpo de bombeiros — disse Barbara.

— Fora da cidade, o corpo de bombeiros é estritamente composto de voluntários. Poderá levar algum tempo.

— Um incêndio daquele tamanho deveria atrair a ajuda de algumas cidades.

— Isso provavelmente acontecerá. Mas é uma área tão rural que até mesmo as cidades em volta com corpos de bombeiro dependem de voluntários. Bangor e Brewer precisam ir para lá antes que ele saia do controle.

— Detesto incêndios — disse Barbara. — Especialmente incêndios em florestas. Sempre fico preocupada com os animais.

— Eu também.

— Há somente uma brisa aqui em Bangor. Mas lá, parece que há rajadas de vento, o que só tornará o incêndio pior. E está escuro agora, o que dificultará o combate ao fogo quando o corpo de bombeiros chegar. — Ela balançou a cabeça. — Que pena. Monson é uma cidade fantasma. Como um incêndio como esse começou?

Patty deu de ombros. — A única coisa em que consigo pensar é que é temporada de caça. Alguém deu um tiro que criou uma fagulha ou estavam fumando e não apagaram o cigarro direito.

— Nem me fale em temporada de caça — disse Barbara. — Eu não tenho problemas com caçar veados ou alces ou seja lá o que for se a

família precisa de carne para o inverno. Isso faz sentido para mim. Da mesma forma que reduzir os rebanhos, que é outro serviço que os caçadores prestam. Mas caçar por esporte, só para colocar uma cabeça morta na parede? Isso me repugna. Quem quer uma cabeça com olhos de vidro pendurada na parede? Ou um peixe enorme empalhado? Eu simplesmente não entendo.

Patty sorriu, mas não respondeu. O âncora passou para outra história e ela ficou sentada, absorta ao se lembrar do dia. A visita à sala de emergência. O olhar de julgamento que vira no rosto de uma das enfermeiras de plantão ao coletarem material de sua vagina. A ida ao centro com James para contar sua história e continuar a conversa com um dos amigos policiais dele. A humilhação ao ter que contar a um policial de expressão indiferente que deixara a amiga para trás e fora para casa com um estranho que, no fim das contas, a estuprara e, depois, publicara fotos dela em um *website*, que ela também mostrou a ele.

Pelo menos, o rosto dele agora está exposto, pensou ela. *Pelo menos fizeram o retrato falado direito.*

Mais cedo, quando ligara a televisão no noticiário, o rosto dele e o ato que "presumidamente" cometera fora a história principal. Pessoas que estavam no The Grind na noite anterior foram solicitadas a telefonar para o departamento de polícia de Bangor se tivessem pistas sobre quem era o homem, o carro que dirigia e se saíra com alguém.

Até aquele momento, o nome dela fora deixado de fora. Mas, em algum ponto, ele seria divulgado e as pessoas saberiam o que ela fizera. Diriam que merecera o que acontecera, diriam que fora uma péssima amiga para Cheryl Dunning. O fogo que ficara adormecido durante anos sobre a vida pessoal dela, que fora despedaçada e arruinada pelas mentiras e pela maldade do ex-namorado, explodiria em chamas novamente, fazendo com que o incêndio em Monson parecesse brincadeira de criança.

Mas será que ela podia culpá-los? Ela se entregara de mão beijada. Patty se tornara a pessoa que todos achavam que era.

Onde eu estava com a cabeça?

Se ela achara perigoso se expor em uma cidade do interior, quando os repórteres descobrissem que ela era a moça da notícia de

estupro, saberia exatamente como podia ser perigosa a vida em uma cidade pequena.

Os colegas no banco seriam implacáveis na forma de tratá-la, o que, no Maine, significava olhares gelados e longos silêncios, enquanto a fofoca corria solta fora do alcance dos ouvidos. Eles a ridicularizariam de tal forma que poderia afetar seu desempenho e custar-lhe o emprego. Não haveria a menor simpatia pelo que tinha passado. Ela sabia disso. Era a oportunidade perfeita para se livrarem dela e eles a agarrariam com unhas e dentes.

Portanto, talvez fosse o momento de se mudar. Começar de novo em outro lugar. Ela ainda era jovem. Poderia ficar no Maine, que adorava, mas também poderia ir para Portland, onde havia muitos empregos. Não era uma má ideia.

Mas era uma má ideia ficar onde estava.

A porta da frente se abriu. Patty e Barbara ergueram o olhar quando James Coleman entrou no saguão. Ele usava um casaco preto e luvas, que Barbara pegou da mão dele ao se levantar para cumprimentá-lo.

— Teve alguma notícia? — perguntou ela.

Patty pegou o controle remoto e silenciou a televisão.

— Pode me fazer um café, Barbara?

— Claro que sim. Não vai demorar muito com a nova cafeteira que comprei.

Ele agradeceu e sentou-se na cadeira à esquerda de Patty. O rosto dele estava tomado pela fadiga. Ele parecia preocupado. — Como você está? — perguntou.

— Preocupada.

— E fisicamente?

— Ficarei bem. Descobriu alguma coisa?

— Sim, mas esperaremos que Barbara volte.

Quando Barbara voltou da cozinha, entregou uma xícara de café ao marido e se sentou no sofá ao lado de Patty.

— Os policiais encontraram sangue no asfalto do lado de fora do The Grind. Bastante sangue. Os pais de Cheryl foram notificados e a boa notícia é que, em algum lugar, eles tinham o tipo de sangue da filha, que é O positivo. A notícia ruim é que esse é o tipo mais comum de sangue. Mesmo assim, como Cheryl não foi encontrada, é

razoável acreditar que aquele sangue seja dela. Há vestígios de que um corpo foi arrastado vários metros, provavelmente até um veículo. Um rastro de sangue prova esse fato. A pessoa que estava dirigindo cometeu o erro de deixar um pouco de borracha ao sair apressada do local. Os policiais conseguiram descobrir a marca dos pneus, que sugere que eles pertencem a uma caminhonete Ford F-150 XTL. Os policiais virão aqui em breve para coletar amostras do cabelo de Cheryl do travesseiro e, talvez, de uma escova ou de um pente do banheiro dela. O teste de DNA levará entre cinco e dez dias para ficar pronto e confirmar se o sangue pertence a Cheryl.

Ele se virou para Patty. — Em curto prazo, o que você fez hoje será mais valioso para ajudar a encontrá-la. O retrato falado do homem que a estuprou já gerou diversos telefonemas à polícia, de pessoas que estavam no The Grind quando você e Cheryl estavam lá. Algumas delas se lembram do rosto dele. Uma disse que o viu tirando fotografias com o telefone, mas não se importou muito porque as pessoas geralmente tiram fotografias dos amigos quando saem com eles. Ou, pelo menos, foi o que me disseram. A pessoa não se lembra de quem ele fotografava, mas os investigadores agora sabem, pela gravação das câmeras de segurança, que o homem que você descreveu em detalhes estava realmente tirando fotografias suas. A gravação é ruim porque o bar estava escuro e o equipamento é velho, mas é claro que você e Cheryl eram os alvos.

— Por quê?

— Eu não sei o motivo. Você ou Cheryl saiu com alguém recentemente? É alguém do passado recente de uma de vocês duas?

Ela balançou a cabeça. — Apesar do que eu fiz ontem à noite, faz mais de um ano que não saio com homem algum, nem mesmo para um simples encontro. Acho que, para Cheryl, uns dois anos. Nós contamos tudo uma à outra. Eu saberia se ela estivesse saindo ou se tivesse saído com alguém.

— O que eu sei é que temos uma oportunidade — disse Coleman. — Temos a marca de um possível veículo que a polícia está procurando. Também temos a impressão parcial de uma bota no sangue, que é grande o suficiente para sugerir que pertence a um homem. Todas as testemunhas que se apresentaram confirmaram o seu retrato falado e concordaram que é preciso. Nem uma delas disse que mudaria

alguma coisa. Meus parabéns pelo trabalho.

Ele tomou outro gole do café e parou ao ver de relance a televisão à frente dele. Nela, estava sendo mostrada uma floresta sendo devorada pelas chamas.

— Onde é aquilo? — perguntou ele.

— Monson — disse Patty. — Está queimando.

CAPÍTULO 34

A fera se ergueu na noite e Kenneth Berkowitz voou.

Com os óculos noturnos no rosto e a Glock de Ted na mão, correu pela floresta, avançando pelo mesmo caminho que ele e Ted tinham usado para entrar nela.

Um grito queimava no fundo da garganta, pedindo para ser libertado, mas ele não deixou que saísse. Ele manteve os olhos abaixados em direção ao chão da floresta porque, se olhasse para cima, para o fogo do inferno que espalhava os braços pela floresta, ficaria cego.

Ele sabia que não devia pedir ajuda a Deus e não o fez. Isso era um teste. O fardo dele era suportar os castigos que Deus lhe desse e sobreviver a eles. Ele não entendia por que isso estava acontecendo, mas não era sua obrigação entender. Simplesmente era assim. Ele sabia que Deus tinha fé total nele e também sabia que sairia vivo por causa Dele. A fera não era nada para ele. A fé que tinha em Deus acabaria com ela.

Afinal de contas, ele era O Escolhido.

À medida que ele percorria o caminho, o vento ficava mais quente. A luz estava ficando tão forte que ele removeu os óculos noturnos, descobrindo que conseguia enxergar bem sem eles. Ele fez uma curva e o incêndio ficou à esquerda, devorando algumas árvores. Os pássaros foram expulsos dos ninhos e voaram gritando em direção ao céu. O fogo aumentava rapidamente, depressa demais. Se Kenneth não chegasse logo ao fim do caminho, o fogo engoliria a saída e ele precisaria encontrar outra rota de fuga.

Ele se esforçou e correu mais depressa. Naquele momento, considerou que talvez não fosse um fogo satânico, mas um que fora enviado por Deus. Ele se lembrou de Isaías: "Porque, eis que o Senhor virá com fogo; e os seus carros como um torvelinho; para tornar a sua ira em furor, e a sua repreensão em chamas de fogo". E também de Isaías: "Porque com fogo e com a sua espada entrará o

Senhor em juízo com toda a carne; e os mortos do Senhor serão multiplicados".

Foi o suficiente para fazer com que Kenneth parasse. Essa era a fúria de Deus contra ele? E por que seria? Tudo o que fizera, cada escolha que fizera, destinara-se a servir ao Senhor. Portanto, não podia ser por causa dele.

— Mas é.

Ele sabia que a voz pertencia a Maria Fuentes antes mesmo de se virar e vê-la parada atrás dele. Ela estava totalmente nua e o corpo, apesar de imóvel, parecia estar se movendo por causa das sombras lançadas pelo fogo. O rosto dela estava brilhando com uma luz alaranjada. Ela esfregou os seios nus no braço dele, que imediatamente o esticou para empurrá-la para longe.

Mas a mão passou através dela, como ela dissera antes que aconteceria.

Maria riu e deu a volta, parando em frente a ele para encará-lo. — Isso tudo é por sua causa, Kenneth. Tudo por sua causa.

— Não sei do que está falando.

— Sim, sabe. Mas aqui está uma dica: você é um assassino, Kenneth. Um assassino em série. Sempre houve algo de errado com você, desde que era criança. E, agora, sua mente foi para o espaço. Você é maluco.

— Cale a boca.

— Ah, obrigue-me a ficar quieta.

Ele sabia que não podia por algum motivo específico. — Por que não consigo tocar em você?

— Porque você já colocou as mãos em volta do meu pescoço. Quer dizer, você e o seu amigo morto. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Sinto muito por Teddy, Kenneth. Deve ser difícil. Ver o seu bom amigo explodindo em pedaços bem na sua frente daquele jeito? — Ela fez um estalo com a língua. — Que pena. Estávamos todas assistindo, sabia? Todas nós, e foi muito divertido quando Teddy levou aquela bala bem no meio da cara. E devo dizer que você teve muita sorte com o caçador no abrigo. Que bom que atirou na barriga dele. Teve sorte com aquele tiro. Ele estrebuchou um pouco, mas está morto. Agora, você não precisa se preocupar com ele, e ganhou algum tempo. — Ela abanou a mão atrás de si, por onde o fogo se

aproximava. — Não que o tempo vá ajudar muito agora. Você está fodido. Aquele incêndio vai devorá-lo vivo. E eu e as garotas? Vamos assistir e comemorar quando isso acontecer.

— É claro que não.

Atrás deles, vieram os sons distantes de algo correndo pela floresta, arrancando pedaços dela. Ele e Maria se viraram e observaram uma família de seis veados correr por entre as árvores, liderados por um macho com uma galhada enorme na cabeça.

— Eles se salvarão — disse Maria. — Deus não os machucará. Viu como eles saíram do caminho? De volta para a floresta? Estão fazendo isso porque o caminho está morto. Sua saída está morta. O fogo a devorou do mesmo jeito como você queria devorar seu amigo Ted lá atrás...

Ele olhou para ela, tentando entender como poderia saber que tivera aquele impulso.

— Você acha que não o conheço? Que não sei o que está acontecendo com você? O quanto é doente? Bem, eu sei. Quando pegou a Glock do corpo de Ted, você hesitou ao se inclinar sobre o rosto dele. Eu vi. E senti sua vontade. Ela pulsou através de mim. Eu sei o que você queria fazer. Queria enterrar o seu rosto no dele e comer o que sobrou, não é? Da mesma forma como quis comer aquele caçador gordo que vocês mataram mais cedo. E provavelmente os amigos dele também, se tivesse a oportunidade.

— Ted os matou.

— Não importa, grandalhão. — Ela piscou para ele. — E eu estou dizendo a verdade. Eu sei que é grande, pelo menos lá embaixo. Eu me lembro. Essa é a única coisa que Deus lhe deu que realmente vale alguma coisa, porque com certeza o resto não vale.

— Eu queria poder matar você de novo.

— E eu queria que você pudesse me foder de novo. Mas nenhum dos dois desejos se tornará realidade. Não é triste? É tão triste quanto o fogo que vai queimar você vivo. Olhe para mim, Kenneth. Isso é uma lágrima? Bem aqui? No olho esquerdo? Eu acho que é...

O vento mudou de direção e, com a mudança, a fumaça foi carregada até eles. Kenneth retirou o casaco e, em seguida, a camisa de flanela, que amarrou em volta do nariz e da boca antes de vestir o casaco novamente. A fumaça flutuou até eles e queimou

seus olhos, dificultando a visão.

Ele precisava sair dali.

O caminho que levava à estrada tinha sido consumido pelas chamas. Ele precisaria correr pela floresta e acompanhar o caminho se quisesse encontrar a estrada e a caminhonete.

Ele passou apressado por Maria Fuentes e começou a correr, mas não antes de ouvi-la dizer: — Nossa amiga Cheryl terá a liberdade, Kenneth. Ela está quase lá nesse momento. Mas você? Você vai queimar nessa floresta. E, depois, vai queimar no inferno.

CAPÍTULO 35

Cheryl Dunning correu com os animais. Correu sozinha quando os perdeu de vista. E correu novamente com eles quando as vidas deles se encontraram e, em alguns casos, colidiram.

À medida que o fogo rugia em torno deles e ameaçava se aproximar e envolvê-los, o único foco de todos era escapar. Não importava se ela era humana. O fogo atropelava tudo, inclinando-se, oscilando, espalhando-se e soprando o vento quente e cheio de fumaça perigosamente sobre eles. Ele exigia respeito, e o teve. Cheryl e os animais tinham o mesmo objetivo, que era sobreviver, apesar de, naquele momento, parecer uma coisa ridiculamente difícil de conseguir.

Ela correu com veados e guaxinins, correu com raposas e disparou ao lado de um urso. Viu um alce apressado à distância. Mas, apesar de todos estarem se movendo na mesma direção, ela não tinha certeza se algum deles encontraria uma saída a tempo. Se o fogo não os matasse, a fumaça o faria. Ela tinha certeza disso. E estava com medo porque a fumaça estava começando a ficar densa e próxima demais.

Ela empurrou alguns galhos, quase escorregou por causa das malditas botas e ficou imaginando por que, naquele ponto, ainda não ouvira o grito das sirenes. Quanto tempo mais levaria para que a polícia e o corpo de bombeiros chegassem? Se pelo menos ela conseguisse ouvi-los, teria uma ideia clara de onde estava a estrada e para que direção precisava correr para encontrar a saída.

Atrás de si, ela ouviu o bater de asas e se virou no momento em que uma coruja cinza passou por sobre ela e voou em frente em um esforço de escapar. Por causa do fogo lá em cima, não podia arriscar a chance de subir para o céu. Portanto, voou baixo, de forma esperta, seguindo os outros animais na corrida para a liberdade. Cheryl a seguiu, tropeçando nas raízes grossas dos pinheiros e mantendo a camiseta perto da boca para que conseguisse respirar.

Os olhos estavam vermelhos e inchados por causa do fogo e da fumaça.

Não vou conseguir. Não vou. Tudo termina aqui. E por quê?

Ela pensou no pai e no avô, de quem sentiria saudades. Pensou na mãe, morta havia muito tempo, e que ela veria novamente. Pensou em Patty, em como a deixara sozinha na noite anterior e em tudo o que acontecera como resultado. E depois pensou em como essa morte particular seria. Apesar do calor escaldante, ela sentiu um arrepio ao pensar nela.

Naquele caso, com aquele fogo, aquela fumaça, ela achava que sentiria uma dor horrenda — mais do que ter a garganta cortada, do que não se lembrava porque Mark Rand a deixara inconsciente. A dor veio depois, quando acordou, já com a ferida de dezoito centímetros no pescoço cheia de pontos.

O fogo era diferente. Ele não oferecia uma morte rápida. Ele lamberia o corpo, encheria a pele de bolhas, chegaria aos ossos e aos músculos e depois a consumiria. Ela sabia disso e estava morrendo de medo. Apesar da situação, ela começou a chorar enquanto continuava a avançar, com os galhos batendo no rosto porque não conseguia enxergar o suficiente para se desviar deles. O medo do desconhecido a dominou.

Ela limpou os olhos e, no momento seguinte, tudo mudou.

Quando ela o viu, ele também a viu.

Ela parou de correr, limpou os olhos novamente e ficou espantada ao descobrir que havia mais alguém lá. Mais alguém estava tentado achar a saída. Era difícil ver claramente através da fumaça, mas ele parecia vagamente familiar. Alguém que ela conhecia de Bangor? Um caçador?

Não podia ser. Ele não usava equipamento de caça.

Ela conseguia enxergar o suficiente para saber que não era o homem que a levara lá e que fugira assustado por causa de um alce. Cheryl agradeceu a Deus por aquilo. Era outra pessoa.

Ela estava prestes a gritar pedindo ajuda quando ele ergueu a mão em sua direção. E, nela, Cheryl viu uma arma.

Antes que Cheryl Dunning pudesse reagir, ele atirou nela. E depois atirou novamente, e mais uma vez enquanto, em toda volta, animais selvagens, assustados pelos sons dos tiros, saltaram mais alto no

chão da floresta. Aterrorizados e confusos, eles correram em direção ao homem, para longe dele e, finalmente, por sobre ele, jogando-o no chão enquanto uma parte de Monson queimava.

CAPÍTULO 36

Os tiros a deixaram atordoada, uma bala a atravessou, mas, quando olhou para baixo para ver onde tinha sido atingida, viu que fora apenas de raspão. Braço esquerdo, perto do ombro, sangrando, mas nada grave.

Sortuda.

Mas ainda aterrorizada. Ela olhou para a frente e viu um dos veados macho bater com a anca no homem no esforço de escapar. O golpe jogou o homem no chão com tanta força que ela viu os pés dele voarem ao cair. Acima dele, o fogo queimava em direção ao céu.

Mas ela não o viu se levantar.

Confusa e assustada

(quem é ele quem é ele quem é ele quem é ele),

ela se abaixou para ficar fora de vista, colocou as mãos no tronco de um pinheiro para se equilibrar e sentiu como estava úmido e grudento.

Seiva, pensou ela. *Seiva!*

Estava tão quente na floresta que o fogo aquecia as árvores que ainda não tinham sido atingidas pelas chamas. A seiva ficava menos densa no calor e suava pela casca da árvore, começando a escorrer.

Com o pai e o avô torcendo por ela em seu coração e em sua cabeça, Cheryl encheu os pulmões com ar filtrado, prendeu a respiração, retirou a camiseta de sobre o nariz, a boca e o ombro e esfregou um punhado de seiva sobre a ferida em um esforço para fechá-la.

A dor foi infernal, mas funcionou. Uma vez, quando o avô estava estripando um veado, ele sofreu um corte profundo que fechara daquela forma até que conseguissem levá-lo ao hospital. Ela provavelmente teria uma infecção, mas não estava preocupada com aquilo — pelo menos, ainda não. Se conseguisse sair dali, os antibióticos resolveriam a situação rapidamente.

Ela expirou, cometeu o erro de inspirar e começou a tossir por causa da fumaça. Em seguida, colocou a camiseta novamente sobre o nariz e a boca, sentiu-se sufocando, mas forçou-se a ignorar a sensação.

Ela o procurou, sem encontrá-lo, mas o que viu fez com que parasse. Havia um feixe de *laser* cortando a fumaça. Ele balançou para a esquerda e para a direita. Vinha da arma dele, tinha que vir. Ela deu um passo à esquerda, afastando-se dele e entrando em um grupo de árvores mais denso para se esconder. Lá, ela se abaixou e ficou imaginando se ele conseguiria ouvir o estalar dos galhos acima do rugido do fogo.

Há dois deles, pensou ela. *Dois*.

Então, onde estava o outro? O cara mais velho? Aquele que a perseguira mais cedo? Estava atrás dela? Em algum lugar para o lado? Havia outros que ela não tinha visto? Cheryl não sabia. Mas, apesar de tudo o que o pai e o avô lhe tinham ensinado, não havia como evitar o pânico que a invadiu. Seu fim viria com o fogo, a fumaça, a falta de água ou um daqueles homens. Tinha certeza disso. Ela observou o *laser* dançar para a esquerda e para a direita. Viu quando subiu e desceu. Pior, ficava cada vez mais forte, o que significava que ele estava se aproximando.

E então ele falou: — Afaste-se de mim, Maria. Agora. Ou vou atirar em você também.

Quem era Maria? Cheryl não vira nenhuma mulher.

— Todas vocês. Afastem-se de mim. Estou avisando.

Todas elas? Não havia nenhuma mulher lá. Ela teria visto outras pessoas.

— Você pode ficar no meu caminho, Maria, mas nós dois sabemos que eu consigo e vou caminhar através de você. Foi você mesma quem disse isso. Ela morrerá pelos pecados dela e logo se juntará ao resto de vocês, suas putas.

Morrer pelos meus pecados?

— Não, você está errada. Lamento, mas não é verdade. Ela é uma puta como a amiga dela. Que, por sinal, eu estuprei na noite passada. Está com ciúmes, Maria? Bem que eu achei.

Cheryl sentiu as entranhas se contorcerem e fechou os olhos. *Ele é o homem com quem Patty saiu. Ele a estuprou. Será que a matou*

também?

— Vocês todas são putas. Todas vocês encontraram a morte por motivos que estão a Bíblia. Quer uma prova? Está bem. Em Coríntios 6:9: "Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas" encontrarão Deus, Maria. É por isso que você está morta. Eu garanti que você não herde o reino Dele, porque é sexualmente imoral. E é por isso que as outras também estão mortas. E é por isso que ela morrerá. Então, sugiro que saia do meu caminho para eu que possa encontrá-la e bote um fim nisso antes que o fogo chegue perto demais.

Ele é insano. Não há ninguém aqui. Ele é louco...

Ela ouviu quando ele começou a caminhar novamente. Dessa vez, mais depressa. Passos furiosos no chão da floresta. Ela olhou para cima e viu que o fogo estava quase sobre eles. Talvez a uns trezentos metros à esquerda. E se aproximando rapidamente.

Como ela poderia se defender contra ele?

Silenciosamente, ela começou a tatear o chão em busca de alguma coisa, qualquer coisa com que pudesse se proteger. Encontrou uma pedra e a agarrou. Cheryl era canhota e o ferimento enfraquecera o braço, juntamente com a mira, mas se ele chegasse perto o suficiente sem vê-la, havia uma chance de que conseguisse surpreendê-lo jogando a pedra no rosto dele. Antigamente, quando era criança, ela tinha uma mira perfeita quando jogava bola com o pai. Mas naquele momento, com o braço ferido? Provavelmente erraria, mas o que poderia salvá-la? O galho? Não era bom o suficiente. Ele a mataria primeiro. O que mais?

Naquele instante, à distância, ela ouviu o que poderia salvá-la.

Acima do ruído do fogo, ela ouviu os sons distintos das sirenes da polícia e do corpo de bombeiros.

CAPÍTULO 37

As sirenes estavam à frente e um pouco à esquerda, o que lhe dava a informação de que precisava.

A estrada fica para lá.

Ela observou a dança do *laser* pelo chão. Viu que ele a caçava. Que a procurava. Já estava quase sobre ela. Se ela corresse para dentro da floresta, com certeza ele a ouviria. Então, o que poderia fazer? Esperá-lo? Jogar a pedra no rosto dele e depois correr?

Talvez.

A única coisa de que se lembrava sobre ele quando o vira no bar com Patty era que era relativamente alto e estava em excelente forma. No mínimo, uma pedra no rosto o deixaria atordoado, talvez fizesse com que caísse de joelhos se ela batesse com força suficiente. Mas e depois? Ele se recuperaria enquanto ela estivesse correndo por entre as árvores em direção ao som das sirenes, estaria bem atrás dela com o *laser* e a mataria.

Estou encrencada.

O *laser* dançou pela fumaça, cortando-a. Ela o ouviu tossir e limpar a garganta, que provavelmente estava queimando tanto quanto a sua. Por causa do vento, a fumaça não estava tão densa quanto estaria se ele estivesse soprando na direção deles. Mas era o suficiente para que os olhos ardessem e tivesse dificuldade de enxergar. Sem falar na dificuldade para respirar.

Quando ele finalmente ficou à vista, ela viu que tinha a camisa enrolada em torno do nariz e da boca. Casaco marrom. Calças jeans. O que conseguia ver do rosto dele confirmou o que já sabia. Era realmente o jovem da noite anterior que saíra com Patty. Era o jovem que acabara de dizer a alguém chamada Maria que estuprara Patty.

Ele também a matara? Cheryl não tinha motivo algum para acreditar que não o tivesse feito e sua alma gritou pela perda da amiga. Patty fora sua companheira durante anos, especialmente

durante o momento mais difícil de sua vida, quando Mark Rand lhe cortara a garganta depois de uma festa na faculdade e a deixara para morrer em uma floresta parecida com aquela em que estava.

Mas ela sobrevivera à morte uma vez, certo? Ela sobrevivera daquela vez e, com sorte, conseguiria sobreviver novamente. O problema era como.

Ela estava abaixada, com o corpo contraído, em um esforço para esconder a camiseta branca que, por causa da luz ardente, parecia laranja. Isso era bom, pois a ajudava a se misturar com os arredores. A cabeça estava abaixada contra os joelhos, mas inclinada apenas o suficiente para que o visse andando à frente.

Doze metros de distância. Nove. Ele virava a cabeça de um lado para o outro. Algumas vezes, parava para olhar algo que talvez pensasse ser ela, mas que não era. Não ficava parado por muito tempo. O fogo estava chegando perto. Os dois estavam ficando sem tempo. Ele queimaria naquela floresta porque era um filho da puta maluco ou, em algum momento, chegaria à conclusão de que era inútil, desistiria da busca e se salvaria.

Mas ela sabia que isso não aconteceria.

Ele acabou de falar com uma mulher que não estava lá. Disse que conseguiria caminhar através dela. Quem em sã consciência diz uma coisa dessas? Ninguém. Ele está delirando. Está em uma missão para matar e o alvo sou eu.

Seis metros.

Ele usou a Bíblia para defender o assassinato da mulher chamada Maria. Disse que ela e as outras mulheres que matou eram putas que mereciam morrer. Ele é um zelote. Um louco. Ele vai *queimar aqui porque provavelmente acha que Deus o protegerá.*

Três metros.

Ele olhou para a direita, para o lado oposto de onde ela estava, onde um galho em chamas acabara de cair e bater no chão. Se ela quisesse fazer alguma coisa, tinha que ser naquele momento.

O lado da cabeça estava bem ali, logo à frente dela. Precisava esmagar a têmpora dele. Poderia matá-lo naquele instante se o braço esquerdo ferido não a traísse. Será que conseguiria jogar uma bola como antigamente? Conseguiria enterrá-la no alvo que, no caso, era o lado da cabeça dele? Ela duvidava. Pelo menos, não na

condição em que estava.

Pare com isso. Eu consigo.

Ela agarrou a pedra, sentiu-se confiante e segura por causa do tamanho e do peso e estava prestes a se levantar para atirá-la nele quando ele se virou e a encarou.

Os olhos deles se encontraram.

O tempo parou.

Ele abaixou a camisa, tirando-a de sobre o nariz e a boca, e um sorriso invadiu-lhe o rosto.

— Aí está você — disse ele.

Os olhos dele escureceram.

O mundo girou.

A pedra voou da mão dela.

Ela a viu acertar a boca dele e quebrar-lhe os dentes no mesmo instante em que a arma disparou. O som foi abafado, quase inaudível, pois a arma tinha um silenciador instalado. Ela sentiu a bala rasgando a coxa direita. Cheryl recuou e gritou de dor ao vê-lo cair de rosto para baixo em uma cama de folhas quentes demais para alguém tão frio.

CAPÍTULO 38

Naquele instante, Cheryl Dunning sabia de três coisas.

Ela precisava tirar o cinto e enrolá-lo na parte de cima da coxa para estancar o fluxo de sangue.

Ela precisava estar ciente do homem que a perseguira mais cedo. De alguma forma, apesar de tudo o que estava acontecendo naquele momento com esse outro homem, ela tinha que tentar escutá-lo, pois ele ainda estava lá, em algum lugar, e viria atrás dela. Na verdade, provavelmente já estava vindo atrás dela.

E, mais do que tudo, ela precisava sair dali o mais rápido possível, antes que fosse tarde demais.

A dor na perna era excruciante, mas ela conseguiu se mexer. Com as mãos trêmulas, ela retirou o cinto da cintura das calças jeans, apertou-o em torno da coxa, prendeu a fivela e se levantou.

Ou, pelo menos, tentou se levantar.

A dor era intensa demais. A perna estava muito fraca. A bala não tinha atingido o osso, o que era uma bênção, mas rasgara o músculo, inutilizando-o, o que era quase tão ruim, mas não insuperável. Ela achou que não conseguiria ficar de pé, muito menos correr pela floresta. Mas então, à frente dela, no chão, o homem que a queria morta começou a recuperar a consciência.

Ela o observou levantando a cabeça e viu exatamente o que fizera no rosto dele. O sangue escorria da boca e pingava no chão da floresta em fios grossos de baba avermelhada. A mandíbula se moveu de um lado para o outro e ele abriu a boca totalmente, como para ver se conseguia. Em seguida, ele a fechou e começou a cuspir os dentes que Cheryl arruinara.

Lentamente, ele virou a cabeça em direção a ela, que viu que também quebrara o nariz dele. Estava torto para a esquerda, com um fio de sangue escorrendo. Ele tentou dizer alguma coisa, mas não conseguiu. Ela olhou em torno procurando a arma dele, mas não a encontrou. Estaria sob ele? É claro, lá estava. Ele sabia disso?

Naquele momento, no estado em que se encontrava, ela duvidava.
Mas descobrirá muito em breve.
Ela estendeu o braço para a árvore atrás de si, sentiu a mão grudar o tronco e pensou, *seiva*. Mas, diferentemente do braço, não havia tempo para abaixar as calças e cobrir a ferida com ela. Ele estava se recuperando. Cheryl o observou sacudir a cabeça em um esforço para clarear a mente. Emoldurado pelo fogo que se aproximava e, em alguns casos, chovia sobre eles, o homem parecia uma besta surgindo do inferno.
Mexa-se, pensou ela. *Mexa-se*...
Ela apoiou as costas na árvore, colocou as mãos para baixo nos dois lados do corpo tentando erguer-se e, quando conseguiu, a mão direita caiu sobre outra pedra. Por um momento, ela parou incrédula. Em seguida, puxou a pedra até que se soltasse da terra, olhou para baixo e ficou desapontada ao ver que era menor do que a primeira. Era um pedaço liso de granito coberto de terra, mais ou menos do tamanho de um ovo grande e, por causa do tamanho menor, seria difícil acertá-la nele. Precisava de algo maior. Ela olhou em torno, mas não viu mais nada que pudesse usar.
Quando olhou novamente para cima, ele começou a se ajoelhar.
— Puta desgraçada — disse ele, cambaleando em direção a ela e, subitamente, para longe dela quando as pernas cederam sob o corpo. — Sua vadia maldita. Você morrerá por isso. Vou matar você, sua puta.
Ela olhou para baixo e viu a arma, que estava exatamente onde achou que estaria. No chão. Ele estivera deitado sobre ela. Será que já a vira? Não importava. Com uma força que não sabia que tinha, ela se empurrou contra a árvore, usando-a como suporte, para erguer o corpo, mordendo o lábio com força por causa da dor insuportável na perna. Foi o suficiente para que tivesse vontade de gritar novamente, mas não podia deixar que o outro homem soubesse onde eles estavam. Portanto, ela engoliu o grito com esforço e usou como combustível a dor e a vontade de viver.
Ela queria aquela arma. E só havia uma forma de consegui-la.
Ergueu o braço sobre a cabeça, mirou e jogou a pedra na direção dele.

CAPÍTULO 39

Mas errou. Errou!

A pedra passou voando ao lado do rosto dele, que cambaleou para trás, ciente — pelo menos até certo ponto — de que ela quase o atingira novamente.

Tinha que haver outra pedra, mas não havia como esperar que se ajoelhasse, encontrasse a pedra e levantasse novamente em tempo de atingi-lo. Levaria tempo demais. A dor seria forte demais. Talvez ela não conseguisse se levantar de novo. E, nesse meio tempo, mesmo que conseguisse fazer tudo aquilo, ele encontraria a arma. Apesar de estar muito fraco, a fraqueza não importava. Ele tinha uma arma, com um *laser* instalado e, naquele momento, eles eram os melhores amigos que tinha. Tudo o que precisava fazer era apontar o feixe para qualquer lugar no corpo dela e atirar. E seria quase certo que ela morreria.

Mexa-se!

A voz que ela ouviu fora a do pai.

Não banque a preguiçosa agora, Cheryl. Saia daí!

Dessa vez, fora a voz do avô e, pelo tom, ele não estava gostando nem um pouco do que estava acontecendo. O avô e o pai a tinham criado para ser durona. Apesar de um ferimento de bala no braço (*só um arranhão, Cheryl*) e outro na coxa (*mas nem acertou no coração, acertou?*), eles se recusariam a aceitar qualquer tipo de fraqueza. Aquela era a sua herança do Maine. Para sobreviver no estado, com a falta de empregos que pagassem bem e os invernos difíceis, as pessoas tinham que ser fortes. E era isso que exigiam dela. Fora para isso que a tinham preparado.

Ela não podia desapontar a si própria nem a eles.

Ela se empurrou para longe da árvore, ouviu o som longínquo das sirenes à distância e começou a cambalear na direção dele. A dor era insuportável, mas a floresta em si era ainda pior. Ela era densa, implacável e difícil de transpor.

Os galhos batiam em seu rosto. Ela avançou com uma mão segurando a coxa ensanguentada e a outra esticada à frente em um esforço para abrir caminho, uma batalha que era perdida a cada passo. A única vantagem era que logo, se conseguisse continuar a avançar, a floresta se fecharia atrás dela e a engoliria. Em algum momento, ela a esconderia dele.

A que distância ficava a estrada? Quanto tempo mais levaria antes que ele fosse atrás dela? Não demoraria muito. Ela quebrara o nariz e os dentes dele, sim, mas logo ele conseguiria clarear a mente. A fúria e a insanidade o impulsionariam à frente. Atirar na perna dela não o deixaria satisfeito. Somente matá-la serviria.

Ela lutou para subir o terreno inclinado e viu o feixe vermelho do *laser* brilhando à frente. Foi por apenas um instante, mas disse a ela tudo de que precisava saber. Ele estava indo atrás dela. Não estava longe. Logo em seguida, um pensamento a atingiu. Era ele? Ou era o outro homem?

— Sua puta desgraçada...

Era ele.

Ela lutou para andar mais depressa e se agarrou em algumas plantas em um esforço para puxar o corpo para cima. A arma disparou atrás dela e, dessa vez, ela gritou, apesar de o tiro não ter passado nem perto. Dessa vez, ela gritou mais alto do que jamais gritara na vida. Não era apenas um grito nascido do choque e do medo. Era um grito que exigia ser ouvido. Será que era possível, considerando o rugido do fogo e as sirenes? Provavelmente não. Mas, mesmo assim, ela gritou novamente ao ouvir a arma ser disparada duas vezes.

À frente dela, logo à direita, um pedaço de casca explodiu no tronco de um pinheiro e os detritos atingiram o seu rosto. O *laser* piscou e, dessa vez, passou pela mão estendida dela antes de flutuar pela floresta. Cheryl podia ouvi-lo atrás de si, gemendo, resfolegando e respirando pesadamente ao reduzir a distância entre eles.

— SOCORRO! — gritou ela. — ALGUÉM! SOCORRO!

— Ninguém vai ajudar você.

Ela estendeu o braço para se agarrar em um galho e puxar o corpo para cima e quase caiu para trás quando ele se partiu. Ela olhou

rapidamente para ele na luz alaranjada bruxuleante. Era grosso e reto.

Muleta.

Ela o abaixou ao lado da perna machucada e ficou surpresa ao perceber como podia andar muito mais depressa ao retirar o peso da perna.

O *laser* varreu a floresta à sua frente. Ele ainda não estava em um ponto em que pudesse atirar com precisão. E, como não estava atirando, obviamente estava sabia que não podia continuar a atirar e desperdiçar a munição. Ela conseguia ouvi-lo tropeçando atrás de si, algumas vezes escorregando, frequentemente gorgolejando e cuspindo, caindo uma vez, e imaginou que estivesse se movendo puramente por instinto e força de vontade.

Exatamente como eu.

Ela chegou ao topo da colina e parou, com o coração disparando com o que viu. Não podia acreditar no que via. Ela chegara à beira da floresta. À sua frente, estava a estrada.

Era como uma visão irreal. Algo que ela nunca achou que veria.

Ela correu em direção à estrada.

Atrás dela, houve outro disparo surdo.

E, dessa vez, Cheryl Dunning caiu no chão com força.

CAPÍTULO 40

Ela caiu de lado, rolou colina abaixo e parou na beira da estrada. Ele não a atingira. Ainda não vencera. Mas estava se aproximando. Ela podia ouvi-lo se aproximando. A floresta afundava sob os pés dele, as plantas menores amassadas sob eles e, quando tropeçava, esmagava tudo o que estava por baixo. Logo, ele chegaria a campo aberto e os olhos e o *laser* dele estariam sobre ela.

Surpresa por ainda estar segurando o galho, ela ergueu o corpo, andou até a estrada (*a estrada!*), olhou para a esquerda e para a direita. Lá, ela viu, à distância, as luzes intermitentes dos carros da polícia e dos caminhões do corpo de bombeiros.

Homens e mulheres corriam para todo lado. Jatos de água eram disparados para o céu. No brilho selvagem da luz do fogo ardente, Cheryl achou que a própria água parecia fogo líquido caindo sobre a floresta em um esforço para fazê-la queimar mais depressa.

Por causa do vento, que alimentava o fogo e fazia com que subisse ainda mais alto no céu, as pessoas precisavam estar lá, pois o fogo já estava lambendo a estrada tentando chegar ao outro lado, onde a floresta continuava.

Ela olhou para tudo aquilo com uma sensação de desespero. Na condição em que estava, a pouco mais de um quilômetro de distância, parecia que estava separada deles por mais de trinta quilômetros. Não importava. Por causa do que ele fizera com a perna dela, não conseguiria chegar até eles depressa o suficiente. E pior, mesmo que gritasse de onde estava ou agitasse os braços, não a veriam nem a escutariam. Eles não serviam para nada.

Recomponha-se, Cheryl.

O pai. Mesmo agora. Incentivando-a apesar de tudo.

A fumaça atravessou a estrada em véus negros espessos. Ela observou a sombra de um animal — outra raposa? — correndo para fora da floresta, atravessando a estrada e desaparecendo no outro lado. Ele se moveu tão livremente que ela sentiu uma pontada de

inveja ao colocar a muleta no chão e dar um passo. E outro passo. E mais um. Ela se movia o mais depressa que conseguia, a vontade de viver tão poderosa quanto a dor na coxa. Ele atirara nela duas vezes. Se conseguisse evitar, não pretendia deixar que ele a atingisse uma terceira vez.

À frente dela, no lado da estrada, havia uma caminhonete. Não estava exatamente na estrada. Em vez disso, parte estava na estrada e parte sobre a grama. Estava simplesmente parada lá.

Pertence a eles.

Era enorme. Gigante. A caminhonete de um homem. Rodas grande demais. Tão limpa e brilhante que parecia viva no reflexo das chamas que dançavam sobre ela.

Ela sentiu uma pontada de esperança. Se as portas estivessem destrancadas, teria acesso a uma buzina, às luzes do pisca-alerta e aos faróis altos que poderia ligar e desligar ao tentar chamar a atenção de alguém mais adiante na estrada. E, mesmo se não estivessem destrancadas, ela quebraria o vidro com o galho. Com sorte, isso dispararia o alarme, o que seria suficiente. Eles escutariam. Alguém o questionaria. E viriam buscá-la.

Mova-se.

Com o resto das forças que ainda tinha no corpo, ela saltou com o pé esquerdo, mantendo o equilíbrio com o galho na mão direita.

A caminhonete estava a uns doze metros de distância, mais ou menos, e o esforço era exaustivo. Ela saltou e saltou, sentindo-se como se fosse desmaiar a cada vez que subia no ar e caía no chão. A perda de sangue e a falta de água a estavam matando lentamente.

Pensamentos sobre a própria morte invadiram-lhe a mente, mas ela os empurrou para longe. Estava perto demais. Lutara demais para perder estando tão perto. Quando a segunda morte viesse, ela merecia muito mais do que morrer daquele jeito. Antes de partir para sempre desse mundo, ela merecia ser amada por alguém que não fosse da família. Merecia o amor de um homem. Um bom homem. E filhos. Ela queria filhos e netos — podia sentir aquilo da mesma forma que sentia o gosto de sangue na boca seca — e isso a impulsionou à frente.

Ela esticou a mão que segurava o galho e a colocou na caçamba da caminhonete.

Onde ele está?, perguntou-se ela. *Ele estava logo atrás de mim. Será que ainda está na floresta, seguindo-me de lá?*

Ela saltou até a porta, tentou abrir a maçaneta, mas estava trancada.

No outro lado.

Ela foi saltando pela frente da caminhonete e tentou a maçaneta do outro lado. Trancada. Ela precisaria quebrar o vidro para entrar, mas precisava fazer isso no lado do motorista, para que pudesse imediatamente acender as luzes e tocar a buzina.

Novamente, ela foi saltando pela frente da caminhonete, tropeçou uma vez, endireitou o corpo e continuou avançando até que viu que, de alguma forma, apesar de não ter ouvido nada, ele estava no meio da rua, mancando em sua direção. A mão esquerda segurava o maxilar e a mão direita segurava a arma, que estava apontada para ela.

A visão dele a apavorou. O rugir do fogo e o som das sirenes abafaram os passos dele. Ela o encarou e o avaliou. Dada a forma como ele mancava por causa do veado que o atropelara, e a forma como segurava o maxilar, era claro que estava ferido. Se atirasse, será que acertaria o alvo? Será que a mira dele era boa?

E isso importa? Basta um único tiro. Um tiro sortudo e será o meu fim. Ele pode disparar cinco vezes. Pode errar quatro tiros. Mas um deles poderá acertar bem no meio da minha testa. Não seja burra.

Ele cambaleou um pouco para a direita. Ela notou a quantidade de sangue que havia no casaco dele, a quantidade de sangue que ainda escorria do nariz e da boca. E perguntou a si mesma quem estava mais fraco. Ele ou ela?

Há outras maneiras de fazer isso.

Que outras maneiras?

Espere que ele se aproxime. Veja o que acontece.

Ela viu a mão dele abaixar um pouco. Será que a arma estava ficando muito pesada?

Ele não vai esperar para ver o que acontece. Ele mesmo está ficando sem tempo.

Ela estava prestes a bater com o galho no vidro em um esforço de soar o alarme da caminhonete quando o *laser* cortou a distância entre eles e tremulou sobre o coração dela. Ela baixou a cabeça e

olhou para o peito, viu que o feixe não saía da área entre os seios e, lentamente, olhou de novo para ele.

Ele sorria para ela, que pensou que aquele fora o sorriso mais feio e mais aterrorizador que vira na vida. Era o sorriso ensanguentado de um monstro devorando alguém que acabara de matar. Era um sorriso que exibia toda a loucura de um monstro.

Ele abaixou a mão livre e enfiou-a no bolso, de onde tirou um chaveiro e balançou as chaves para ela. Em seguida, balançou-as novamente, com mais força, como que para enfatizar a ideia de que vencera.

Tililim, tililim...

— Vá para o outro lado.

Algumas vezes, era difícil entender o que ele dizia, pois estava balbuciando as palavras.

Ele cuspiu e olhou friamente para ela.

— Eu disse: vá para o outro lado. Você vai morrer pelos seus pecados. Mas não aqui. Vamos sair daqui. Você e eu. Entre na caminhonete. Vamos dar uma volta.

CAPÍTULO 41

Se ela entrasse na caminhonete, sabia que ele daria a volta com o veículo e dirigiria para o outro sentido, afastando-se da polícia e do corpo de bombeiros na outra extremidade da estrada. Ele dirigiria para longe da única esperança que tinha de segurança, pararia o carro, faria com que saísse e lhe daria um tiro na cabeça no lado da estrada antes de voltar para pegar o amigo.

Seja lá onde estivesse.

— Você pode muito bem me deixar aqui — disse ela. — Perdi muito sangue. Olhe só para a minha coxa. Ninguém vai poder me ajudar agora. Por que não se salva antes que venham atrás de você?

Era um argumento fraco, mas o que mais ela poderia fazer a essa altura?

Ela esperou que dissesse alguma coisa, mas ele não abriu a boca. Por motivos que ela não entendeu, ele olhou para a esquerda. Depois para a direita. Depois, deu uma volta completa. O feixe do *laser* da arma acendeu e ele começou a apontar a arma, mas não para ela.

— Faça com que se afastem de mim, Maria. E abaixe a arma. Agora.

Não havia ninguém lá. Ele falava novamente com a mulher chamada Maria. A mesma mulher com quem falara na floresta, que também não estivera lá. O olhar no rosto dele mudara de triunfo para preocupação. As sobrancelhas se cerraram. Ele parecia confuso e, se ela entendera corretamente, nervoso.

— Faça com que se afastem de mim! Diga a elas para abaixarem as armas! Não estou brincando!

Ele estava alucinando? Tinha que ser. Cheryl deu um passo para trás.

— Isso não vai terminar assim — disse ele. — Assim não. Nem pensar. Ted não foi suficiente? Você armou tudo. Nós a estávamos procurando e você nos levou até aquele caçador. Agora, os dois

estão mortos. Satisfeita? Deveria estar. Estou avisando, Maria. Abaixe a arma e diga às outras para fazer o mesmo. Faça isso agora ou mandarei vocês todas para o inferno de novo. Eu sou O Escolhido. Dessa vez, será para sempre.

O homem que a perseguira mais cedo estava morto. De alguma forma, um caçador o matara. Ela deu mais um passo para trás.

O calor da floresta em chamas estava ficando intenso à medida que a tempestade de fogo se aproximava da beira da floresta. Ela podia ouvir as fagulhas explodindo, as árvores caindo, os galhos se partindo, tudo caindo no chão atrás de si. Os animais que tiveram sorte suficiente para escapar já tinham desaparecido havia muito tempo. Eram somente eles naquele momento. E o fogo. E a polícia e os bombeiros adiante na estrada que não conseguiam vê-los nem ouvi-los. E seja lá quem for com quem ele falava naquele instante.

Com as duas mãos, ele segurou a arma firmemente à frente. Apontou-a para a esquerda, depois girou o corpo e apontou-a logo à direita dela, na direção em que a polícia e o corpo de bombeiros lutavam uma batalha aparentemente impossível de vencer, como ela. Pelo olhar fixo nos olhos dele, se alguém estivesse parado ao lado dela, ele estaria olhando diretamente para aquela pessoa.

Ele é louco.

Ela achara isso antes e sabia que estava certa. O que a assustava era a imprevisibilidade daquela insanidade. Naquele ponto, naquele momento, qualquer coisa poderia causar uma reação nele que talvez terminasse com a morte dela. Observando-o gritar com pessoas que não existiam, ela sabia que ele estava à beira de um precipício de fúria do qual não conseguiria sair.

— De Gálatas 5:19 — disse ele. — E você escute bem, Maria. Você é a manda-chuva aqui, então escute bem. O mesmo serve para vocês todas, suas vagabundas. Esse foi um dos principais motivos pelos quais todas vocês morreram. Foi por isso que nós as matamos e é por isso que continuarei a matar prostitutas como vocês. "Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: adultério, fornicação, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glutonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais

coisas não herdarão o reino de Deus". Portanto, aí está. Vocês não herdaram e nunca herdarão o reino Dele, porque não são nada além de um bando de prostitutas. Nenhuma de vocês se arrependeu. Nenhuma de vocês caiu de joelhos, buscou a palavra de Deus nem pediu por sua alma. Em vez disso, estão aí paradas me julgando. *Eu*. De todas as pessoas — *eu*! Vocês zombam de mim, mesmo sabendo que tenho o poder de canalizá-Lo. Apontam as armas para mim como se *eu* fosse o inimigo. Mas não sou. Estou fazendo o trabalho de Deus. Eu fui escolhido. *Vocês* são o inimigo. Será que *entendem* agora? São *vocês*. Não eu.

Ele se virou subitamente para longe dela, parecendo encarar outra pessoa.

— Do que você acabou de me chamar? Acha que sou louco? Foi isso que disse? Foi, não foi? Bem, deixe-me lhe dizer uma coisinha, senhorita, eu ouvi isso a minha vida inteira. Ouvi isso dos meus pais, que me jogaram para fora de casa quando eu tinha dezoito anos. Ouvi isso dos meus professores, que não entendiam por que eu sempre carregava o Livro comigo e o lia na sala de aula, quando queriam que eu aprendesse alguma besteira inútil como química, história ou matemática. Ouvi isso das pessoas na rua, quando participei de protestos contra o aborto. Ouvi isso tudo e não significa nada para mim porque não é verdade.

Ele estava de costas para ela. Cheryl Dunning olhou novamente para baixo, para o pedaço de árvore morta que usava como muleta, e sentiu o peso dele. Não era pesado, mas também não era leve. Ele estava a uns dois ou três metros de distância. Será que conseguiria fazer isso? E, se não o fizesse, o que aconteceria? De qualquer forma, ele a mataria. Era só uma questão de tempo. Se não agisse enquanto tinha a oportunidade — e achava que tinha uma boa oportunidade naquele momento — ela se arrependeria para sempre, mesmo que sempre, no mundo dela, estivesse reduzido a poucos instantes.

Ela ergueu o galho silenciosamente sobre a cabeça, deu um passo à frente e ouviu a perna machucada se arrastando no asfalto.

Ela ficou imóvel ao ouvir o som e olhou para ele, que estava totalmente fora de si, gritando com alguém que não estava lá. E, se a tinha escutado, não agia como se o tivesse. Ele apontava o dedo

para algo que não estava lá. Balançava-o para alguém que só ele conseguia ver. Gritava algo sobre o poder de Deus e como ele, sendo O Escolhido, era a única pessoa viva que podia canalizar aquele poder.

— Eu estou aqui por causa Dele. Estou aqui para executar as leis Dele. Você entendeu? Consegue entender o meu papel? A importância que ele tem?

Ela deu outro passo à frente, dessa vez inclinando o corpo para a esquerda para que a perna não arrastasse com tanta força. Manteve o galho levantado, quase como se fosse um taco de beisebol, e uma onda de adrenalina a percorreu ao perceber que talvez tivesse sucesso. Olhou para a parte de trás da cabeça dele, deu outro passo à frente e prendeu a respiração. Estava quase ao alcance. A voz dele invadia a noite.

Eles mataram Patty. Mataram a minha amiga. Quase me mataram. Se ele viver, quantas outras mulheres matará?

Com a fúria aumentando, ela deu outro passo. E um último, só que, dessa vez, o pé direito ficou preso em alguma coisa — uma pedra no asfalto — e ela tropeçou.

E ele ouviu.

Ele se virou depressa e a encarou.

O tempo parou.

A luz do fogo brilhava sobre o rosto contorcido dele. Jogava sombras sobre ele, sobre o nariz quebrado e sobre a boca que parecia saída de um filme de terror sangrento.

— Você — disse ele.

— Isso mesmo, eu.

Antes que ele pudesse erguer a arma, Cheryl Dunning usou as últimas forças que ainda tinha e brandiu o galho como se fosse um taco. Ela o balançou com a mesma força com que o fazia quando jogava beisebol com o pai no Broadway Park. Ela o balançou como um campeão querendo jogar a bola para fora do estádio para que pudesse percorrer todas as bases enquanto o pai torcia. Ela o balançou mirando na cabeça e bateu-o com força no crânio dele.

Mas ela perdeu o equilíbrio e caiu sobre o homem no momento em que ele desviou para a esquerda. Cheryl deixou o galho cair e estendeu a mão para buscar apoio no casaco dele.

Foi a pior coisa que poderia ter feito.

Ela caiu para trás e, com as mãos ainda agarradas ao casaco dele, puxou-o para baixo e ele caiu bem em cima dela.

CAPÍTULO 42

Por um momento, atordoados, os dois ficaram deitados lá, ela de costas com as pálpebras tremulando e ele sobre o corpo dela, com a massa ensanguentada da boca pressionada contra sua bochecha.

Ele não se movia, mas estava respirando. Cheryl conseguia sentir o hálito quente batendo na bochecha e se sentiu frustrada por não tê-lo matado. Ela estava presa no chão de tal forma que não conseguia ver o que tinha feito na cabeça dele. Quanto dano causara?

— OOOOOOOG... — disse ele.

Não fora dano o suficiente.

Ela tentou tirá-lo de cima de seu corpo, mas ele era pesado e musculoso. Rapidamente, percebeu que não tinha a força necessária para erguê-lo nem empurrá-lo para o lado. Portanto, ela se contorceu, mas, ao fazê-lo, só conseguiu despertá-lo ainda mais. Os olhos dele se abriram e, apesar de inicialmente ele não ter ideia de para onde olhar, em certo momento os olhos se encontraram com o dela e mantiveram-se lá. Ela se contorceu com mais força, mas não adiantou. Não havia como movê-lo

E ele fez algo que ela nunca esperaria. Sorriu para ela, a boca parecendo um buraco ensanguentado cheio de ódio, com menos dentes do que ela pensara que teria. Ela observou a língua grossa sair da boca e passar sobre o lábio inferior rachado. Ele ainda não estava totalmente consciente — era como se estivesse saindo de um estado de sedação — mas estava se aproximando do estado totalmente alerta, o que a deixou aterrorizada.

Ela abriu os braços e começou a tatear o chão, esperando encontrar a arma ou uma pedra — algo com que pudesse acabar com ele de uma vez por todas. Mas não encontrou nada.

E então ela se deu conta.

Mas tenho as mãos.

Ela olhou para o pescoço dele, notou como era grosso e perguntou

a si mesma se conseguiria. Será que conseguiria apertar o pescoço dele até que a vida se esvaísse do corpo? Apesar de muito forte, ele estava em situação bem ruim.

Ela ansiava. Ansiava pela morte daquele homem por tudo o que fizera a ela e pelo que ele e o parceiro morto fizeram a Patty e às outras mulheres. Queria assistir enquanto os olhos dele se arregalassem em terror quando percebesse que era ele quem estava morrendo, não outra pessoa.

Será que conseguiria?

Provavelmente não.

Mas, mesmo assim, Cheryl Dunning agarrou o pescoço dele.

CAPÍTULO 43

No momento em que ela começou a apertar, os olhos dele se focalizaram parcialmente e o corpo sacudiu por puro instinto, mas Cheryl Dunning não o largou.

— Morra! — gritou ela em uma voz tão rouca que não soava como se fosse sua. — Morra!

Mas ele não estava pronto para a morte. Ainda não. Ele lutou. Em modo de pura sobrevivência, avançou com as próprias mãos em direção ao pescoço dela, mas recuou quando ela cuspiu em seus olhos.

Provavelmente por causa do sangue seco que tinha na boca, foi o suficiente para que ardesse e fizesse com que ele recuasse. Mas, como ela ainda tinha as mãos em volta do pescoço dele, acabou sendo erguida com o movimento. Ela empurrou o homem com a perna boa e jogou o corpo sobre o dele quando ele caiu para trás.

Enquanto ela apertava com força cada vez maior, ele começou a se sacudir. Mesmo na luz alaranjada do fogo, podia perceber que o rosto dele ficava vermelho.

— AHHH! — gritou ele. — AHHHH!

— Foda-se você e o seu deus — disse ela. Inclinando-se sobre ele, o peso todo do corpo pressionado sobre o pescoço dele. Ela apertou o máximo que conseguiu, mas era difícil. Ele era muito forte. O pescoço era quase largo demais para que as mãos pequenas pudessem esmagá-lo.

Como um besouro de costas, ele tentou furiosamente se levantar. Os olhos começaram a se arregalar. Os polegares dela pressionavam diretamente sobre a traqueia, tentando afundá-la. Para fazê-lo abaixar a guarda, cuspiu novamente no rosto dele, o que o pegou de surpresa e ela pôde novamente apertar com mais força. Um dos punhos dele voou e bateu contra as costelas dela. O golpe foi forte o suficiente para quase derrubá-la, mas Cheryl Dunning estava lutando pela sua vida. Quando morrera da primeira vez, não tivera

oportunidade de se defender nem de lutar. Mark Rand simplesmente a rendera inconsciente, estuprara-a, pegara a faca, cortara a garganta dela e a deixara para morrer.

Mas não dessa vez. Dessa vez, ela lutou.

— Morra! — gritou ela.

O punho dele subiu novamente, saindo do nada, dessa vez batendo no rosto dela e jogando-a para longe.

Estonteada, ela caiu no chão. O rosto queimava por causa do soco. Ela o ouviu arquejando, tentando respirar, começando a se erguer atrás de si.

A arma. Ele vai tentar pegar a arma.

Ela girou o corpo e procurou a arma, encontrando-a a poucos metros. Rastejou até onde estava e a pegou. Em seguida, virou-se e mirou no rosto dele.

Ele estava de pé, cambaleando. No lado da cabeça, onde ela o atingira com o galho, havia sangue, mas não a ferida enorme que esperara ver. Apesar de ter batido com força, não fora suficiente. Estava fraca demais para causar qualquer dano real. O que fizera fora deixá-lo inconsciente, talvez causara uma concussão leve, mas nada além disso.

Ela fracassara.

Mas a arma mudava tudo. A arma o mataria. E ela pretendia terminar aquilo imediatamente.

— Agora você está morto — disse ela.

Ele esfregou o pescoço e começou a voltar à realidade. — Não, não estou.

— O diabo que não está. — Ela apertou o gatilho de leve e apontou o feixe do *laser* para o centro da testa dele, onde ficou tremeluzindo. Ele inclinou a cabeça, abriu aquele sorriso medonho que ela destruíra com a pedra e estendeu os braços nos lados do corpo. Naquele momento, com o corpo banhado pela luz da floresta que queimava, ele parecia uma cruz em chamas.

— Vá em frente — disse ele. — Atire em mim. Mande-me para o céu. Ele vai me ressuscitar. E voltarei para pegar você. E as coisas serão piores. Vou fatiar você. Vou prendê-la em uma mesa, pegar uma faca e devorá-la viva.

Ela puxou o gatilho.

Nada.

Horrorizada, ela o puxou novamente. E mais uma vez.

Clique, clique, clique.

O pente estava vazio.

Clique, clique, clique.

Estivera vazio o tempo todo. Ele gastara as últimas balas na floresta. Devia ter sabido disso. É claro que sabia.

Os olhos deles se encontraram.

Uma luz azul passou sobre o rosto dele, que olhou além dela, abaixando os braços ao lado do corpo. Ela queria olhar para trás, mas não o fez. A luz azul continuou a piscar, ficando cada vez mais forte. Ela ouviu o som de um motor. Uma sirene. Finalmente, a polícia vinha na direção deles. Alguém os vira.

Acabara.

Só que ainda não.

Ele avançou para ela, jogou o peso todo sobre o corpo dela, que sentiu um dos ossos da perna ferida estalar ao cair para trás. As costas bateram na estrada e depois a cabeça, o que fez com que afundasse na longa estrada cinzenta e lentamente adormecesse. Ela ouviu alguém gritar. Ouviu alguém dizer "*Parado aí!*". Em seguida, começou a mergulhar em uma escuridão familiar.

Ela já passara por aquilo.

Estou morrendo.

O pensamento não era confortador nem calmante — era horrível. A ideia a deixava enojada. Como isso podia estar acontecendo novamente?

Mas estava acontecendo. Ela conhecia a sensação de não ter peso algum. Lembrava-se desse momento indesejado. Cheryl respirou fundo. Mas não seria a última vez que respiraria. Ainda não. Ainda não.

Ainda não.

Antes de abandonar o corpo totalmente, ela abriu os olhos, olhou para cima encarando a fúria no rosto azul e laranja dele e viu que o triunfo retornara aos seus olhos. E, com as partes do corpo que ainda tinha força para mover, as mãos reflexivamente se ergueram, os polegares se transformaram em adagas e ela os enterrou fundo nos olhos dele até sentir que afundavam, rompiam e explodiam sob a

pressão puramente da fúria que sentia.

EPÍLOGO

QUATRO MESES DEPOIS

JANEIRO

Patty Jennings estava parada em meio ao entulho da cozinha, entre fileiras de caixas, todas empacotadas e empilhadas para a mudança para Portland, onde finalmente decidira morar e começar uma vida nova.

A mudança começaria naquele dia, em cerca de quinze minutos, quando a empresa de mudanças deveria aparecer e levá-la para fora de lá.

Ela não queria mais saber de Bangor. Estava na hora de colocar a cidade, o povo e as ideias preconceituosas que tinham sobre quem ela era ou não era para trás. Ela não seria mais a piada da cidade. Em Portland, ela não conhecia ninguém e ninguém a conhecia, com exceção de seu novo patrão, que ela estava ansiosa em ver novamente, pois era o irmão de James Coleman. Como James, ele também era advogado, tinha um escritório bem-sucedido em Portland e, por causa de James — e uma ajuda bem significativa da mulher dele, Barbara — agora ela era a assistente executiva de William Coleman.

Nada mal para a vagabunda da cidade, pensou ela.

Nevava lá fora e a casa tinha o ar frio que vinha não da falta de calor, mas da falta de itens pessoais que dessem aconchego. A gata de Cheryl, Blanche, estava sentada sobre uma das caixas, parecendo tão entediada como sempre. Nada a abalava. Nem mesmo a mudança. Patty a amava por isso.

Blanche era um rochedo.

Patty a acolhera quatro meses antes, logo depois do incidente que ainda a assombrava. E, à medida que o outono se transformava em inverno, ela cada vez mais pensava em Blanche como a sua gata. O

que era uma boa coisa, pois agora estavam presas uma à outra para o que desse e viesse.

— Nos momentos bons e nos ruins, hein, Blanche?

A gata fechou os olhos como se não estivesse interessada, mas Patty conseguia ouvi-la ronronando a dois metros de distância.

Esse fora apenas o terceiro apartamento que tivera na vida e, ao andar em torno com os braços envolvendo o corpo, ela se lembrou dos poucos bons momentos que tivera ali, normalmente um filme e uma pizza com Cheryl no sábado à noite, e outras memórias que preferia esquecer.

Deixar um lar era parecido com deixar uma parte de si para trás. Era acompanhado de uma dor, uma sensação de fim que não era diferente de uma morte. Na maior parte, com exceção do tempo com Cheryl, a vida de Patty Jennings fora solitária. Bem cedo, a infelicidade a encontrara, decidira que gostava dela e achou melhor mantê-la daquela forma. Obviamente, ela tivera alguns bons momentos na vida. Mas, ao passar de aposento em aposento, onde morara a maior parte dos últimos seis anos, era impressionante como nada de emocionante acontecera com ela ali. Com exceção, claro, do estupro que mudara tudo.

Até mesmo ela se surpreendia por ter permanecido lá por tanto tempo depois do ataque. Mas, considerando tudo o que acontecera, não estivera mentalmente preparada para uma mudança.

Sabendo como as coisas eram difíceis para ela, seis meses antes Barbara Coleman chamara um serviço de limpeza para fazer uma faxina no apartamento. Ela levara Patty ao *shopping center* e, juntas, escolheram roupas de cama novas, toalhas novas, cortinas novas, roupas novas, e jogaram todas as coisas velhas no lixo. Barbara dissera que ela e James estavam procurando um novo conjunto para a sala de estar e para o quarto e insistiram que ficasse com os deles, apesar de Patty saber, quando eles chegaram, que não tinham mais do que poucos meses de uso.

O esforço de Barbara parecia ter duas finalidades: mudar o apartamento o suficiente para que parecesse novo para Patty e tentar se livrar de qualquer traço dele e do que fizera a ela lá. Apesar de, em certo nível, Barbara ter conseguido atingir seu objetivo, o que Patty nunca diria, pois amava Barbara, era que,

depois do que o homem fizera com ela e especialmente com Cheryl, nada nunca conseguiria apagar a memória que tinha dele.

Do lado de fora, ela ouviu o som de uma van parando ao lado da calçada em frente à porta principal. O apartamento ficava no térreo e, pelo menos, a mudança seria mais fácil, considerando a quantidade de neve que caía. Antes que os carregadores saíssem do caminhão, ela foi até a cozinha, pegou o celular e discou.

Cheryl Dunning atendeu no segundo toque. — Eles estão aí?

— Acabaram de chegar.

— Você está pronta?

— Está brincando? Vamos dar o fora daqui — disse Patty. — Vamos para Portland, entrar no nosso novo apartamento, sair para jantar amanhã à noite para comemorar e começar do zero. Estou empolgada. E você?

— Você não faz ideia — disse Cheryl. — Eu queria poder ajudar, mas a minha perna ainda está ruim. Dê um beijo em Blanche por mim. Diga a ela que sinto muito a falta dela. Vejo você e os carregadores em alguns minutos.

* * *

N parte de trás da casa dos Coleman, Cheryl Dunning se apoiou na bengala enquanto ela e Barbara Coleman inspecionavam o apartamento, com as pilhas de caixas ocupando a maior parte da cozinha e um bom pedaço da sala de estar. Ele parecia remoto e gelado para Cheryl, que morara lá por anos e que aprendera a amá-lo tanto quanto amava os Coleman.

A ausência de Blanche, que estava sob os cuidados de Patty desde as duas cirurgias que Cheryl sofrera na perna, só aumentava a aridez.

— Há alguns dias, veio um serviço de limpeza aqui e pedi um orçamento para limpar o apartamento — disse Cheryl. — Não consigo limpá-lo sozinha e peço desculpas por isso. Mas como sei que nunca permitiria, deixei a faxina paga antes de saírem. Eles virão aqui hoje à tarde. Eu me formei com a dona da empresa. Éramos amigas

naquela época. Ela fará um excelente trabalho para você e James, tenho certeza disso.

— Você sabe que íamos cuidar disso, Cheryl. Você precisa do dinheiro extra. Não é problema para nós.

Cheryl sorriu para a mulher mais velha que tinha um sorriso maternal no rosto. Ela se juntara ao pai e ao avô nos cuidados com Cheryl nos quatro meses anteriores. Ela colocou a mão livre no ombro de Barbara e elas se abraçaram. — Vou sentir tanta saudade de você — disse Cheryl. — Tem sido tão boa comigo. Muitas pessoas não foram.

— Ora, não me faça chorar. Você sabe que tenho o coração mole.

Elas se afastaram e Barbara colocou a mão no rosto de Cheryl. Os olhos dela brilhavam, provavelmente porque era realmente o fim de quatro meses difíceis, que começaram quando ela morrera na ambulância a caminho do hospital, apenas para ser levada de volta à vida pelos médicos ao chegar lá.

Houve uma batida na porta. Cheryl olhou para Barbara, ergueu a sobrancelha e foi atender. Eram o pai e o avô que vinham se despedir. Os dois eram homens altos. O pai tinha cinquenta e quatro anos, cabelos castanhos, rosto sulcado, os olhos da cor do céu em um dia nublado. O avô era quase igual ao pai, com algumas poucas diferenças decorrentes da idade: os cabelos eram grisalhos e ele não ficava com o corpo tão ereto quanto costumava. Mas ele era extremamente forte — ela sabia disso.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou o avô.

— Tenho certeza.

— Porque você não precisa, se não quiser — disse o pai.

— Na verdade, preciso. Será um alívio deixar isso tudo para trás e começar do zero em outro lugar. E só estarei a duas horas de distância. Não se esqueçam disso. Eu poderia ter escolhido Boston. Patty e eu consideramos a ideia por um momento. — Ela cutucou o braço dele. — Você sabe, se ainda tiver disposição, podemos jogar bola entre Bangor e Portland.

Mas o pai não estava de bom humor. Ele parecia grave e preocupado, mas, mesmo assim, acenou com a cabeça para Barbara Coleman. — Então acho que devemos agradecer à Sra. Coleman por ter ajudado Patty a conseguir um emprego fora daqui.

— Só o que fiz foi oferecer apoio — disse Barbara.

Os homens agradeceram a ela.

— Para onde vocês dois vão? — perguntou Cheryl. — Estão vestidos a caráter. Vão pescar no gelo?

— Está na época — disse o pai. — Mas decidimos passar aqui primeiro e dar a você uma lembrança.

— Um beijo e um abraço?

— Outra coisa, mas esses dois também. Desde que peça com jeitinho.

— Você é um chato.

— Encontrei uma coisa na garagem — disse ele. — Mal acreditei quando vi. Queria guardar para mim mesmo, o que significa que é para você. É como eu sempre lhe disse. Para a pessoa certa, para aquela que entende, você sempre dá o que quer para si mesmo.

— Mamãe também costumava dizer isso.

— É verdade. Ela era uma boa mulher.

— A melhor.

— Não havia melhor.

— Então, o que é?

Ele colocou a mão no bolso do casaco e retirou a bola de beisebol que eles costumavam jogar no jardim quando ela era pequena. Cheryl a reconheceu imediatamente e colocou a mão sobre a boca. — Não vejo isso há anos.

Ele a entregou a ela. — Nós nos divertimos muito com ela, não foi, garota?

Ela começou a chorar. — Vou sentir tanta falta de vocês — disse ela, abraçando-os. — Mesmo que eu telefone todas as noites, vou sentir saudades. Vocês não fazem ideia do quanto. Obrigada por terem me ensinado tudo o que sei. Salvaram a minha vida naquela floresta.

— Não, Cheryl, querida — disse o avô. — Você salvou a própria vida. Não se esqueça disso. Era você quem estava lá naquela floresta. Sozinha. Era você quem estava lutando contra ele. Sozinha. Pense nisso e nunca se esqueça. Não foi seu pai nem eu. Você sobreviveu porque enfrentou aquele filho da puta e lutou contra ele. Você sobreviveu por ser quem é. Você é uma sobrevivente. Deixou toda a família muito orgulhosa, especialmente nós dois.

Principalmente nós dois.
Ele olhou para Barbara. — Desculpe-me o linguajar, senhora.
— Não é preciso se desculpar. Ele *era* um filho da puta — disse Barbara. — E não me importo de dizer que fico feliz porque aquele policial atirou nele e o matou, depois do que ele fez a Cheryl e a todas as jovens garotas que a polícia ligou a ele e ao amigo. Ele merecia morrer. Espero que ele apodreça no inferno.

* * *

Quando todos saíram, incluindo Barbara, que disse que voltaria com James quando o caminhão de mudança chegasse, Cheryl encontrou uma caixa mais resistente e se sentou nela.

Ela estava cansada. Toda aquela provação tivera um preço. Os sonhos eram pesadelos. Os dias não eram muito melhores. Mas ela estava seguindo em frente. Estava saindo de lá. O que era uma bênção porque, depois de tudo pelo que passara nos quatro meses anteriores, precisava começar do zero.

Nos meses que se seguiram ao que acontecera na floresta, sofrera duas cirurgias na perna, uma para endireitar o fêmur que quebrara quando ele caíra sobre ela e outra para remover a bala da coxa. Meses de fisioterapia a ajudaram a chegar ao ponto em que estava. Conseguia caminhar com a ajuda da bengala e, logo, talvez em uns dois meses, disseram que não precisaria mais do apoio. E que poderia caminhar normalmente de novo.

Mas ela não tinha mais certeza do que era normal.

Para uma mulher que já morrera duas vezes antes dos trinta anos, Cheryl Dunning se sentia incerta sobre o futuro. Considerando tudo pelo que passara, ela achava que tinha todo o direito de se sentir assim, apesar de não querer.

As cicatrizes do passado tinham se assentado e continuavam a afundar, de forma parecida com ácido, queimando através dela. Quando estava com Barbara ou James, com o pai ou com o avô, ou até mesmo com Patty, para quem um dia abriria o coração, ela tentava mascarar as cicatrizes com uma alegria que não sentia. O

que sentia era desespero. O que sentia era o medo do desconhecido. Era a ideia de que, se isso já acontecera duas vezes com ela, por que não poderia acontecer novamente? É claro que podia. Provavelmente aconteceria. Mas quando?

Ela decidiu não contar a ninguém sobre as preocupações que tinha nem sobre o estado de sua saúde mental, que era tão precário que sabia que, em breve, precisaria consultar um terapeuta.

Mas não via motivo para preocupar a família e os amigos mais do que já se preocupavam com ela. Tudo o que eles queriam era o melhor para Cheryl. Ela sabia disso e resolveu seguir em frente com uma atitude animada em um esforço para fazer com que se sentissem melhor. Será que ela conseguiria se livrar dos sentimentos que tinha? Não sabia. Provavelmente não. Talvez sim. No mínimo, apesar de Mark Rand e Kenneth Berkowitz terem conseguido tirar a vida dela, fora apenas por um momento. O que significava que eles tinham fracassado nas duas vezes, certo?

E isso valia alguma coisa, certo?

Cheryl Dunning se levantou e foi até a janela da cozinha. Estava nevando e não havia sinal do caminhão de mudança. Ela percorreu com os olhos a rua que amava, guardando-a na memória. Com a bengala em uma das mãos e a bola de beisebol na outra, ela andou pelo apartamento e sentiu como se as paredes estivessem se fechando sobre ela, a ponto de desejar que Blanche estivesse lá. A gata, com seu jeito quieto, sabia como confortá-la.

# # #